



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

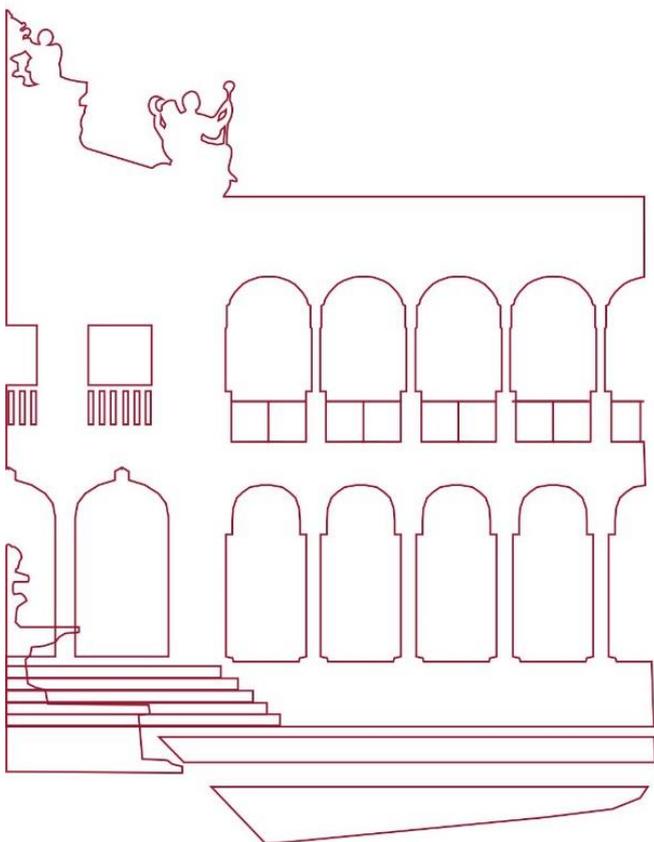
**CULTUREMAS DA GASTRONOMIA CEARENSE:
CONTRIBUTOS PARA A FRASEOLOGIA DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Expedito Wellington Chaves Costa

Orientadoras | Doutora Maria João Broa Martins Marçalo
Doutora Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de
Doutor em Linguística.

Évora, julho 2019





UNIVERSIDADE DE ÉVORA

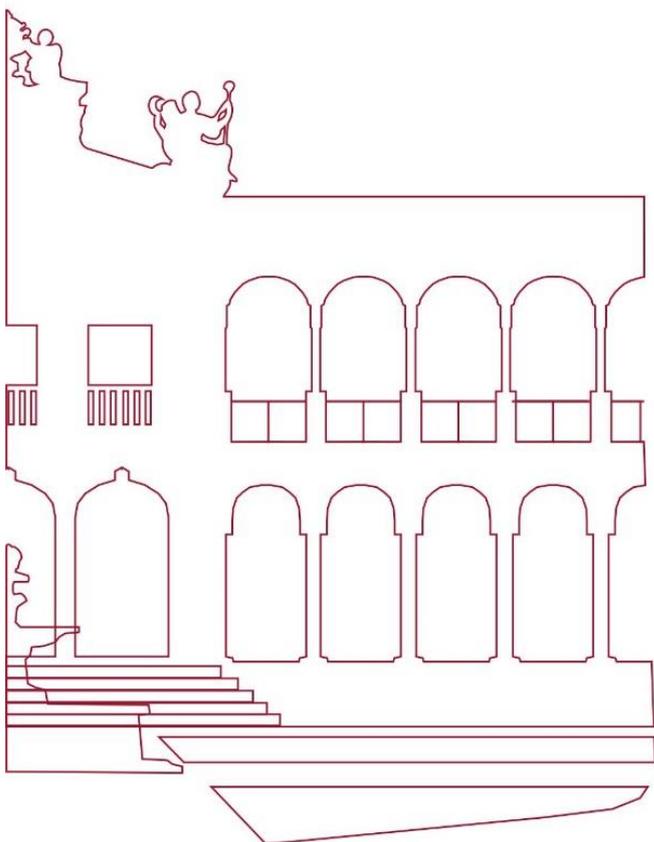
**CULTUREMAS DA GASTRONOMIA CEARENSE:
CONTRIBUTOS PARA A FRASEOLOGIA DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Expedito Wellington Chaves Costa

Orientadoras | Doutora Maria João Broa Martins Marçalo
Doutora Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de
Doutor em Linguística.

Évora, julho 2019





UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Data da Aprovação da Tese 15 de julho de 2019

COMPOSIÇÃO DO JÚRI

Presidente: Doutora Maria Filomena Gonçalves, Professora Associada c/ Agregação da Universidade de Évora.

Vogais:

Doutor António Pamies, Professor Catedrático da Universidade de Granada – Espanha.

Doutora Maria do Céu Brás da Fonseca, Professora Auxiliar c/ Agregação da Universidade de Évora.

Doutora Catarina Isabel Sousa Gaspar, Professora Auxiliar da Universidade de Lisboa.

Doutora Maria João Broa Martins Marçalo, Professora Auxiliar c/ Agregação da Universidade de Évora.

Doutora Ana Alexandra Lázaro Vieira da Silva, Professora Auxiliar da Universidade de Évora.

AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho deve ser construído na solidão do seu autor ou em condições materiais adversas, por isso ficam aqui os mais sinceros agradecimentos

a Deus, pela saúde e pela disposição para realizar este trabalho;

à família, especialmente à Daiana – companheira de todas as horas – pela compreensão das necessárias ausências;

aos colegas de trabalho, pelo incentivo constante;

ao professor Antonio Pamies Bertrán, pela brevidade em responder a pedidos e pela relevância de tantas indicações bibliográficas;

à professora Guilhermina Jorge, pelo pontual envio de textos tão importantes a esta pesquisa;

ao Instituto Federal do Ceará – *campus* Crateús, pela cessão do tempo necessário à realização desta pesquisa;

ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora, pelas oportunidades para debater, nas Jornadas de Doutoramento, com professores, colegas de curso e público externo;

e, por fim e de maneira muito especial, às professoras Rosemeire Selma Monteiro-Plantin e Maria João Marçalo, pelos debates iniciais acerca da fundamentação teórica e do objeto desta investigação, pela sabedoria em tantas orientações e correções de percurso e pela paciência elogiável na condução dos rumos que esta tese assumiu.

RESUMO

Os culturemas têm, progressivamente, ocupado espaço nos estudos de linguística aplicada, em especial na área da lexicografia. Eles são símbolos culturais específicos, estruturados em lexias simples ou complexas, com significado correspondente a um conceito, atividade, ideia, crença, hábito, etc. culturalmente relevante e simbólico para os membros de uma comunidade e devem servir de referência para se conhecer a cultura desta. Logo, são objetivos desta investigação: 1. Inventariar culturemas da gastronomia cearense como potencializadores da criação/existência de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas como contributos para a língua portuguesa; 2. Revisar criteriosamente a literatura existente sobre culturemas, metáfora, expressões idiomáticas e unidades fraseológicas; 3. Apresentar as relações estabelecidas entre língua e cultura, através do léxico; 4. Expor o maior número possível de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas oriundas de culturemas da gastronomia cearense, como contributos à língua portuguesa; e 5. Elaborar um glossário de culturemas da gastronomia cearense, comprovando os contributos deles para a língua portuguesa, além do vínculo inseparável entre cultura e língua, através do léxico. Para fundamentar o trabalho, recorreu-se a Bauman (2012), Biderman (1978; 1981; 2001), Cabral (1972), Coseriu (1979), Cuche (1999), Faulstich (2010), Girão (2000), Isquerdo e Kriger (2004), Luque Nadal (2009), Nunes (2006), Pamies Bertrán (2008; 2011; 2012), Seraine (1959), Vilela (1997; 2002), entre outros. Do ponto de vista metodológico, optou-se pela pesquisa bibliográfica, em especial por ela permitir um novo olhar sobre objeto já existente; no caso desta investigação, verifica-se a publicação de diversos dicionários de falares do Ceará, contudo não se tem conhecimento de uma obra lexicográfica dedicada aos culturemas da gastronomia cearense e os contributos deles para a fraseologia da língua portuguesa, como a que se compôs aqui. Isso demonstra o ineditismo desta pesquisa. Com a realização dos objetivos, foi possível a composição de um glossário de culturemas da gastronomia cearense, no qual se verifica a relação da língua com a cultura através do léxico, que permite entender comportamentos socioculturais, crenças valores e hábitos de grande parte do povo cearense.

Palavras-chave: Cultura. Língua portuguesa. Culturemas. Gastronomia. Ceará.

ABSTRACT

Culturemas of Ceara gastronomy: contributions to the phraseology of the portuguese language

The culturemas have progressively occupied space in the studies of applied linguistics, especially in the area of lexicography. They are specific cultural symbols, structured in simple or complex lexias, with meaning corresponding to a concept, activity, idea, belief, habit, etc. culturally relevant and symbolic for the members of a community and should serve as a reference to know the culture of this community. Therefore, the objectives of this research are: 1. To inventory culturemas of Ceará gastronomy as potentiators of the creation / existence of idiomatic expressions and phraseological units as contributions to the Portuguese language; 2. Carefully review the existing literature about culturemas, metaphor, idiomatic expressions, and phraseological units; 3. To present the relations established between language and culture, through the lexicon; 4. To expose the greatest possible number of idiomatic expressions and phraseological units derived from the culinary arts of Ceará, as contributions to the Portuguese language; and 5. To elaborate a glossary of culturemas of the cuisine of Ceará, proving their contributions to the Portuguese language, as well as the inseparable link between culture and language, through the lexicon. In order to justify the work, we used Bauman (2012), Biderman (1978, 1981, 2001), Cabral (1972), Coseriu (1979), Cuche (1999), Faulstich (2010), Girão (1997), Luís Nadal (2009), Nunes (2006), Pamies Bertrán (2008, 2011, 2012), Seraine (1959) and Vilela (1997, 2002), among others. From a methodological point of view, we opted for bibliographical research, especially because it allows a new look at an already existing object; in the case of this investigation, the publication of several dictionaries of speeches of Ceará is verified, however, there is no knowledge of a lexicographic work dedicated to the culture of Ceará cuisine and their contributions to the phraseology of the Portuguese language, such as the one composed here. This demonstrates the novelty of this research. With the accomplishment of the objectives, it was possible to compose a glossary of culinary culture of Ceará, in which the relationship between language and culture through the lexicon is verified, which allows us to understand socio-cultural behaviors, beliefs values and habits of much of the people of Ceará.

Keywords: Culture. Portuguese language. Culturemas. Gastronomy. Ceará.

Sumário

Apresentação	09
Capítulo 1: A pesquisa – localização e descrição	10
1.1 Introdução / Apresentação do problema.....	10
1.2 Objetivos / Questões de pesquisa.....	13
1.2.1 Geral.....	13
1.2.2 Específicos.....	13
1.3. Justificativa / Contextualização.....	14
1.4. Metodologia / Constituição do <i>corpus</i>	19
Capítulo 2: O estado da arte	29
2.1 Cultura – história e complexidade do conceito.....	29
2.1.1 Culturas populares: espaços de poder por afirmação.....	38
2.1.2 Cultura como conceito diferencial, segundo Zygmund Bauman.....	44
2.2 Relações entre língua e cultura – a evidência do léxico.....	45
2.3 Culturemas como representação.....	52
2.3.1 Culturemas: origem e expansão conceitual.....	53
2.3.1.1 Culturemas universais e culturemas específicos.....	58
2.3.1.2 Critérios para delimitação dos culturemas.....	59
2.3.1.3 Funções dos culturemas.....	61
2.3.2 Culturemas linguisticamente representados.....	62
2.4 Gastronomia como herança de cultural imaterial.....	64
2.4.1 Patrimônio cultural imaterial.....	64
2.4.2 Gastronomia como cultura afirmativa.....	68

2.4.3 Ceará – seu povo e sua cultura.....	71
2.4.4 Gastronomia (típica) do Ceará.....	78
2.5 Panorama dos estudos fraseológicos.....	79
2.5.1 Lexias complexas e fraseologismos.....	80
2.5.2 Fraseologia como disciplina.....	81
Capítulo 3: O <i>corpus</i> da pesquisa.....	84
3.1 Organização, análise e debate do <i>corpus</i>	84
3.1.1 Culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à fraseologia.....	89
3.2 Metáfora: percurso necessário.....	102
3.3 Expressões idiomáticas: unidades léxico-culturais compartilhadas.....	105
3.4 Unidades fraseológicas: grau ampliado de coesão.....	108
Capítulo 4: O glossário de culturemas.....	113
4.1 Fundamentos para dicionários culturais.....	113
4.1.1 Dicionários de falares do Ceará.....	116
4.2 Glossário de culturemas da gastronomia cearense.....	118
Considerações finais.....	151
Referências.....	157

APRESENTAÇÃO

O estágio atual de desenvolvimento da linguística contemporânea permite grande diversidade de investigações em torno dos fenômenos da língua, especialmente na perspectiva funcional, que considera, para além dos aspectos formais, os semânticos e pragmáticos no decorrer das interações. Dessa forma, as regras da pragmática regem as práticas de interação como uma atividade cooperativa e as da semântica se unem às da fonologia e da sintaxe relacionadas às expressões linguísticas. Com isso, compreende-se que as leis da evolução linguística são sociais, logo mutáveis.

Acerca da língua, o modelo funcionalista adota uma concepção diferenciada, com base na premissa de que forma e conteúdo ultrapassam os limites da gramática, por isso devem ser analisados conforme as ocorrências de uso. É necessário, portanto, que na análise sejam considerados os aspectos extralinguísticos, pois a língua é constituída por um sistema de relações. Isso permite afirmar que as manifestações linguísticas são acessíveis às pressões do uso e que os usuários são capazes de codificar, decodificar, interpretar e usar satisfatoriamente as expressões, pois possuem informações pragmáticas decorrentes de suas experiências linguísticas e culturais.

É nesse conjunto de perspectivas que, em linhas gerais, este trabalho se situa, porque busca descrever o funcionamento da língua portuguesa inscrita na gastronomia do Ceará e suas relações com a cultura. Ao apropriar-se dos conceitos de culturemas, foi possível relacioná-los aos de cultura, gastronomia e metáfora para compor um acervo léxico bastante profícuo em contributos para a fraseologia da língua portuguesa, em formas de expressões idiomáticas (ou locuções) e de unidades fraseológicas (ou enunciados fraseológicos). Disso resultou a composição de um glossário de culturemas da gastronomia cearense, cujos objetivos maiores são resgatar, registrar, organizar e divulgar a cultura linguística local.

Importa informar também que esta pesquisa está redigida em conformidade com as regras da língua portuguesa vigentes no Brasil, visto que o trabalho foi desenvolvido no país e o *corpus* analisado é genuinamente brasileiro, por isso considerou-se coerente adotar as referidas convenções de escrita.

1. A PESQUISA – Localização e Descrição

1.1 Introdução / Apresentação do problema

Na atualidade, é fácil apresentar situações em que se depende da língua [e no caso específico desta pesquisa, da língua portuguesa] nas interações sociais do cotidiano. Todavia, pelo hábito de convivência com as características e o funcionamento dela, talvez nem sempre sejam percebidas todas as suas possibilidades de uso.

A língua é uma criação social dinâmica, portanto, em torno dela, está a comunicação entre as pessoas em uma sociedade, para expressar sentimentos; informar fatos; convencer outra pessoa de algo; registrar um momento, uma descoberta, uma pesquisa ou uma conquista; descrever uma cultura, entre outros. A língua existe para a comunicação, e todo enunciado estabelece contato do emissor com seu interlocutor. E é justamente essa a dimensão da importância social da língua. Logo, o homem reage linguisticamente aos acontecimentos.

É pela interação entre os indivíduos que se estabelece a cultura de uma sociedade, em sentido amplo, ou de um específico grupo social, em sentido restrito. Este é o princípio da relação entre a língua e a cultura. A propósito desse tema, Pamies Bertrán (2012, p. 346) expressa que

A relação entre língua e cultura não é uma ideia nova: Humboldt (1820) falava da língua como espelho do Espírito da nação, para dizer, mais ou menos, que cada nação tem uma “mentalidade” que estaria refletida na língua. Mais tarde, o relativismo linguístico de Sapir (1921) reforçou essa relação só que ao avesso do que era para os nacionalistas românticos: a “mentalidade nacional” virou o fruto, ou a consequência da língua, em vez de ser sua causa.

A identidade de uma região ou de um grupo social é marcada, em espacial, pelas tradições culturais, e, nesse sentido, a relação entre língua e cultura se estende do conceito de língua como lugar onde se registram as manifestações culturais do homem até a concepção de que a palavra é portadora de visões de mundo, logo um meio de acesso à cultura.



Para ratificar a intensidade da relação entre cultura e língua, Sapir (1980, p. 165) afirma que “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas”. Das práticas a que se refere Sapir, destaca-se a interação linguística entre os homens, fundamentada no léxico que lhes é comum num determinado espaço. Esse nível da língua [o léxico] armazena e representa as experiências culturais de cada grupo social.

É nesse sentido que se faz necessário compreender a língua, a cultura e a identidade, observando as realizações lexicais apresentadas em contexto histórico e regional. Com isso, o estudo do léxico de uma língua conduz ao conhecimento da história, e os diversos aspectos da cultura de um povo podem ser discutidos a partir de um estudo lexical.

De acordo com esse pensamento, as realizações lexicais, sobretudo aquelas relativas a atividades sociais, contribuem significativamente para a compreensão da cultura de um povo como forma de construção de uma identidade específica ou regional. Já a cultura pode ser expressa pelo léxico, possibilitando a criação de uma identidade, como é o caso da identidade do povo cearense representada na gastronomia, através dos seus culturemas, objetos deste estudo. Pamies Bertrán (2012, p. 346) confirma que “É sobretudo na fraseologia e na paremiologia que vamos encontrar provas concretas e abundantes para investigar essa relação língua/cultura”.

Nesta pesquisa, explora-se o léxico da gastronomia cearense (aqui denominado de culturema), para demonstrar seus contributos à fraseologia da língua portuguesa.

Segundo Isquierdo (2001, p. 91),

o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Desse modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer.



Como origem da definição de culturema, Luque Nadal (2009) traz a seguinte, atribuída a Vermeer: culturema representa um fenômeno social de uma cultura A considerado relevante por membros dessa cultura; quando comparado com um fenômeno social correspondente em uma cultura B, vê-se que é específico da cultura A.

Também Pamies Bertrán (2008, p. 54) apresenta um conceito de culturemas que interessa em particular a este trabalho, pois se refere a contributos que eles dão ao desenvolvimento da língua:

Los culturemas son símbolos extralingüísticos culturalmente motivados que sirven de modelo para que las lenguas generen expresiones figuradas, inicialmente como alusiones o reaprovechamiento de dicho simbolismo, y que pueden generalizarse y hasta automatizarse. Una vez que han entrado en la lengua como palabras o componentes de frasesmas, conservan aun así algo de su “autonomía” inicial, en la medida en que cohesionan conjuntos de metáforas, e incluso permiten añadir otras a partir de mismo valor, asequibles para la competencia metafórica.

As expressões figuradas referidas acima, no caso específico da língua portuguesa e da natureza deste trabalho, são expressões idiomáticas e unidades fraseológicas oriundas de culturemas da gastronomia cearense que se fazem presentes na interação linguística espontânea e cotidiana desse povo. Portanto, como se verá no decorrer da pesquisa, essas estruturas contribuem para o desenvolvimento da língua.

Os culturemas objetos desta pesquisa são aqueles que se enquadram na definição de Pamies Bertrán (2008) e os que atendem aos critérios definidos por Luque Nadal (2009) para que uma palavra seja reconhecida como culturema, a saber:

1. Vitalidade: expressões culturais devem estar em uso pelos falantes;
2. Produtividade: deve haver unidades fraseológicas em torno dos culturemas;
3. Frequência de aparecimento: os culturemas devem aparecer em diferentes gêneros textuais;
4. Complexidade estrutural e simbólica: os culturemas devem ser objeto de expressividade e força argumentativa.

Por fim, a proposta essencial desta tese é inventariar os culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à fraseologia da língua portuguesa, com reflexões teóricas que contemplem também a importância da metáfora, que aplicada a eles faz emergirem expressões idiomáticas e unidades fraseológicas, também tematizadas na pesquisa.

1.2 Objetivos / Questões de pesquisa

1.2.1 Geral

O principal objetivo do estudo em tela é inventariar culturemas da gastronomia cearense (notadamente a partir de dicionários de expressões típicas do Ceará, obras literárias, livros sobre gastronomia local e diferentes gêneros textuais) como potencializadores da criação/existência de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas como contributos para a língua portuguesa.

1.2.2 Específicos

São objetivos específicos deste estudo:

a) Revisar criteriosamente a literatura existente sobre culturemas, metáfora, expressões idiomáticas e unidades fraseológicas em

* Dissertações e teses que explorem estudos sistemáticos dos culturemas;

* Artigos científicos relevantes para a análise de culturemas;

* Livros e coletâneas em que sejam analisados aspectos gerais dos culturemas e, em particular, daqueles referentes à gastronomia cearense.

b) Apresentar as relações estabelecidas entre língua e cultura, através do léxico, em

* Dissertações e teses sobre o tema;

* Artigos científicos publicados em periódicos relevantes na área;

* Livros e coletâneas que apresentem definições dos temas.

c) Expor o maior número possível de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas oriundas de culturemas da gastronomia cearense, como contributos à língua portuguesa.

d) Elaborar um glossário de culturemas da gastronomia cearense, comprovando os contributos deles para a língua portuguesa, além do vínculo inseparável entre cultura e língua, através do léxico.

A atividade científica ocupa-se das questões relacionadas à compreensão e explicação dos fenômenos sociais. Isso corrobora a afirmação de Minayo (2002) de que nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões de investigação devem estar, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, devendo emergir de determinadas experiências e incursões na realidade.

Diante desse fato, a realização satisfatória dos objetivos acima é condicionada a respostas às seguintes questões de pesquisa:

1. Os culturemas (no caso desta investigação, os da gastronomia cearense) contêm potencial linguístico capaz de contribuir para a fraseologia da língua portuguesa?
2. Como a língua e a cultura se relacionam através do léxico?
3. O que deve conter e qual é a relevância de um glossário de culturemas da gastronomia cearense?

Responder satisfatoriamente a essas perguntas é condição fundamental para a consistência desta pesquisa, visto que elas se apresentam como cientificamente viáveis, ou seja, introduzem meios para que conclusões plausíveis sejam obtidas com a aplicação dos procedimentos metodológicos propostos no estudo.

1.3. Justificativa / Contextualização teórica

A linguística do século XX é fortemente marcada pela concepção estruturalista da linguagem. Foi a partir dos estudos de Saussure (*Curso de Linguística Geral*, de 1916) que

surgiram noções fundamentais para a linguística daquele século: as de sistema, de estrutura e de função. Nesse pressuposto, a análise linguística estava, então, restrita à rede de dependências internas em que se estruturam os elementos da língua. A primeira expressão de trabalhos relevantes a respeito dessa tendência dos estudos linguísticos foi o Círculo Linguístico de Praga, a partir de 1928.

No entanto, o que predominou entre os linguistas de Praga foi o pensamento de que a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim¹. Logo, o Círculo se dividiu em dois polos, conforme a ênfase dada à análise linguística, a saber:

1. Polo formalista - a análise dá ênfase à forma linguística, e a função fica em plano secundário.
2. Polo funcionalista – neste, a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante.

A esta pesquisa interessa particularmente o polo funcionalista, por razões a serem apresentadas a seguir.

O chamado polo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. A tendência, com o tempo, é a diminuição da polaridade conceitual entre estruturalismo e funcionalismo linguísticos, pois, como afirma Marçalo (1992, p. 105), “A própria estrutura de uma língua não é senão um aspecto do seu funcionamento; uma mudança na estrutura evidencia a realidade da evolução”.

Conforme esse pensamento, o que hoje se conhece como desvios à gramática normativa não são casos fortuitos: na diversidade de usos da língua, eles constituem tendências conseqüentes da necessidade de comunicação e, portanto, uma rica fonte de estudos linguísticos. Entre esses recursos da língua, estão os culturemas, que não figuram na gramática

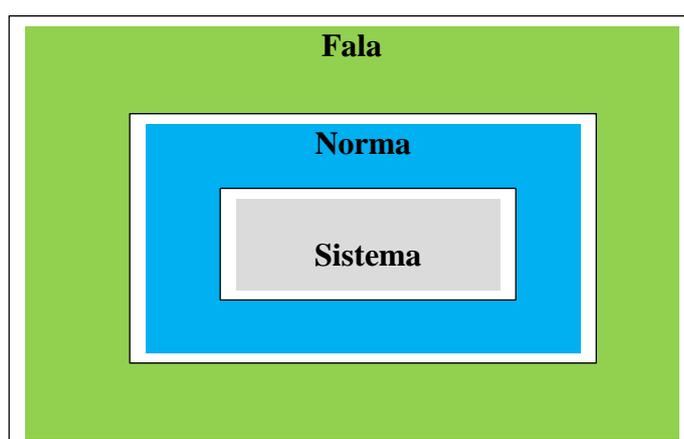
¹ Para aprofundamento dessa questão, indica-se Marçalo (2002), Capítulo 1 – *Princípios teóricos do funcionalismo* (Filiações e divergências).

normativa, contudo são produzidos e circulam em diferentes espaços sociais e constituem estruturas linguísticas dotadas de motivação cultural que permitem aos indivíduos de um determinado grupo ou região reconhecerem-se como portadores de uma cultura específica.

Como marcas de cultura, os culturemas se materializam no campo lexical da língua e são importantes como objetos de pesquisa, pois “todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas da língua e da cultura que com ela se conjuga” (Biderman, 1978, p. 80).

Como colaboração aos estudos linguísticos contemporâneos e à compreensão que se deve ter da língua em funcionamento e como uma construção social, o linguista romeno Eugênio Coseriu reformulou a dicotomia saussuriana *língua* e *fala*. Nas palavras de Biderman (1978, p. 17), “Para ele a oposição dicotômica não revela claramente o que, de fato, se passa na linguagem. Melhor seria propor uma oposição tríplice entre o *sistema* linguístico, a *norma* e a *fala*”.

Este é o esquema proposto por Coseriu (1962; 1979):



Segundo Coseriu (1962; 1979), em síntese a *fala* é o conjunto dos atos linguísticos realizados pelos falantes de um idioma; a *norma*, por sua vez, é costume, tradição continuada e reiterada no falar e no escrever de uma determinada comunidade linguística; e o *sistema*,

por fim, é a estrutura da língua que contém apenas os elementos indispensáveis ao seu funcionamento na comunicação.

Decorrente do objeto de estudo e dos objetivos desta pesquisa, é indispensável atentar para o seguinte destaque:

O que, na realidade, se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema, dentro do marco fixado pelas realizações tradicionais, é a *norma*. A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade (Biderman, 1978, p. 18).

Com base nessas afirmações, constata-se que os culturemas, como expressões culturais motivadas, estão inseridos no campo linguístico que Coseriu denomina de *norma*, pois, dada a sua natureza, os culturemas são “impostos” aos indivíduos de um determinado grupo social. A aquisição (ou aprendizagem) de valores, crenças e costumes culturais ocorre através da interação social com outros indivíduos, ou com o produto de outras mentes, representantes da mesma comunidade linguística.

Considerando-se o léxico da língua [e nele os culturemas, no caso específico desta pesquisa], percebe-se que a aprendizagem dele é contínua, dada a sua permanente expansão. Logo, qualquer indivíduo, mesmo na idade adulta, estará sempre assimilando novos elementos léxicos, como os culturemas típicos do seu grupo social.

Os culturemas são unidades linguísticas de informação cultural com as quais se conta para entender como é o mundo. E este trabalho investiga especificamente os culturemas da gastronomia cearense e seus contributos para a fraseologia da língua portuguesa. Ele destaca a gastronomia como um bem da cultura social, pois ela “es una fuente especialmente rica en culturemas porque se encuentra en el cruce entre el SABOR, el COSTE e las COSTUMBRES (tradiciones agrícolas y culinarias), dominios especialmente propicios as las valorizaciones inherentes, positivas o negativas” (Pamies Bertrán, 2011, p. 61).

A gastronomia cearense é uma diversificada mistura de sabores. Híbrida principalmente das gastronomias portuguesa, indígena e africana, está relacionada com o que dispõem o litoral e o interior. Ela está presente em manifestações religiosas e culturais e nos rituais



de comemoração da vida, como batizados, casamentos e aniversários, e na mesa do dia-a-dia.

No Ceará, os ritos culturais não mantêm fronteiras rígidas e efetivas entre o público e o privado. É comum, por exemplo, que, após um encontro místico e introvertido com o universo religioso numa procissão, os participantes compartilhem espaços para diversão em forrós, jogos, conversas informais, shows de humor e bares. Essa característica híbrida da cultura desse estado é denominada de “cearensidade”.

A hipótese fundamental desta pesquisa é de que os culturemas da gastronomia cearense contribuem para a língua portuguesa com diversas expressões idiomáticas e unidades fraseológicas. Essas estruturas linguísticas são obtidas através do desdobramento metafórico de cada um dos culturemas investigados nessa área.

O potencial da metáfora para os estudos linguísticos é destacado por Cavalcante; Ferreira; Gualda, recorrendo a Nietzsche (1978), ao afirmarem que “a metáfora deve ser compreendida como um princípio onipresente do pensamento, como um fenômeno que permeia todo o discurso, e, por sua natureza, não pode ser reduzida a paráfrases literais” (2016, p. 09).

Com isso, são adotadas aqui (a serem detalhadas e ampliadas no decorrer da pesquisa) duas concepções amplas: i) a de expressão idiomática como toda lexia complexa, com sentido metafórico e com variabilidade restrita e ii) a de unidade fraseológica como toda lexia complexa que tem coesão interna do ponto de vista semântico e propriedades morfossintáticas específicas.

O estudo que ora se apresenta sobre os culturemas da gastronomia cearense pode, também, colaborar com autores de livros didáticos e com professores de língua portuguesa, ao demonstrar a relevância cultural dessas estruturas linguísticas e os contributos de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas para o ensino funcional da língua materna e para a formação da competência comunicativa de leitores cada vez mais conscientes e críticos quanto às diversas possibilidades de uso da língua nas interações sociais do cotidiano.

1.4. Metodologia / Constituição do *corpus*

Esta pesquisa é, em menor proporção, de caráter quantitativo, ao apresentar um levantamento significativo de culturemas da gastronomia cearense. Em destaque, porém, encontra-se o seu aspecto qualitativo, ao privilegiar a coleta de dados para a compreensão de comportamentos culturais e linguísticos e ao revelar os contibutos dos culturemas da gastronomia cearense à língua portuguesa, através do seu desdobramento em expressões idiomáticas e em unidades fraseológicas.

O trabalho teve início com o levantamento bibliográfico consistente de pesquisas relevantes sobre o desenvolvimento histórico dos conceitos de cultura, as relações entre cultura e língua, especificamente o léxico; a respeito da metáfora, da teoria dos culturemas, das expressões idiomáticas e das unidades fraseológicas; e referentes à cultura e à gastronomia do Ceará, com interesse notadamente em seus aspectos sociais e linguísticos. Foram consultados também dicionários de falares cearenses² [com destaque para Cabral (1972), Girão (2000) e Seraine (1959)] e publicações da fraseologia brasileira [em especial Nascentes (1966) e Mota (1987)], a fim de verificar neles o registro de culturemas da gastronomia do Ceará. A presença dessas unidades linguísticas em dicionários é indício da sua vitalidade, condição essencial para uma palavra ser classificada como culturema.

Toda pesquisa exige coleta de dados em variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos utilizados. Os dois processos pelos quais se obtêm dados são a documentação direta e a documentação indireta. A primeira se caracteriza, fundamentalmente, pela coleta no próprio local em que o fenômeno pesquisado ocorre; a segunda recorre a dados já existentes.

Como os dados a serem coletados para este trabalho já existem (a saber, os culturemas da gastronomia cearense), adota-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Para Marconi e Lakatos (2015, p. 43 e 44), quando se fala de pesquisa bibliográfica

Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar

² No capítulo 03, referente ao *corpus* desta pesquisa, serão apresentados detalhadamente os critérios de escolha dos dicionários de falares cearenses e publicações da fraseologia brasileira para verificação de registro de lexias (culturemas) gastronômicas.

o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Essas autoras afirmam ainda que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (Marconi e Lakatos, 2010, p. 166). De posse da bibliografia adequada, o pesquisador pode, então, definir e resolver não apenas problemas já conhecidos, mas também explorar novas possibilidades em áreas cujos problemas ainda não se solidificaram.

Retomando-se à abertura desta seção, em que se afirma a predominância do caráter qualitativo da pesquisa, recorre-se a André (2005), para quem a pesquisa bibliográfica se caracteriza como um dos tipos de investigação qualitativa, ao lado da pesquisa-ação, do estudo de caso e da etnografia.

Essa autora advoga que a realidade não é externa ao sujeito, por isso, na opinião dela, investigação qualitativa, em sentido *lato*, “valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo, busca a interpretação no lugar da mensuração e a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que os fatos e valores estão intimamente relacionados” (André, 2005, p. 14). Em sentido *strictu*, ela caracteriza a pesquisa bibliográfica [inserida na investigação qualitativa] como o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, para criar novas ou interpretações complementares.

Outros autores corroboram o entendimento conceitual sobre investigação qualitativa, no qual esta pesquisa se insere. Bogdan e Biklen (1994), ao definirem esse paradigma de pesquisa, destacam as características dos dados, das questões sob investigação e do pesquisador:

A expressão investigação qualitativa como um termo genérico agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os da-



dos recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Os indivíduos que fazem investigação qualitativa (...) privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir das perspectivas dos sujeitos da investigação (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16).

Outro aspecto importante de pesquisa a destacar na composição deste trabalho são as perspectivas da investigação qualitativa descritas por Flick (2009). Conquanto se concebam nesse modelo investigativo diversas abordagens quanto ao modo de compreender o objeto e seus enfoques [como se procede nesta pesquisa sobre os culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à fraseologia da língua portuguesa], há três direcionamentos que a resumem:

- i) “os pontos de referência teórica são extraídos, primeiramente, das tradições do interacionismo simbólico e da fenomenologia”;
- ii) “interessa-se, ancorada teoricamente na etnometodologia e no construcionismo, pelas rotinas diárias e pela produção da realidade social”;
- iii) “abrange as posturas estruturalistas ou psicanalíticas que compreendem estruturas e mecanismos psicológicos inconscientes e configurações sociais latentes” (Flick, 2009, p. 29).

É no tópico ii, acima, que se localiza, em termos de perspectiva, esta investigação sobre os culturemas da gastronomia cearense, uma vez que eles derivam de uma tradição simbólica, revelam uma determinada prática social e constituem características identitárias particulares.

Uma vez definido o viés metodológico da investigação, as próximas etapas da pesquisa são as seguintes:

1. Coleta do *corpus*

- ✓ Levantamento, em diferentes fontes, de estruturas linguísticas (lexias) com (possível) potencial se constituírem como culturemas da gastronomia cearense. As buscas ocorreram, principalmente em obras da literatura e da cultura cearenses, textos publicitários, dicionários de expressões locais, publicações especializadas em gastronomia, cardápios e conversas informais em mercados, feiras e restaurantes.
- ✓ Submissão do *corpus* coletado aos critérios de constituição de culturemas, segundo os critérios de vitalidade, produtividade linguística, frequência de aparecimento e complexidade estrutural e simbólica (Luque Nadal, 2009), além da capacidade de produção direta ou indireta de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas.
- ✓ Definição do *corpus* que se enquadra nos critérios determinados.

1.1 Critérios para definição do *corpus*

- ✓ Ser material autêntico.
- ✓ Possuir natureza verbal.
- ✓ Ser expressão cultural.
- ✓ Constar ou aludir a culturema gastronômico do Ceará.
- ✓ Enquadrar-se nas condições definidoras de culturemas listadas acima.
- ✓ Ser capaz de desdobrar-se em expressão idiomática e unidade fraseológica.

2. Ações para análise do *corpus*

- ✓ Releitura das teorias sobre culturemas, metáforas, idiomatismos e fraseologia.
- ✓ Organização dos culturemas selecionados em ordem alfabética.

-
- ✓ Análise dos dados coletados (culturemas), segundo os critérios indicados por Luque Nadal (2009).
 - ✓ Apresentação de expressões idiomáticas e unidades fraseológicas derivadas de cada culturema da gastronomia cearense usado como *corpus* da pesquisa.

3. Transcrição dos culturemas selecionados para uma ficha lexicográfica

Para a composição do glossário de culturemas gastronômicos do Ceará, as lexias serão organizadas numa ficha lexicográfica. Contudo, antes de apresentá-la importa destacar aqui a descrição feita por Faulstich (2010) a respeito dos tipos de sistematização de palavras aos propósitos da produção lexicográfica. A autora apresenta as características de dicionário (monolíngues, bilíngues, terminológicos, etc.) e de glossário, e este é o que interessa aqui.

Na pesquisa em curso, a formação do glossário anunciado segue os pressupostos definidos pela autora supra-citada:

O glossário é um documento terminográfico objetivo, dirigido a usuários específicos que procuram informações lexicais e semânticas precisas com vistas a melhorar o desempenho linguístico e a aperfeiçoar o conhecimento profissional. (...) apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência do termo (Faulstich, 2010, p. 178).

A ficha lexicográfica é considerada um documento de grande relevância na elaboração de um glossário, pois nela são registradas as informações de cada termo a ser utilizado como verbete. A ficha funciona, então, como uma certidão de nascimento. Faulstich (2010, p. 180-183) propõe o seguinte modelo de ficha e explica cada um dos campos que compõem o verbete:

Modelo de ficha lexicográfica	
1. Número	Ordem numérica do registro feito
2. Entrada	Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal.
3. Categoria gramatical	Indicativo da categoria gramatical à qual o termo pertence ou da sua respectiva estruturação sintático-semântica. Pode ser n = nome; s = substantivo; v = verbo, etc.
4. Gênero	Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, a saber: m = masculino; f = feminino.
5. Variante (s)*	Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas ou variantes terminológicas de registro.
6. Sinônimo (s)*	Formas concorrentes no discurso da linguagem de especialidade, cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.
7. Área*	Indicativo da área científica ou técnica em que o termo é usado.
8. Definição	Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.
9. Fonte de constituição da definição	Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou o adaptador das definições. Nesses casos, para evitar repetições desnecessárias, a referência pode aparecer na apresentação da obra.

10. Contexto*	O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
11. Fonte do contexto*	Registro do autor, obra, data de onde foi extraída a frase contextual. Também é chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos. Neste caso, para evitar repetições desnecessárias, a referência única pode ser informada na apresentação da obra.
12. Remissivas	Sistema de relação de complementariedade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneira diversa, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser termos hiperônimos, hipônimos e termos conexos.
13. Nota*	Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
14. Equivalentes*	Termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente. No dicionário, incluem-se os termos equivalentes das línguas selecionadas, segundo o plano da obra.
15. Autor	Registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
16. Redator	Registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
17. Data	Registro do dia, mês e ano em que a ficha foi preenchida/digitada.

A proponente dessa estrutura destaca, ainda, que

os campos sem asterisco são de preenchimento obrigatório e os campos marcados com asterisco são de preenchimento facultativo, pois dependem do

plano da obra a ser elaborada e de os pesquisadores terem as informações disponíveis durante a pesquisa. A decisão precisa, porém, considerar que a obra é sistêmica para, assim, evitar que apresente defeitos (Faulstich, 2010, p. 183-184).

Por causa das especificidades desta investigação, a ficha lexicográfica proposta a seguir toma como referência o modelo de Faulstich (2010), todavia com adaptações, por isso nem todos os campos propostos acima, inclusive como de preenchimento obrigatório, aparecerão, necessariamente, na ficha usada aqui, que pode propor novos campos. Desta feita, segue o modelo de ficha adotada na pesquisa em desenvolvimento.

FICHA LEXICOGRÁFICA	
Glossário de culturemas da gastronomia cearense	
01	
1. Entrada (Culturema)	
2. Categoria gramatical	
3. Definição	
4. Fonte da definição	
5. Abonação	
6. Fonte da abonação	
7. Registro (dicionário geral / local)	

Como se vê acima, quanto à estrutura a ficha se inicia com o título do glossário, seguido do número de ordem do registro; ambos os itens se referem apenas à organização das fichas. O primeiro tópico de análise das informações é a entrada, que registra o culturema a ser descrito na ficha. O segundo tópico diz respeito à categoria gramatical que se atribui



ao termo, dada a sua natureza morfológica. O terceiro tópico apresenta a definição do termo; o quarto, a respectiva fonte. O quinto tópico traz a abonação, cujo objetivo é demonstrar o uso da palavra em determinado processo comunicativo; o sexto, a sua fonte. O sétimo tópico trata da localização do termo, para se verificar sua abrangência de registro, visto que alguns alcançam os dicionários gerais, enquanto outros permanecem nos dicionários de estratos linguísticos locais. Nesta pesquisa, é possível também que, se encontrados, registrem-se termos cujo uso ainda está restrito à oralidade; neste caso, eles serão identificados pela expressão “nenhuma das fontes” (n/f). Esses dados subsidiarão o glossário de culturemas da gastronomia cearense, a ser consolidado no capítulo 04 desta investigação, que conta com a seguinte estrutura:

No capítulo 01, intitulado de “A pesquisa – localização e descrição”, procede-se à caracterização essencial da pesquisa, com destaque para os objetivos, a contextualização, os procedimentos metodológicos e a configuração do corpus, como coleta, sistematização e análise.

O capítulo 02, denominado de “O Estado da Arte”, traz o levantamento de trabalhos sobre os conceitos de cultura [em sentido amplo]; as relações entre cultura e língua através do léxico; a respeito de culturemas, expressões idiomáticas e unidades fraseológicas; e referentes à gastronomia do Ceará como patrimônio da cultura imaterial.

O capítulo 03, identificado como “Culturemas – contributos à fraseologia da língua portuguesa”, apresenta detalhadamente a composição do corpus e se efetuam as discussões a respeito dele, com ênfase na importância da metáfora, que aplicada aos culturemas, possibilita o desdobramento de cada uma deles em expressões idiomáticas e unidades fraseológicas da língua portuguesa. Além disso, são apresentados e analisados os resultados da pesquisa, centralizados nos contributos dos culturemas da gastronomia cearense à fraseologia do português.

No capítulo 04, nomeado de “Glossário de termos da gastronomia cearense”, tem-se a descrição e a organização de um glossário em que se identificam detalhes linguísticos dos



culturemas gastronômicos do Ceará, como indicado na ficha lexicográfica acima, exemplificativos da ocorrência desses termos na interação verbal cotidiana nos falares cearenses.

2. O ESTADO DA ARTE

O objetivo do presente capítulo é evidenciar o atual estado de desenvolvimento teórico dos temas fundadores desta investigação, por isso traz (i) um levantamento de importantes estudos sobre cultura, com ênfase naqueles que descrevem a constituição histórica e a complexidade desse conceito; (ii) um extrato de pesquisas que consubstanciam as relações entre língua e cultura, com evidência no léxico; (iii) alguns renomados trabalhos linguísticos que abordam o fenômeno dos culturemas como representação simbólica de hábitos e crenças; (iv) um considerável número de investigações que situam a gastronomia como herança de cultura imaterial; e (v), por fim, a condição da fraseologia enquanto disciplina da linguística.

Esse mapeamento conduzirá à compreensão dos processos pelos quais os culturemas da gastronomia cearense contribuem para o funcionamento e a evolução da fraseologia da língua portuguesa.

2.1 Cultura – história e complexidade do conceito

A definição de cultura³ que se adota nesta investigação, embora não exista um único conceito aceito por todos, demonstra quão difícil é caracterizar este aspecto das relações humanas.

Luque Nadal (2010) indica o que se deve entender por cultura, descrevendo inicialmente a origem dessa expressão. Etimologicamente, a palavra cultura provém do latim ‘*cultura*’, termo referente a tudo que diz respeito ao cultivo e à exploração da fauna e da flora; e deriva de ‘*cultivare*’, herdado de ‘*cultivus*’ (trabalho), também do latim ‘*cultus*’, participio passado de ‘*colere*’ (trabalhar). A autora informa ainda que o termo cultura passou, através do latim medieval, a todas as línguas europeias.

³ Como se verá adiante, nesta pesquisa se utiliza a cultura como conceito diferencial, fundamentado em Bauman (2012), para estabelecer distinções, no interior da cultura linguística, entre os registros padrão e coloquial da língua.

No Brasil, dois dos mais reconhecidos dicionários definem o verbete ‘cultura’, como se apresenta abaixo:

Em Ferreira⁴ (2010), lê-se:

cultura [Do lat. *cultura*.] **S.f.** **1.** Ato, efeito ou modo de cultivar; cultivo. **2.** *Restr.* Cultivo agrícola. **3.** Atividade econômica dedicada à criação, desenvolvimento e procriação de plantas ou animais, ou à produção de certos derivados seus. **4.** *P. ext.* Os animais ou plantas assim criados. **5.** O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. [Nas ciências humanas, opõe-se por vezes à ideia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que é a base das interações sociais.] **6.** A parte ou o aspecto da vida coletiva, relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, etc. **7.** O processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc.; civilização, progresso. **8.** Atividade e desenvolvimento intelectuais de um indivíduo; saber, ilustração, instrução. **9.** Refinamento de hábitos, modos ou gostos. **10.** Apuros, esmero, elegância. **11.** *Antrop.* O conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc. [Como conceito das ciências humanas, esp. da antropologia, *cultura* pode ser tomada abstratamente, como manifestação de um atributo geral da humanidade (cf. acepç. 5), ou, mais concretamente, como patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica (cf. acepç. 6).] **12.** *Filos.* Categoria dialética de análise do processo pelo qual o homem, por meio de sua atividade concreta (espiritual e material), ao mesmo tempo que modifica a natureza, cria a si mesmo como sujeito social da história.

⁴ Entre os 15 (quinze) significados apontados por esse autor, por razões de interesses específicos da investigação em curso, destacam-se os 12 (doze) primeiros, que dizem respeito à etimologia da palavra e à aplicação desta às ciências sociais.

Por sua vez, em Houaiss e Villar⁵ (2009), encontra-se:

cultura *s.f.* (sXV) **1** AGR ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavra, cultivo **4** cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social **5** ANTRO-POL conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social **6** forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico; civilização **7** complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas artes, ciências humanas e afins. SOC universo de formas culturais (p.ex., música, literatura, cinema) selecionadas, interpretadas e popularizadas pela indústria cultural e meios de comunicação de massa junto ao maior público possível. ETIM lat. cultura,ae ‘ação de tratar, venerar (no sentido físico e moral)’.

Há de se perceber que, nesses dois dicionários, predomina a concepção de que cultura é uma manifestação inerente à elite social, contudo, como se verá mais adiante nesta pesquisa, as classes populares também são detentoras de valores culturais indeléveis.

Segundo Cuche (1999), o termo ‘cultura’ aparece na língua francesa no fim do século XIII para “designar uma parcela de terra cultivada” (p. 19). No século XVI, opera-se uma mudança no sentido, e a palavra cultura não significa mais um estado (coisa cultivada), mas uma ação (cultivar a terra). Todavia essa permuta semântica não foi suficiente para a ampla difusão do termo, pois ele não constava na maior parte dos dicionários à época, até metade do século XVII aproximadamente.

De acordo com Luque Nadal (2010), nos anos finais do século XVII o conceito de cultura rivalizava com o de civilização, empregando-se aquele “para el processo individual de desarrollo intelectual y moral” e este “para el proceso de desarrollo coletivo (político y tecnológico)” (p. 09).

Já no século XVIII, a ideia de cultura é tomada pelo Iluminismo como “a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerado como totalidade, ao longo de sua história” (Cuche, 1999, p. 21). Vê-se aqui que, para os filósofos reformistas, a

⁵ Também aqui, foram destacadas apenas as definições relacionadas à etimologia ou ao conceito e evolução semântica da palavra ‘cultura’.



cultura representa o caráter distintivo da espécie humana e está associada a ideias de evolução, razão e educação, conceitos centrais do pensamento ocidental à época. Como a ideia de cultura se integra ao otimismo marcante daquele tempo, baseado em confiança no futuro do ser humano, entende-se que o progresso nasce da instrução, o que torna o sentido de cultura cada vez mais abrangente.

O correr do século XIX e as primeiras décadas do XX são marcados pelo intenso debate nacionalista e ideológico sobre cultura, entre Alemanha e França. Para os germânicos, a cultura se apresenta como uma característica essencial e particular no processo formador da nação, enquanto conjunto de indivíduos com a mesma origem. Por isso, consideram que “A nação cultural precede e chama a nação política. A cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (Cucho, 1999, p. 28).

Paralelamente, para os franceses a cultura, no sentido coletivo, é antes de tudo a cultura da humanidade, em que predomina a concepção universalista. A “cultura se enriqueceu com uma dimensão coletiva e não se referia mais somente ao desenvolvimento intelectual do indivíduo. Passou a designar também o conjunto de caracteres próprios de uma comunidade” (Cucho, 1999, p. 29).

O termo cultura, na sociedade atual, é detalhadamente descrito por Luque Nadal (2010), que destaca a existência, notadamente após a I Guerra Mundial, da profusão de conceitos no entorno dessa palavra e a relevância de duas escolas etnográficas: a norte-americana e a britânica.

Sobre a primeira, a referida autora recorre à definição de cultura proposta por Franz Boas:

La cultura incluye todas las manifestaciones de los hábitos sociales de una comunidad, las reacciones del individuo en la medida en que se ven afectadas por las costumbres del grupo en que vive, y los productos de las actividades humanas en la medida que se ven determinadas por dichas costumbres (Boas, 1930, p. 74, *apud* Luque Nadal, 2010, p. 11).

Relativo à escola britânica, Luque Nadal destaca o pensamento de Malinowsky, para definir cultura, com posicionamentos semelhantes aos norte-americanos:

Esta herancia social es el concepto clave de la antropología cultural, la otra rama del estudio comparativo del hombre. Normalmente se la denomina cultura en la moderna antropología y en las ciencias sociales. (...) La cultura incluye los artefactos, bienes, procedimientos técnicos, ideas, hábitos y valores heredados. La organización social no puede comprenderse verdaderamente excepto como una parte de la cultura (Malinowsky, [1931] 1975, p. 85, *apud* Luque Nadal, 2010, p. 11).

No ocidente, a construção científica do conceito de cultura resulta, em grande parte, dos estudos de três teóricos: Edward Tylor, Franz Boas e Bronislaw Malinowsky. Conquanto não seja objetivo desta investigação debater a essência da obra desses pesquisadores, considera-se relevante mencioná-los, devido às contribuições de cada um para o entendimento geral sobre as diversas concepções de cultura. A síntese do pensamento deles sobre cultura é posta aqui, com base em Cuche (1999).

a) Edward Tylor (1832-1917): Ainda no século XIX, este antropólogo britânico apresentou um conceito etnológico descritivo, objetivo e não normativo de cultura, reconhecendo-a como um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral e costumes adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Conforme essa dimensão coletivista, a aquisição da cultura pelo indivíduo é, em grande parte, inconsciente. Assim sendo, à época Tylor rompe com as concepções restritivas e individualista de cultura e tenta conciliar na mesma definição o processo evolutivo e a universalidade da cultura. A seu tempo, ele supera um certo pensamento que colocava os “primitivos” como seres à parte nas questões culturais.

b) Franz Boas (1858-1942): Principal pensador da escola etnográfica norte-americana, Boas atentou para tudo que constituía a originalidade de uma cultura e, por isso, desenvolveu uma ideia particularista, segundo a qual cada cultura é única e específica. Em concordância com as proposições conceituais de Boas, Cuche (1999, p. 45) afirma que “Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este “espírito” próprio a cada cultura influencia o comportamento dos indivíduos”. Percebe-se que, para

Boas, a diferença entre os grupos sociais se dá pelo fator cultural e não racial, portanto o objetivo dele era investigar “as culturas” e não “a cultura”.

c) Bronislaw Malinowsky (1884-1942): Nome mais reconhecido da antropologia inglesa, Malinowsky afirmava que não se deve escrever a história das culturas de tradição oral, porque qualquer observação deve ser feita em perspectiva sincrônica, a partir, portanto, de dados unicamente contemporâneos e sem referência às suas origens. Para ele, qualquer procedimento diferente disso carecia de comprovação científica. Propõe, então, a análise funcionalista da cultura centrada no presente, cuja finalidade é estudar objetivamente as sociedades. Todavia, essa estratégia de trabalho subestima a capacidade que as culturas têm de se transformarem internamente. A mais significativa contribuição de Malinowsky ao estudo das culturas foi a proposição do método de ‘observação participante’, que permite ao pesquisador convivência longa e intensa com uma população, o que lhe proporciona apropriar-se do maior número possível de dados da vida cotidiana, compreendendo os mais diversos pontos de vista dos indivíduos observados.

Apesar de todas essas concepções, na atualidade a definição de cultura aparentemente continua genérica, segundo Luque Nadal, ao afirmar que

La noción de ‘cultura’, tal como se utiliza en actualidad, es demasiado imprecisa ya que abarca demasiadas realidades dependiendo de las preferencias de cada autor. (...) Otro problema (...) es la evolución semántico-histórica del término y los diferentes usos que se le ha dado a lo largo de la historia (Luque Nadal, 2010, p. 15).

Com o objetivo de contribuir com a constituição e a compreensão contemporâneas do conceito de cultura, Duranti (2000) chama atenção, inicialmente, para uma crítica à visão totalizadora oriunda do século XIX⁶ que, para alguns sociólogos e antropólogos, tem identificado a cultura

com un programa colonial de supremacía intelectual, militar y política por parte de los poderes occidentales sobre el resto del mundo, que no puede ejercerse sin asumir una serie de engañosas dicotomías como ‘nosotros’ y ‘ellos’,

⁶ Por esta época, segundo Duranti (2000) cultura era um conceito usado pelos europeus para explicar os costumes dos habitantes de territórios que conquistavam na América, em África e em Ásia.

‘civilizado’ y ‘primitivo’, ‘racional’ y ‘irracional’, ‘educado’ y ‘analfabeto’, etc. La ‘cultura’ es lo que ‘otros’ tienen, lo que los hace y los mantiene diferentes, separados de nosotros (Duranti, 2000, p. 47).

Na atualidade⁷, essa visão tem sido rejeitada, porque reduz as complexidades socio-históricas formadoras de cultura a descrições simples desses fenômenos e oculta as contradições morais e sociais existentes entre distintas comunidades.

Em vez de aderir à concepção globalizante, o autor propõe o que denomina de “teorias da cultura”, nas quais a linguagem assume destacado relevo, porque, nas palavras dele, “aporta el más completo sistema de clasificación de experiencias” (p. 80):

a) cultura como algo distinto de natureza: a cultura é apreendida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, por isso não está ligada a traços genéticos e sim sujeita a influências do ambiente em que se vive. Como parte integrante da cultura, a linguagem serve, nesse sentido, para categorizar o mundo material e cultural em taxonomias portadoras de indícios sobre crenças e práticas culturais que, consolidadas, são transmitidas a todos os novos membros de um grupo social.

b) cultura como conhecimento: os membros de uma cultura devem compartilhar certos modelos de pensamento, maneiras de ver o mundo, de fazer inferências e suposições, além de saber certos fatos da prática cultural e de reconhecer lugares, objetos e pessoas. Nesse sentido, o conhecimento é socialmente distribuído, e isso significa que nenhum indivíduo representa o ponto final dos processos de aquisição de cultura e que nem todos têm acesso às mesmas informações e nem utilizam as mesmas estratégias para alcançar certos objetivos. Portanto, o conhecimento não se encontra totalmente na mente de uma pessoa; também está nas “ferramentas” utilizadas em contextos diversos e na regulação das funções dos indivíduos nos processos interacionais. Neste caso, a linguagem é um grupo de proposições sobre o que o falante, como membro de uma comunidade linguística, apreende ou acredita.

⁷ Agora, a cultura se dedica a explicar os motivos pelos quais as minorias e os grupos marginalizados não se integram com facilidade às principais correntes sociais nem se misturam com elas (Duranti, 2000).



c) cultura como comunicação: a cultura é uma representação do mundo, ou seja, um modo de dar sentido à realidade através de histórias, mitos, costumes, rituais, produtos artísticos etc. Essas manifestações da cultura de um povo são exemplos da habilidade humana para estabelecer relação simbólica entre indivíduos e grupos. Acreditar que cultura é comunicação significa também que, para viver a própria cultura, uma comunidade precisa difundir sua teoria de mundo, e ela o faz pela linguagem, ao projetar sobre o contexto suas crenças, sentimentos e identidades. A isto se denomina “significado indicial” dos signos linguísticos, para o qual uma palavra não representa um objeto ou um conceito, mas a conecta com um contexto. Logo, as formas comunicativas (expressões linguísticas, sinais gráficos, gestos etc.) são veículos de práticas culturais, na medida em que revelam certos sentidos contextuais.

d) cultura como sistema de mediação: conforme essa ideia, os seres humanos se utilizam de “ferramentas” como objetos de mediação que se interpõem entre eles e o seu entorno. Um dos sistemas dessa mediação é a linguagem, considerada um produto histórico e, portanto, entendida no contexto dos processos que a produzem. Aqui a linguagem é uma espécie de guia para a vida social, porque orienta a atuação dos indivíduos segundo uma maneira determinada.

e) cultura como sistema de práticas: não se pode investigar uma língua sem considerar as condições sociais e culturais para sua existência, porque ela é um conjunto de práticas individuais e coletivas. A criação de um Estado, por exemplo, cria as condições práticas para que uma variedade linguística assuma *status* de língua oficial.

f) cultura como sistema de participação: esta ideia de cultura permite observar o funcionamento da linguagem no mundo real, porque usar uma língua significa participar de interações em contextos sempre maiores do que os de falantes individuais. Isso se deve à capacidade que a linguagem tem para descrever o mundo e para conectar seus habitantes a diferentes práticas e contextos. Assim sendo, segundo essa teoria a cultura é inerentemente social, coletiva e participativa, e a comunicação linguística é parte de uma rede de recursos semióticos que veicula as práticas e as histórias sociais.

Em conclusão, Duranti (2000) argumenta que esse conjunto de teorias forma um amplo suporte para estudos da cultura e para análise da língua como ferramenta social e conceitual, uma vez produto e instrumento da cultura.

Ainda referente à amplitude de conceitos sobre cultura, Luque Nadal (2010) destaca que, na antropologia e na sociologia, já se constata um número significativo de acepções que permitem ao pesquisador desenvolver estudos a respeito de diferentes aspectos culturais. Entretanto, ela aponta que, em sentido específico,

Para una investigación lingüístico-cultural son relevantes los siguientes conceptos y nociones (...): 1. Culturas de contexto máximo y culturas de contexto mínimo; 2. El concepto de yo; 3. Teoría ontogenética de la cultura; 4. Teoría ortogonal de la cultura; 5. Individualismo e colectivismo (Luque Nadal, 2010, p. 24-25).

O componente cultural do *corpus* desta tese insere-se no conceito número 1 apresentado acima, porque, enquanto valores e crenças transmitidos de geração em geração, os cultu-remas (neste caso os da gastronomia cearense) se situam como cultura de contexto máximo, atendendo ao que Hall (1976, p. 91) define, opondo os dois mencionados contextos:

A high context (HC) communication or message is one in which most of the information is either in the physical context or internalized in the person while very little is in the coded, explicit, transmitted part of the message. A low context (LC) communication is just the opposite: i.e. the mass of information is vested in the explicit code⁸.

Essa proposição de Hall refere-se ao grau em que uma comunicação é baseada em informações implícitas e contextuais, comparada àquela que em menor escala se utiliza de tal estratégia. As culturas de alto contexto se notabilizam pelo coletivismo e a ênfase comunicativa nas relações interpessoais, por isso os participantes esperam dos interlocutores mais do que uma exposição objetiva de dados; desejam cumplicidade na compreensão do contexto em que se comunicam. É precisamente esse grau de

⁸ Uma comunicação ou mensagem de contexto alto é aquela em que a maior parte das informações está no contexto físico ou internalizado na pessoa, enquanto a menor parte está codificada, explícita e transmitida da mensagem. Uma comunicação de contexto baixo é exatamente o oposto: ou seja, a maior parte da informação está investida no código explícito (Tradução nossa).

comunicação que se verifica na forma como os culturemas da gastronomia cearense são transmitidos geração a geração por meio do léxico, questão a ser desenvolvida adiante, no item 2.2 deste trabalho.

Em função dos objetivos desta pesquisa, é relevante mencionar também a noção de cultura em seu aspecto simbólico. Compreende-se que, nesse sentido, a cultura é adquirida progressivamente pelos indivíduos desde os seus primeiros momentos após o nascimento e se desenvolve por toda a vida, por meio da interação social no grupo a que pertencem. Para que sistemas simbólicos de valores, crenças, atitudes e regulações ou padrões de conduta sejam transmitidos de geração em geração, a comunicação é imprescindível.

Aqui, considera-se que tal comunicação entre indivíduos de um grupo linguístico-cultural ocorre por meio de um léxico compartilhado. A fim de confirmar o argumento de que a língua [notadamente o léxico] é o principal meio de transmissão de cultura, Luque Nadal apresenta a seguinte afirmação de Clifford Geertz:

El concepto de cultura al que yo me adhiero denota un modelo de significados codificado en símbolos y transmitido históricamente; un sistema heredado de concepciones expresadas en formas simbólicas mediante las cuales los humanos comunican, perpetúan y desarrollan su conocimiento y sus actitudes respecto a la vida (Geertz, 1973, p. 89, *apud* Luque Nadal, 2010, p. 13).

Essa capacidade do léxico enquanto acesso à cultura e representação dela é confirmado por Biderman (1978), para quem o léxico resulta da soma de todas as experiências acumuladas de uma sociedade e do acervo cultural através dos tempos. E esse potencial da referida estrutura linguística se apresenta tanto em manifestações de cultura popular quanto de cultura elitizada.

2.1.1 Culturas populares: espaços de poder por afirmação

A cultura é uma construção histórica que se inscreve na dinâmica das relações sempre desiguais dos grupos sociais entre si, e nesse contato o jogo de distinção produz as diferenças culturais.



Para Arantes (1990), nas sociedades estratificadas em classes a cultura, no uso corrente do termo, representa um conjunto de “atividades especializadas que têm por objetivo a produção de um conhecimento e de um gosto que, partindo das universidades e das academias, são difundidos entre as diversas camadas sociais como os mais belos, os mais corretos, os mais adequados, os mais plausíveis, etc.” (Arantes, 1990, p. 09). Deduz-se daqui, portanto, que a cultura pode estar acessível a apenas um conjunto de indivíduos que usufruam de estudo, saber, elegância e esmero.

Sobre essa questão, Cucho (1999) argumenta que

Cada coletividade, no interior de uma situação dada, pode ter a tentação de defender sua especificidade, fazendo um esforço através de diversos artifícios para convencer (e se convencer) que seu modelo cultural é original e lhe pertence (Cucho, 1999, p. 143).

A partir desses pontos de vista, constata-se que há hierarquia entre as culturas, conquanto elas existam em permanente relação de umas com as outras. Quanto à questão valorativa, embora todas mereçam igual atenção por parte de pesquisadores, isso não significa que, do ponto de vista social, elas sejam igualmente reconhecidas. Comumente, o debate reside sobre o que se denomina de cultura culta (ou de elite)⁹ e cultura popular.

As noções de cultura popular têm origem no Romantismo, corrente de pensamento filosófico, artístico e literário que se difundiu na Europa, e quase simultaneamente nas Américas, a partir de meados do século XVIII. Nesse período, marcado em especial pela Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica, as elites europeias afastaram-se de um universo cultural de que até então haviam participado na condição de “biculturais”. Um rico senhor que participasse de uma peregrinação não se veria integrado a um movimento do povo, pois sua presença naquela representava uma cultura que, embora diferenciada,

⁹ Formas de expressão de grupos de pessoas detentoras de habilidades de letramento e com acesso a formas científicas dos saberes constituídos pela humanidade são conhecidas como cultura erudita, culta ou de elite. Marcada pela presença de domínio e acesso irrestrito a categorias científicas de ordenar, legitimar e repassar o saber, esta cultura tem suas peculiaridades, porém não é unicamente definida nem imune a elementos da chamada cultura popular.

era integralmente vivida como sua (Burke, 2010). A cultura era pensada, então, numa visão polarizante, como sendo cultura de elite ou cultura popular¹⁰.

Na tensão produzida entre esses dois estratos, Chartier (1995) destaca que

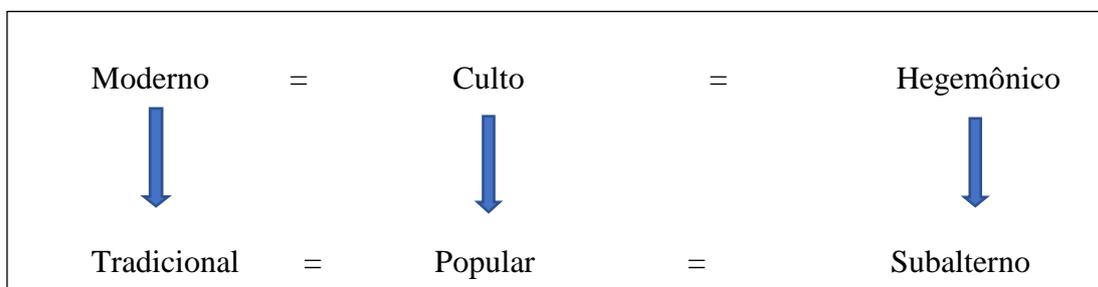
Compreender a cultura popular significa situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos de dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modelos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto (Chartier, 1995, p. 184-185).

Ao tempo em que evita extremos quanto ao assunto, Cuche (1999, p. 148-149) afirma que

As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas apenas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos.

Convém dizer, porém, que cultura de elite e cultura popular são formas e conteúdos diferentes de expressão de uma dada realidade social e histórica. Então, não devem ser vistas como opostas ou excludentes, mas como maneiras específicas de ver, sentir e expressar a realidade conforme se situam seus atores na produção e circulação do poder.

Para Canclini (1989, p. 206), o que se denomina de popular está inserido no processo constitutivo da modernidade e apresenta as contradições expostas no quadro abaixo:



¹⁰ Sobre a relação entre cultura da elite e cultura popular, Cuche (1999) descreve duas teses: a minimalista e a maximalista. Para a primeira, a cultura popular é uma cópia deformada e de má qualidade em relação à cultura da elite, pois não possuiria qualquer dinâmica ou criatividade próprias, logo, uma cultura marginal. Já para a segunda tese, a cultura popular é autêntica, completamente autônoma e sem qualquer inferioridade em relação à cultura das classes dominantes. O autor reconhece que, colocadas assim, essas teses são extremas e derivam de uma ideologia populista, por isso devem ser evitadas nas ciências sociais.



O autor afirma, ainda, que a história do popular sempre foi relacionada com a história dos excluídos, dos que não têm patrimônio ou que não conseguem fazê-lo reconhecido e conservado.

Os autores românticos, baseados em seu idealismo sentimental, conceberam o povo como uma totalidade homogênea e autônoma, cuja criatividade espontânea era considerada a real expressão dos valores humanos e o modelo de vida que todos deviam buscar. Para eles, a cultura popular era a sede autêntica do humano e a essência pura do nacional, isolada do sentimento de uma civilização que a negava (Canclini, 1983). Por outro lado, os positivistas demonstraram que os produtos culturais do povo se originam tanto da expressão direta dos costumes e crenças populares quanto do seu contato com o saber e a arte das elites.

Esse autor argumenta que

a cultura popular não pode ser entendida como a "expressão" da personalidade de um povo, à maneira do idealismo, porque tal personalidade não existe como uma entidade a priori, metafísica, e sim como um produto da interação das relações sociais. Tampouco a cultura popular é um conjunto de tradições ou de essências ideais, preservadas de modo etéreo (Canclini, 1983, p. 42).

Por fim, ele apresenta uma síntese do que entende ser a melhor concepção de cultura popular:

O caráter popular de qualquer fenômeno deve ser estabelecido com base no seu uso e não por intermédio da sua origem; deve ser encarado como um fato e não como uma essência, como posição relacional e não como substância. O que constitui o caráter popular de um fato cultural é a relação histórica, de diferença ou de contraste, diante de outros fatos culturais (Canclini, 1983, p. 47-48).

Por esta exposição e em conformidade com os objetivos da investigação em curso, é fundamental compreender que nenhuma forma de cultura é melhor, mais elaborada e funcional, ou pior, menos complexa e mais restrita do que a outra. Cada grupo de sujeitos sociais, conforme suas necessidades e vivências, elege, tacitamente no decorrer de suas interações, o que lhe é válido para expressar o seu modo de ver, sentir, trabalhar, comer, constituir família, relacionar-se com divindades etc.



Os culturemas da gastronomia da gastronomia cearense [*corpus* desta tese] se inserem no contexto de cultura popular, visto que sua semântica produz significados simbólicos de resistência à denominada cultura de elite e/ou ao domínio de/por manifestações culturais externas. Com isso, constituem, afirmam e preservam marcas identitárias, atendendo às três concepções formuladas por Cuche (1999): i) objetivista (a identidade é preexistente e inerente ao indivíduo); ii. subjetivista (a identidade é um sentimento de vinculação do indivíduo a uma coletividade); iii. relacional (a identidade é elaborada em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos).

Conforme as pessoas entendem que participam de uma cultura e representam uma identidade, esforçam-se para agir e expressar-se segundo o que julgam ser pertinente a elas. Nesse aspecto, as práticas culturais são representações discursivas das quais constantemente emergem outras práticas na representação que as pessoas têm de que são participantes de uma ou de outra cultura.

Ainda que possa ser constituída em meios sociais considerados como os verdadeiros representantes da civilização, a cultura popular é entendida como a expressão de vida em que se sobrepõem “todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento” (Machado, 2002, p. 335).

Entretanto, é preciso considerar a possibilidade de que não haja grupos e pessoas absolutamente isentos desse racionalismo. Por isso, a definição de cultura popular deverá considerar mais as condições de acesso às formas de saber do que necessariamente a distância em que se está delas. Isto porque é possível que representantes da cultura popular saibam da existência destas práticas eruditas de representação e até convivam com elas, no entanto não participem delas como sujeitos nem conheçam seu funcionamento.

É necessário, então, compreender que cultura popular e cultura erudita são denominações relacionadas à ideia de fronteira e de delimitação do que é continuidade (Bhabha, 2003). Na dinâmica da vida social, contudo, elas se interpenetram e se reelaboram e, por isto, é sempre um risco precisar limites entre o que é popular e o que é erudito.



Não é raro, nos grandes centros urbanos e entre indivíduos de elevada formação intelectual, portanto representantes da chamada cultura erudita, encontrarem-se, por exemplo, crenças e expressões lexicais da gastronomia típica da cultura popular. Isso comprova que, entremeados à cultura erudita, existem princípios e formas de lidar com o cotidiano que são encontrados em culturas populares.

Tais formas e princípios são expressões de fronteira, com códigos específicos de realização para a cultura erudita e para a popular (Bosi, 1995), que permitem vivenciar e significar a realidade, mas são insuficientes para sozinhas delimitarem com precisão as fronteiras das culturas. São expressões diferenciadas sob a ótica da escrita e da oralidade, mas sem estatuto bastante para alçar essa diferenciação às culturas, pois há outros elementos, como ritos e crenças, que também contribuem com a identificação de uma prática cultural como erudita ou popular, resultante da dinamicidade das relações entre as pessoas.

Na pluralidade de concepções em torno da palavra cultura, esta pesquisa recorre à abordagem dela como conceito diferencial, proposta por Bauman (2012), para estabelecer distinções, no interior da cultura linguística, entre os estratos padrão e coloquial, visto que neste significado apresentado pelo autor “o termo ‘cultura’ é empregado para explicar as diferenças visíveis entre comunidades de pessoas” (Bauman, 2012, p. 71).

A escolha pela dimensão diferencial da cultura se justifica aqui pelo fato de que, vivendo em diferentes espaços e contextos, os indivíduos estão, dia a dia, submetidos a influências culturais variadas, por isso seus conhecimentos, crenças, manifestações artísticas, convenções morais, etc. diferem de um grupo social para outro. E, em sentido mais específico, também comportamentos de primeira instância são definidos culturalmente; é o caso dos hábitos gastronômicos e das manifestações linguísticas – áreas de interesse particular nesta investigação.

A discussão em torno dos registos¹¹ formal e informal da linguagem [e neste se situam os culturemas da gastronomia cearense, pois se encontram pautados notadamente em dicionários de expressões populares] será desenvolvida no capítulo 03 [O *corpus*] do trabalho em curso.

2.1.2 Cultura como conceito diferencial, segundo Zygmund Bauman

O autor situa essa concepção de cultura “entre numerosos ‘conceitos residuais’, muitas vezes construídos para invalidar o sedimento de idiosincrasias desviantes que não podem dar conta de regularidades que, de outro modo, seriam universais” (Bauman, 2012, p. 71).

Nesta sua proposição, Bauman (2012) se refere à forma como os gregos, já na Antiguidade e conscientes de suas diferenças, relacionaram-se com outros povos e registraram os comportamentos destes como desvios ao padrão normal de conduta que entendiam ser aceitos e civilizados. Inclusive, chama a atenção para o fato de que a maioria das sentenças linguísticas construídas por Heródoto são iniciadas por expressões como “Eles não” e “Ao contrário de nós”. Essas distorções entre os povos eram percebidas porque, para os gregos, seu mundo era dividido em grupo helênico (civilizado) e grupo bárbaro.

Bauman (2012, p. 71) afirma que, do ponto de vista filosófico “a conciliação entre o pressuposto da existência de padrões pré-construídos de verdade, beleza e rigor moral e a registrada variabilidade dos hábitos e costumes populares aceitos deve ter produzido obstáculos insuperáveis”. Esse fato decorre da constatação de que, na história da humanidade, deparar-se com diferentes culturas não significa, obrigatoriamente, dar a elas o devido reconhecimento e valor. Entretanto, nas sociedades contemporâneas já é comum se discutir a relatividade dos padrões culturais como estratégias de equilíbrio para a convivência social.

Ao tempo em que entende a cultura como uma prática social, Bauman (2012) argumenta que o conceito diferencial de cultura é um arcabouço intelectual imposto sobre o corpo

¹¹ A escolha por essa denominação fundamenta-se em Vilela (1997, p. 39), para quem as variedades sociais de língua não podem ser confundidas com os registros, pois estes “abrangem classificações como áulico, formal, ou oficial, médio, coloquial, informal, popular e familiar”.

acumulado das experiências humanas e revela cinco premissas que sustentam tal conceito, a saber: i) o ser humano não é totalmente determinado pelos fatores genéticos; ii) a cultura é um conjunto de práticas sociais; iii) a cultura pode ser tomada como uma manifestação particular, por exemplo, de um grupo linguístico; iv) a cultura não se caracteriza por conceitos universais; e v) a cultura é uma comunidade de significados compartilhados.

Conforme essas concepções, no interior da proposta conceitual de Bauman devem-se pensar os termos ‘cultura’ e ‘língua’ no plural, pois enquanto manifestação da prática humana eles são híbridos: o primeiro se divide entre as noções de elitizado e popular, e o segundo, entre formal e informal. Convém destacar que cada um destes constitui, na realidade, uma entidade distinta, relativamente bem definida e conceituada. Mediante tal constatação, fica validado, como *corpus* desta pesquisa, o uso de culturemas da gastronomia cearense, representativos da cultura popular, por um lado, e oriundos da língua em seu registro informal, por outro. Ressalta-se ainda que, além dos culturemas, os seus desdobramentos nesta investigação (as expressões idiomáticas e as unidades fraseológicas) também se localizam no registro informal da língua portuguesa.

Para Bauman (2012), a aplicação do conceito diferencial não significa que “uma cultura seja vista como entidade isolada e singular (...). A cultura é de fato um sistema fechado de características que distingue uma comunidade de outra” (p. 85). Portanto, ela é uma entidade feita pelo homem e uma entidade que faz o homem, permeadas, entre outros elementos, pela língua, cujas formas de relação com a cultura se apresentam a seguir.

2.2 Relações entre língua e cultura – a evidência do léxico

A linguagem é uma atividade humana universal realizada por cada falante, sempre situado na história e marcado pela cultura, por isso se afirma que ela é uma instituição (ou um fato) social. A concepção mais comum decorrente dessa definição é a de que a linguagem está determinada pela necessidade de comunicação, e que a língua, em sentido particular, impõe-se aos indivíduos, os quais isoladamente não podem criá-la nem a modificar. Coseriu (1990) afirma que essas proposições não podem ser aceitas sem reparos, visto que

Com efeito, a linguagem, mais do que ser *um* fato social entre outros, é o fundamento de todo o social e a manifestação primária da ‘socialidade’ humana, do ‘ser-com-outros’, que é uma dimensão essencial do ser do homem. E caráter ‘institucional’, de objetivação histórica da socialidade do homem, tem não a linguagem como tal, mas sim a língua (Coseriu, 1990, p. 38).

Também sobre a língua, ele faz uma advertência:

Esta não se impõe ao falante, e sim, o falante a assume como própria, assumindo ao mesmo tempo a sua própria historicidade, o seu ser histórico; não é ‘obrigatória’ como imposição externa, e sim, como ‘compromisso’, como obrigação livremente assumida e consentida. Por outro lado, o falante a cria continuamente como tradição pelo fato mesmo de que a adota e a continua (que é como se criam *os* fatos sociais) e sempre a modifica em alguma medida pelo fato mesmo de que a realiza no falar em circunstâncias particulares (Coseriu, 1990, p. 38).

As restrições conceituais apresentadas por Coseriu a respeito das funções sociais da linguagem e da língua são bastante caras a esta pesquisa sobre os culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à fraseologia da língua portuguesa, pois eles e seus desdobramentos (expressões idiomáticas e unidades fraseológicas) são herdados de geração a geração e, muitas vezes, criados ou reinventados e continuados do ponto de vista estrutural e sintático, sem prejuízo à representação simbólica e cultural que fazem de um determinado grupo de pessoas.

Na relação dos sujeitos com as comunidades, encontra-se outra característica fundamental da linguagem: a dimensão intersubjetiva. Esta é dada pela alteridade do sujeito, pois ele, enquanto falante e criador de linguagem, pressupõe sempre outros sujeitos como usuários. Por outro lado, a alteridade pode ser positiva ou negativa. No primeiro caso, ela representa coesão e solidariedade entre os sujeitos, que se reconhecem como membros da mesma comunidade; no segundo, implica separação de outros, que se reconhecem como membros de diferentes grupos sociais (Coseriu, 1990).

Esse autor apresenta, em síntese, a relação entre linguagem e cultura, fundamentando-a em três sentidos diferentes:

(i) a própria linguagem é uma forma primária de cultura, da objetivação da criatividade humana; (ii) a linguagem reflete a cultura não linguística (...) e manifesta os saberes, as ideias e crenças acerca da realidade conhecida, também acerca das realidades sociais e da própria linguagem enquanto parte da realidade; (iii) fala-se também com a competência extralinguística, com o conhecimento do mundo (...) e este influi sobre a expressão linguística e a determina em alguma medida (1990, p. 40).

Cuche (1999) é outro teórico que se reporta ao vínculo estreito entre língua e cultura, para afirmar inicialmente que elas se estabelecem numa relação de interdependência: “a língua tem a função, entre outras, de transmitir a cultura, mas é, ela mesma, marcada pela cultura” (p. 94). Em seguida, ele cita Lévi-Strauss, que traz as seguintes concepções sobre esse tema:

linguagem como produto da cultura (uma língua em uso em uma sociedade reflete a cultura geral da população); linguagem como parte da cultura (a língua constitui um dos elementos da cultura); linguagem como condição da cultura (é sobretudo por meio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo) (Cuche, 1999, p. 94).

Para este trabalho, importa dar relevo também ao pensamento de Sapir sobre o tema: “A língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas (Sapir, 1980, p. 165). Esta afirmação também confirma o valor dos culturemas da gastronomia cearense como *corpus* do trabalho, visto que, como marcas de cultura, eles são transmitidos de geração em geração por meio da língua, como sistema de práticas sociais.

Sobre a correlação do léxico com a sociedade, Biderman afirma que

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. (...) esse tesouro lexical é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias (Biderman, 1981, p. 132).



Ao tomar essas ideias por referência, percebe-se que a palavra tem existência também psicológica e destacado valor coletivo, pois é por ela que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar conhecimentos de caráter subjetivo. É, portanto, a palavra que tem a função de consolidar os conceitos resultantes de operações mentais, possibilitando a sua transmissão às gerações futuras.

Segundo a teoria do relativismo linguístico (denominada de hipótese Sapir-Whorf), “o léxico pode ser considerado como uma categorização¹² simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura” (Biderman, 1981, p. 133). Logo, nesse sentido, o vocabulário de uma língua é, por excelência, o domínio no qual estão codificados os símbolos da cultura.

Além disso, o léxico nomeia objetos do mundo material como resultado de um longo processo de categorização, através do processo de reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre o meio cultural e os elementos da experiência física humana, permeados sempre pela interação entre os indivíduos. Portanto, a cultura e o mundo físico dos falantes de uma comunidade serão percebidos de uma determinada maneira, conforme o seu acervo lexical, que se renova com maior ou menor frequência, de acordo com a dinâmica evolutiva do grupo social. Como argumenta Marcuschi (2004, p. 269), “o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social”.

O postulado fundamental para a compreensão das relações entre a língua e a cultura é dado por Biderman (1978, p. 80): “Todo sistema linguístico manifesta, tanto no léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação de dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga”. Logo, entende-se que a compreensão do indivíduo sobre a própria realidade é, de certa maneira, influenciada pelo sistema linguístico em que ele está inserido, pois as categorias da sua língua o predis põem a fazer determinadas escolhas de interpretação do que lhe é real. Como se vê, o léxico é a estrutura linguística que, por excelência, estabelece a relação entre língua e cultura.

¹² Em virtude das tantas e variadas formas como o mundo real se apresenta, Biderman (2001, p. 156) argumenta que “O processo de categorização permite-nos simplificar a infinitude da realidade tal como ela se apresenta a nossos sentidos e nos possibilita a conceptualização dessa realidade. A rigor, a categorização é um mecanismo de organização mental da informação (...)”.



O léxico se constitui a partir de ações sucessivas de compreensão da realidade e de categorização das experiências humanas e se materializa em signos linguísticos. Quando o homem agrupa objetos e os identifica por semelhanças e, por outro lado, discrimina-os por diferenças, ele organiza o mundo em que está imerso. Por essa estratégia de nomeação, que permite ao homem apropriar-se do real, é gerado o léxico de uma língua (Biderman, 2001).

Dentre as ciências que estudam o léxico, destacam-se a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Esta investigação se interessa especialmente pelas duas primeiras, pois não discute o termo técnico-científico, objeto de estudo da Terminologia.

Para Abade (2006, p. 219), “A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais”. Conforme essa autora, a Lexicografia e a Terminologia, entre outras, são ciências afins à Lexicologia. Pontes (2009, p. 18) disserta que “A lexicologia é a disciplina responsável pelo estudo das palavras de uma língua, em discursos individuais e coletivos”. De acordo com Biderman (2001, p. 16), essa ciência “tem como objetivos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. A referida autora pondera, ainda, que a Lexicologia possui fronteiras com a semântica, a morfologia lexical, a Dialetoleologia e a Etnolinguística.

A fim de ratificar que a Lexicologia é a ciência geral do léxico, Krieger (2010) argumenta que

os estudos de Lexicologia, ao se ocuparem de vocabulários específicos, topônimos e neologismos, contribuem, de modo particular, para o conhecimento da variação linguística do português do Brasil. À variação associam-se importantes aspectos da cultura nacional, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade (Krieger, 2010, p. 169).

Toma-se por referência o argumento acima para salientar uma das hipóteses desta tese de que pelo léxico da gastronomia cearense [denominado aqui de culturemas] é possível apresentar aspectos significativos da identidade linguística e cultural do povo do Ceará,

através de denominações e designações de alimentos e hábitos, que, por serem de caráter social, representam crenças da coletividade.

Por sua vez, a Lexicografia se dedica ao estudo de um aspecto particular do léxico e é, segundo Hernández (1989, p. 08), “uma disciplina do ramo da Linguística Aplicada que se ocupa das questões teóricas e práticas concernentes à elaboração de dicionários”. Por isso, ela se divide em parte teórica e parte prática. A primeira, denominada de metalexigrafia, abrange questões relativas ao estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da Lexicografia, à pesquisa de uso de dicionários e ainda à tipologia (Welker, 2004). A segunda diz respeito à elaboração de dicionários. Para Borba (2003, p. 15), a Lexicografia tem duas funções:

- (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.;
- (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

Sobre os estudos lexicográficos, Krieger (2010) chama atenção para o fato de que eles “envolvem desde a definição até aspectos constitutivos da organização macro e microestrutural dos dicionários” (p. 170). Essa questão será retomada no Capítulo 4 desta pesquisa, que tratará da composição do glossário de culturemas gastronômicos do Ceará.

A depender da natureza de uma pesquisa em sua área, a Lexicografia apresenta quatro segmentos, a saber: i) Lexicografia Pedagógica, para a prática ou estudo de dicionários voltados ao ensino de língua materna ou estrangeira; ii) Lexicografia Computacional, para a elaboração de dicionários eletrônicos; iii) Lexicografia Aplicada, para o estudo de dificuldades e estratégias sobre o uso do dicionário (Pontes, 2009); e iv) Lexicografia Regional¹³, para o estudo dos regionalismos¹⁴ léxicos. É nesta em que se concentra a pesquisa

¹³ A Lexicografia Regional estuda os regionalismos em duas vertentes, de acordo com Ahumada Lara (2007, p. 101): i) “os regionalismos e sua presença nos dicionários gerais; e ii) os regionalismos como objeto exclusivo de estudo, isto é, os vocabulários dialetais ou dicionários de regionalismos”.

¹⁴ Na língua portuguesa do Brasil, Isquierdo (2006) chama atenção para a existência de dois tipos de regionalismos: o amplo e o restrito. O primeiro diz respeito à língua portuguesa variante brasileira ter caráter de

em curso, ao abordar os cultuemas da gastronomia cearense, pois eles revelam expressões locais registradas em dicionários de regionalismos¹⁵.

Os estudos sobre o léxico encontram-se bastante diversificados na atualidade e podem ser desenvolvidos em conformidade com qualquer uma das três principais correntes da linguística, segundo Abade (2006), quais sejam:

i) Estruturalismo: nessa teoria, a língua é analisada em seus aspectos formal e social, e o léxico forma estruturas e subestruturas ligadas entre si por diversas características. Para esta concepção de língua, “a palavra é produtiva, ou seja, é capaz de servir como modelo analógico para formar outras, na medida em que é passível de ser decomposta” (Maroneze, 2008, p. 03). Portanto, a ênfase é na forma/estrutura do léxico.

ii) Gerativismo: aqui, a língua é considerada um sistema articulado de características fonéticas, sintáticas e semânticas, e se busca conhecer a organização e o funcionamento do léxico no sistema cognitivo dos usuários da língua. Essa teoria “...encara o léxico como o acervo dos itens que o falante recolhe para a geração das unidades sintáticas” (Rodrigues, 2015, p. 42).

iii) Funcionalismo: nessa corrente teórica, a língua é investigada em seu uso social, e quanto ao léxico se deseja saber como os indivíduos empregam as estruturas em interações cognitivas e comunicativas (orais e escritas). Portanto, “Quanto à análise da palavra, os funcionalistas apelam para o contexto de emprego, para a combinação de signos linguísticos e não-linguísticos (como gesto, força elocucionária, etc.)” (Lima-Hernandes, 2009, p. 99-100).

Em sentido mais específico, o léxico pode ser estudado, segundo essas teorias, a partir de enfoques, como: formação de palavras (com fundamentos do estruturalismo ou do gera-

regionalismo – mais conhecido como brasileirismo – se comparada à variante portuguesa. O segundo configura-se na variedade empregada em uma dada região.

¹⁵ Este tema será apresentado no Capítulo 03, referente ao *corpus* da pesquisa.



tivismo); vocabulário de especialidade (com fundamentação no estruturalismo ou no funcionalismo); e ensino de vocabulário (com base no estruturalismo e no funcionalismo) (Abade, 2006).

Vilela (1997) apresenta o léxico em duas perspectivas: a cognitivo-representativa e a comunicativa. Na primeira, o léxico é “a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística”. Na segunda, “é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si” (Vilela, 1997, p. 31). Em ambos os casos, para esse autor trata-se sempre da codificação de um saber partilhado socialmente.

De acordo com o exposto até aqui, vê-se que o léxico é um sistema dinâmico e instável que manifesta a história e as mudanças sociais e culturais de um povo. Essas mudanças deixam transparecer na língua os valores, as crenças, os costumes e os hábitos de uma sociedade, como os gastronômicos, cujos culturemas formam o corpus desta pesquisa. Sobre a dinamicidade do léxico, Biderman (2001, p. 15) também se posiciona:

Eis por que o léxico das línguas vivas usadas pelas sociedades civilizadas vive hoje um processo de expansão permanente. No mundo contemporâneo, sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações.

Para Isquierdo e Krieger (2004, p.11), “o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também em resgatar a cultura”. Portanto, a língua, a história e a cultura são indissociáveis. É com base nesse fundamento que o trabalho em desenvolvimento aqui tem como um dos seus objetivos específicos comprovar as relações entre língua e cultura, a partir do estudo dos culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à fraseologia da língua portuguesa.

2.3 Culturemas como representação

Dissertar sobre cultura implica necessariamente referir-se também a representações sociais, afinal “la cultura representa los elementos comunes alrededor de los cuales la gente desarrolla normas, estilos de vida familiar, roles sociales y conductas que responden a realidades históricas, económicas, políticas y sociales (Luque Nadal, 2010, p. 12).

O conceito de representação ocupa importante lugar nos estudos sobre cultura, pois é ele quem a conecta à língua. Representação significa usar a língua para dizer ou representar significativamente a um indivíduo algo sobre o mundo, isto é, a representação se constitui como parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Logo, nesse contexto representar é o mesmo que simbolizar ou ser uma amostra de algo. E esse processo ocorre por meio do uso dos signos linguísticos, que já nomeiam os constituintes do mundo.

Em seu sentido simbólico, a cultura se apresenta também como um elemento que unifica a sociedade, uma espécie de segundo código genético que os indivíduos recebem ao nascer e desenvolvem durante a vida, nos processos interacionais com outros sujeitos. Como a cultura se baseia em sistemas regulados (e diferenciados de outras), percepções e crenças a respeito do mundo, os membros de uma sociedade ou de um grupo social partilham, em termos simbólicos, determinadas concepções.

Quando se atribui, por exemplo, à palavra ‘caldo’ o sentido de ‘fraqueza’ (denominado por muitos cearenses de ‘caldo de bila’), apresenta-se este conceito de forma culturalmente marcada, pois, ao mesmo tempo em que a expressão é desconhecida em diversas culturas, seu significado é relevante, simbólico e compartilhado por integrantes de um grupo social, notadamente pessoas de classes populares das periferias do Ceará, em especial o público masculino e jovem. Essas características, entre outras a serem apresentadas na descrição do *corpus* desta pesquisa, permitem já afirmar que a palavra ‘caldo’ constitui um culturema [da gastronomia cearense].

2.3.1 Culturemas: origem e expansão conceitual



Tem-se afirmado aqui que a cultura é um conjunto de crenças, formas de vida que definem e identificam um grupo e suas identidades construídas a partir do que é herdado dos antepassados. Pela cultura, é possível avaliar se determinada forma de conduta [e a esta investigação interessa especialmente a linguística] apresentada por membros de uma comunidade está de acordo com as expectativas gerais de comportamento que se espera dela (Nord, 2009). Nessas acepções de cultura [como “características culturais”] de um determinado grupo social, encontram-se os culturemas.

Para referir-se a elementos característicos de uma cultura, tem-se recorrido a denominações como palavras culturais, marcas culturais, culturemas, etc. Nida é quem inicia, em 1975, com a publicação do artigo “*Linguistic and Ethnology in Translation Problems*”, o estudo dos elementos culturais, ainda dedicado apenas às questões de tradução. É também desse autor a proposição de cinco domínios através dos quais podem ser estudados aquilo que ele denomina de “âmbitos culturais”, a saber:

- i. ecologia: refere-se às diferenças ecológicas da fauna, da flora, dos fenômenos atmosféricos, etc. entre os diferentes espaços do globo terrestre;
- ii. cultura material: engloba práticas como, por exemplo, fechar as portas de uma cidade, ação difícil de conceber para culturas que não dispõem de ambiente murado;
- iii. cultura social: diz respeito às diferenças de costumes em culturas e línguas diversas;
- iv. cultura religiosa: trata das dificuldades de, por exemplo, traduzir termos de uma cultura cristã para uma cultura não cristã, pois o que é sagrado em uma pode não sê-lo em outra;
- v. cultura linguística: incluem-se aqui problemas de tradução decorrentes de características particulares das línguas, em campos como a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

Newmark (1995) adapta a classificação de elementos culturais proposta por Nida e acrescenta uma nova categoria, os gestos e hábitos, como se demonstra abaixo:

- i. ecologia: fauna, flora;
- ii. cultura material: comida, bebida, roupa, moradia;

- iii. cultura social: trabalho, lazer;
- iv. organizações: costumes, atividades, procedimentos;
- v. conceitos: política, religião, artes;
- vi. gestos e hábitos: elementos paraverbais.

Na reformulação de Newmark, destaca-se o foco cultural que ele dá à sua proposta, associado ao léxico de uma língua, capaz de explicitar categorias como as que estão nomeadas, especialmente, em ii, iii, iv e v. O referido autor confirma tal diversidade funcional do léxico ao diferenciar a linguagem universal da cultural e da popular:

Para mim, a cultura é a maneira de vida própria de uma comunidade que utiliza uma língua particular como meio de expressão e as manifestações que esse modelo de vida implica. Mais concretamente: eu diferencio a linguagem “cultural” da “popular” e “universal”. Morrer, viver, nadar, estrela [...] são universais [...]. Caldo, pirão, tripa, etc. são palavras culturais [...]. (Newmark, 1995, p. 133 [tradução e palavras culturais do pesquisador])

Molina Martinez (2001) revisa os autores já citados aqui, elabora um conceito amplo de âmbitos culturais e os organiza em quatro categorias, como se vê à frente, no quadro proposto por ela:

Âmbitos culturais	
1. Meio natural	Flora, fauna, fenômenos atmosféricos, climas, ventos, paisagens (naturais e criadas) e topônimos.
2. Patrimônio cultural	Personagens (fictícios ou reais), fatos históricos, conhecimento religioso, festividades, crenças populares, folclore, obras e monumentos emblemáticos, lugares conhecidos, nomes próprios, utensílios, objetos, instrumentos musicais, técnicas empregadas na ex-

	ploração da terra e da pesca, questões relacionadas ao urbanismo, estratégias militares, meios de transportes etc.
3. Cultura social	<p>Convenções e hábitos sociais: o tratamento e a cortesia, a maneira de comer, de vestir e de falar, costumes, valores morais, saudações e gestos, a distância física que os interlocutores mantêm, etc.</p> <p>Organização social: sistemas políticos, legais, educativos, organizações, ofícios e profissões, moedas, calendários, eras, medidas etc.</p>
4. Cultura linguística	Transliterações, refrãos, frases feitas, metáforas generalizadas, associações simbólicas, interjeições, blasfêmias, insultos etc.

Os termos culturais, como se observa pelo exposto, têm sido classificados por diferentes teóricos, o que permitiu distintas denominações para categorias culturais: cultura material, religiosa, social e linguística, patrimônio cultural, hábitos e conceitos. Essas categorias, em particular nos âmbitos da cultura linguística e da cultura social, constituem a referência para localizar e selecionar os culturemas referentes à gastronomia cearense – objeto de estudos desta pesquisa.

A procedência dos culturemas e os lugares em que eles podem ser encontrados, segundo Crida Álvarez (2012), são bastante variados: da Bíblia, especificamente do livro do Gênesis, vêm as expressões “vacas gordas” (para simbolizar tempo de abundância) e “vacas magras” (para representar tempo de escassez); da História Universal, herdou-se a expressão “ovo de Colombo” (que significa tornar fácil, por uma estratégia, uma tarefa que parecia muito difícil).

Sobre essa questão, Luque Nadal (2009, p. 97) assim se pronuncia: “los culturemas proceden de símbolos que los hablantes de una lengua llegan a conocer a través del aprendizaje de su propia cultura”. A autora dá relevo também às diferentes fontes das quais emergem os culturemas: manuais escolares de história, literatura, religião; contos, canções,



enigmas, refrãos, ditos populares; meios de comunicação, como rádio, televisão, cinema, etc. Ela inclui, ainda, outras origens: personagens políticos e de ficção, atores, escritores, tipos de vestimenta, modas e fatos sociais e artísticos.

Para definir culturemas, Luque Nadal (2009, p. 95) informa, inicialmente, que a origem da noção deles ainda não está clara e recorre à exposição de Mayoral Assencio (1999, p. 67-72): “Nord cita la siguiente definición de culturema, atribuída a Vermeer (1983, p. 8): ‘Culturema é um fenômeno social de uma cultura A considerado relevante por membros dessa cultura; quando é comparado com um fenômeno social correspondente em uma cultura B, vê-se que ele é específico da cultura A’”. Pamies Bertrán (2008) discorda desse conceito por considerar que ele não é uma condição fundamental para que as pessoas tenham consciência de sua existência ou de sua importância; tampouco é especificidade, pois pode haver culturemas compartilhados por várias culturas.

Outra definição de culturemas é apresentada por Pamies Bertrán (2007 e 2008). Para ele, os culturemas são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de referido simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica.

E o autor continua:

Los culturemas son extralinguísticos en la medida en que son verbalizados como consecuencia de un simbolismo previo, nunca como su causa. Puede ocurrir, igualmente, que esta verbalización sobreviva a un culturema, que ya se ha extinguido como tal. Los culturemas también pueden ser entidades totalmente imaginarias, de modo que algo tan real y tangible como una flor puede llevar el nombre de personajes inexistentes como Narciso o Don Juan (Pamies Bertrán, 2008, p. 45).

Ainda sobre acepções de culturemas, Luque Nadal (2009) apresenta a sua, em síntese: podríamos definir culturema como cualquier elemento simbólico específico

cultural, simple o complejo, que corresponda a un objeto, idea, actividad o hecho, que sea suficientemente conocido entre los miembros de una sociedad, que tenga valor simbólico y sirva de guía, referencia, o modelo de interpretación o acción para los miembros de dicha sociedad (Luque Nadal, 2009, p. 97).

O desenvolvimento conceitual exposto até aqui e o estudo de Molina Martínez (2006) permitem configurar os seguintes itens como características gerais dos culturemas:

- i. criam-se por motivos diversos;
- ii. modificam-se ou desaparecem continuamente;
- iii. existem somente em contextos (resultam de uma transferência cultural e são percebidos quando se comparam duas culturas);
- iv. não se restringem a um único grupo social, pois podem ser compartilhados entre distintos grupos ou culturas.
- v. estão presentes na comunicação oral e escrita dos falantes.

2.3.1.1 Culturemas universais e culturemas específicos

O encontro da cultura com a língua promove a interculturalidade e revela fenômenos linguísticos particulares e universais. Entre eles, interessam particularmente a esta pesquisa os culturemas universais e os culturemas específicos.

Denominam-se culturemas universais aqueles que pertencem a mais de uma língua e, portanto, produzem metáforas em diferentes culturas. Eles se localizam no que Luque Nadal (2009) chama de “zonas culturais”, que compartilham tradições históricas, religiosas, etc. Nas culturas ocidentais, em especial nos países cristãos, palavras como ‘serpente’¹⁶ e ‘Judas’ são exemplos de culturemas universais. A primeira, por pressões histó-

¹⁶ Em outras culturas, o significado de serpente assume diferentes conotações: em árabe, o simbolismo da serpente está efetivamente ligado à própria ideia de vida – a serpente é el-hayyah e a vida, el hayat; nas mitologias do México ao Peru, a serpente é associada à umidade e às águas da terra; na Grécia, era costume popular fazer libações de leite sobre os túmulos para as almas dos defuntos reencarnados em serpente; em Roma, o símbolo do gênio ou espírito-guardião era uma serpente; o povo tcho-kwe, de Angola, coloca uma

ricas, representa o sentido de astúcia, má índole ou falsidade, decorrente do episódio bíblico em que ela enganou Adão e Eva. Já a segunda, também de origem religiosa, simboliza a traição, em referência à atitude do apóstolo Judas, que entrega Cristo aos soldados romanos, conforme descrição em textos bíblicos.

Cada país, cultura ou até grupo social possui seus mitos e exemplos de beleza, compaixão, sabedoria, bravura, estupidez, crueldade, força, covardia, etc. Na variante brasileira da língua portuguesa (sabe-se que alguns são partilhados por Portugal, com possíveis diferenças de significado), há inúmeros culturemas específicos, visto conotarem aspectos idiossincráticos da cultura local. Entre eles, são bastante comuns, a título de ilustração, os seguintes: i. *vaca*: designa mulheres cuja reputação é a de possuírem quantidade excessiva de amantes; ii. *touro*: descreve homens em sentido positivo, representando virilidade, e em sentido negativo, em referência àqueles que foram vítimas de infidelidade por parte da companheira; iii. *porco*: representa pessoas com reprováveis hábitos de higiene; iv; *anta*: identifica pessoas com limitadas capacidades intelectuais; v. *macaco*: de conotação racista, relaciona pessoas cuja pele é de cor escura (Riva, 2012).

Ainda no campo dos culturemas específicos, há aqueles que representam a cultura de um grupo social e/ou região, como os da gastronomia cearense – objeto desta investigação – a serem inventariados no capítulo 03, com seus contributos à língua portuguesa, na forma de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas.

2.3.1.2 Critérios para delimitação dos culturemas

Delimitar a noção de culturema permite, em sentido amplo, saber como operam determinados mecanismos da língua e da cultura; especificamente, define, com estratégia explicativa e descritiva, os fenômenos linguísticos que melhor correspondem às exigências da concepção de culturema.

serpente de madeira sob o leito nupcial para assegurar a fecundação da mulher; na Índia, as mulheres que desejam ter um filho adotam uma naja; no Brasil, os tupis-guaranis tornavam fecundas as mulheres estéreis batendo em seus quadris com uma cobra. Para aprofundar conhecimentos sobre a simbologia da serpente, propõe-se consulta a “Dicionário de Símbolos”, de CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain.



Os critérios descritos a seguir foram propostos por Luque Nadal (2009), com as finalidades de apresentar as características necessárias ao fato linguístico para que este seja chamado de culturema e de constatar com clareza aquilo que realmente está funcionando na língua como tal.

i. Vitalidade e motivação

A vitalidade é a capacidade que uma língua tem de, sem precisar do apoio de outras línguas, encontrar em si os recursos para exprimir novas ideias e novos conceitos. Segundo Luque Nadal (2009), esse primeiro requisito é imprescindível para se determinar se um fato linguístico é ou não um culturema e atesta: “la idea nuclear que subyace a diferentes dichos o expresiones relacionadas con el culturema tiene que estar ‘viva’ para los hablantes” (p. 105). Logo, quanto mais intensa for a motivação entre os falantes para usarem determinada manifestação da língua com valor cultural, maior será a vitalidade do culturema.

ii. Produtividade

Considera-se produtivo um culturema em torno do qual existe um número considerável de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas. A proponente desses critérios destaca dois tipos de produtividade de um culturema: “la productividad fraseológica que tiene que ver con el número de frasemas existentes en la lengua (...)” e “la productividad general que se basa en las apariciones de un frasema em distintos âmbitos como chistes, títulos de películas, libros, canciones, anuncios, etc. (Luque Nadal, 2009, p. 105). Com tal diversidade, o culturema tem, para os falantes, identidade ainda mais consolidada.

iii. Frequência de aparecimento

Semelhante ao segundo tipo (produtividade) apresentado acima, este critério diz respeito à presença de um dado culturema em diferentes gêneros discursivos. Prudente é enfatizar que muitos culturemas estão ligados a fraseologismos, contudo esta não é razão *sine qua non* para a sua existência (Luque Nadal, 2009). A título de exemplo, tem-se no Brasil, como destacado em 2.3.1.1, o culturema ‘touro’, que representa ‘força’, em ‘forte como um touro’. Por sua vez, na expressão ‘peruca/cabeça de touro’, o sentido se altera para

‘pessoa que foi vítima de infidelidade conjugal’, porque o sentido da expressão se forma a partir do bloco de palavras e não da soma destas.

iv. Complexidade estrutural e simbólica

Como os culturemas remetem simbolicamente a uma história ou situação específica e conhecida pelos membros de um grupo social, eles são utilizados também para dar aos enunciados maior expressividade e força argumentativa. Trata-se de uma relação de causa e efeito, para a compreensão de crenças e hábitos de uma comunidade “que sirven como un programa de acción o una guía de interpretación de hechos e conductas” (Luque Nadal, 2009, p. 107).

2.3.1.3 Funções dos culturemas

As funções dos culturemas são variadas, por isso fortalecem a argumentação e ilustram os enunciados com fatos linguísticos, culturais e sociais de determinada realidade. Uma ou outra dessas funções, detalhadas a seguir, podem aparecer isoladas, embora o natural seja elas se apresentarem simultaneamente em um texto.

i. Função estética

Verifica-se esta função em textos nos quais o emprego de culturemas revela o uso de diferentes recursos da linguagem, para dar força e beleza ao texto. Segundo Luque Nadal (2009, p. 109), “Entre la panoplia de recursos estéticos, están elementos expresivos de la lengua como fraseologismos, paremias, comparaciones proverbiales, etc. Junto a estos hay que incluir los culturemas, es decir, la amplia gama de símbolos y referencias culturales de una sociedad”. Nesse sentido, os símbolos da vida social, política e artística são exemplos frequentes dessa função dos culturemas.

ii. Função argumentativa

A argumentação consiste em apresentar raciocínios, para obter determinados resultados. Presente em todo discurso, ela constitui uma ação pela linguagem, cujo objetivo é a persuasão. Geraldi (1981) defende que a argumentação é um modo de interação humana, no

sentido de que quem argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro, a fim de modificá-las ou de aumentar a adesão a tais convicções.

Sobre o tema, esse autor considera que três aspectos são fundamentais, a saber: a argumentação é uma atividade; a argumentação se dirige a sujeitos; e a argumentação objetiva alterar as motivações que o interlocutor imagina responsáveis por determinadas ações. Vê-se, logo, que o homem usa a língua para se comunicar com seus semelhantes e para atuar sobre eles nas interações. “...los artículos de opinión en los periódicos o las intervenciones de periodistas invitados en las tertulias son ejemplos típicos de texto/discurso argumentativo” (Luque Nadal, 2009, p. 110).

iii. Função cognitiva

Há culturemas que se estabelecem na memória da coletividade como uma espécie de modo comportamental, cuja aprendizagem (aqui indicativa do valor cognitivo do culturema) impede que as pessoas cometam determinados erros ou se coloquem em situação de perigo. Este é o caso dos situacionais, que para Luque Nadal (2009, p. 110) “se utilizan para dar a conocer a otra persona en qué posición o peligro se encuentran”.

2.3.2 Culturemas linguisticamente representados

Existem culturemas com sentido tão amplo (definidos em 2.3.1.1 como universais) que chegam a ser compartilhados por culturas transnacionais, como a religiosa nos países ocidentais. Essa capacidade dos culturemas explicaria a tese gerativista de Pinker (1994), segundo a qual os seres humanos não teriam culturas diferentes, mas variações locais e superficiais, ou seja, falariam a mesma linguagem, apenas com diferenças inter-regionais.

Cita-se como exemplo o culturema *Caim*, que simbolicamente representa ‘maldade’ e é assim compreendido e compartilhado por indivíduos de diversas culturas e línguas ocidentais. A abrangência conceitual dos culturemas é debatida por Marín Hernandez (2005), ao afirmar que eles não se definem hermeticamente, porque, em virtude de sua transição linguística e cultural e da série de valores que são considerados socialmente na comunicação, o aspecto ainda ampliado dessas definições pode apresentar novidades.

A autora chama atenção ainda para o fato de que “conceituar algo como culturema supõe, em última instância, ocultar o valor que pode ter por si mesmo e considerá-lo unicamente como um atributo representante de uma cultura” (Marín Hernandez, 2005, p. 76). Nesse sentido, é imprescindível que os fatos sociais dos quais decorrem culturemas sejam considerados relevantes, pois têm origem em aspectos profundos da cultura de diferentes comunidades.

Como ilustração da capacidade que têm os culturemas, como significantes, para representar linguisticamente diversos significados, observa-se o seguinte quadro:

Culturema (Significante)	Representação linguística (Significados)
Caldo	1. Força (Caldo de mocotó) 2. Fraqueza (Caldo de bila) 3. Recuperação (Caldo da caridade) 4. Queda/Tombo (Tomar um caldo) 5. Potência (Dá um caldo)

Embora se viva em um mundo globalizado, que frequentemente impõe adaptação às representações culturais de diferentes povos cada vez mais imersas na linguagem, significados como os do culturema ‘caldo’ estão inseridos em cultura local ou regional (itens 1, 2, 3 e 5) e em forma dialetal específica (item 5, expressão comum aos surfistas). Aqui se encontra uma das condições essenciais para uma palavra ser classificada como culturema: a complexidade simbólica e representacional.

Tendo por base a demonstração acima, é possível afirmar que, a cada expressão usada, descreve-se a realidade de modo distinto. Segundo Geraldi (2011, p. 15), “Quando nascemos, não encontramos apenas uma língua em uso – encontramos um mundo significado. E o aprendemos, o compreendemos segundo os significados que circulam no meio em que nos constituímos os homens que somos”. Por isso, a língua é uma ação constitutiva de si mesma e da cultura dos sujeitos que a usam nas interações diárias.

Como se vê, a cultura é interligada à língua, pois esta é parte daquela. Nesse sentido, Câmara Jr. (1972, p. 269) afirma que

Assim, a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la. Isto opõe naturalmente a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e cria uma ciência independente para estudá-la – a linguística em face da antropologia, que estuda todas as outras manifestações culturais.

A compreensão desse autor é de que a língua é a parte que mais se destaca na cultura e com ela se conjuga. Logo, a função primordial da língua é expressar cultura, para permitir a comunicação entre os membros de uma sociedade ou de um grupo social.

2.4 Gastronomia como herança de cultura imaterial

É necessário reconhecer as vantagens que a sociedade global proporciona às diferentes populações, entretanto é igualmente importante proteger a memória e as manifestações culturais em todo o mundo, em nome do patrimônio cultural que elas representam, manifestado na histórica, na cultura e na identidade social de determinados espaços.

Embora sejam recentes os debates sobre patrimônio imaterial, há variadas razões para se proceder ao registro e à salvaguarda das manifestações culturais, pois elas expressam significativa variedade de formas, significados e representações de histórias, hábitos e crenças singulares.

2.4.1 Patrimônio cultural imaterial

O patrimônio imaterial representa uma nova dimensão do patrimônio cultural e, como o patrimônio material, sofre perdas ao longo do tempo. Neste caso, elas ocorrem de forma mais acelerada, especialmente por dois motivos: i. interesse tardio pelo tema; e ii. bases estruturadas, majoritariamente, na oralidade, o que pode possibilitar desinteresse por seus registros.

Historicamente, as primeiras menções oficiais especificamente sobre patrimônio cultural imaterial surgiram na década de 1980, posteriores a legislações e medidas concretas para a salvaguarda do patrimônio cultural material. Os documentos mais importantes a respeito dessa questão serão apresentados a seguir, em seus aspectos fundamentais.

Em 1985, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS, sigla em inglês) realizou a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, cujo resultado foi a Declaração do México¹⁷. É a partir desse documento que tem início a valorização e a preservação do patrimônio imaterial, ou intangível¹⁸, pois ele define aspectos para além das construções e dos ambientes em que as pessoas vivem. A Declaração considera que a cultura também engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, o sistema de valores, as tradições e as crenças.

Na França, em 1989, a UNESCO elaborou a Recomendação de Paris, que trata da salvaguarda da cultura tradicional e popular. O documento explicita que ela constitui “parte do patrimônio universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os povos e grupos sociais existentes e de afirmação de sua identidade cultural”; reconhece também a “fragilidade de certas formas de cultura tradicional e popular e (...) de seus aspectos correspondentes à tradição oral”¹⁹, sujeitos a perdas no decorrer do tempo, nomeadamente pela escassez de documentação destes.

Na referida Recomendação, encontra-se textualmente o conceito da UNESCO acerca de cultura tradicional e popular, denominação que depois foi substituída por patrimônio imaterial:

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas

¹⁷ Declaração do México. Disponível em <http://www.portal.iphan.gov.br>

¹⁸ Para Garcia (1978, p. 1453), patrimônio intangível é aquele “que não se pode tocar; que escapa ao sentido do tato; impalpável”.

¹⁹ Recomendação de Paris. Disponível em <http://portal.unesco.org>

compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes²⁰.

A palavra gastronomia não aparece na definição acima, entretanto entende-se que ela deve ser inserida no que foi chamado de “outras artes”, porque suas características enquanto patrimônio imaterial da cultura correspondem ao que foi especificado no conceito.

Turismo Cultural na América Latina e no Caribe foi tema de outro congresso da UNESCO, desta feita em Havana, no ano de 1996. O documento resultante dos debates nesse encontro “reconhece as receitas culinárias como um bem cultural tão relevante e valioso quanto a arquitetura, os casarões e casarios, as igrejas, os monumentos etc.”. Nele é destacado, ainda, “que toda política cultural, se bem fundamentada, deve consagrar o gesto de comer não somente como uma tradição, mas, também, como uma ação de criatividade, não se constituindo simplesmente, num ritual biológico de apenas alimentação” (Trigueiro; Leal, 2006, p. 12).

Em 2003, foi concebida, durante a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, a nova interpretação a respeito de cultura e patrimônio. Ficou assegurado que o patrimônio imaterial corresponde a “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados e as comunidades, os grupos e os indivíduos que se reconhecem como parte integrante desse patrimônio” (UNESCO, 2003).

Nesse sentido, o Brasil segue as concepções da UNESCO e define patrimônio cultural imaterial como as “manifestações peculiares de regiões, localidades ou pequenas comunidades, transmitidas de geração em geração, constantemente recriado em função do ambiente, da interação com a natureza e da história, gerando um sentimento de identidade e continuidade”²¹. Além desse documento, o conceito de patrimônio imaterial está assegurado também na Constituição Federal do Brasil (Seção II – DA CULTURA – Art. 216) como “as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, e as criações artísticas”.

²⁰ Op. cit.

²¹ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/>

Visto o *corpus* desta pesquisa encontrar-se inserido na cultura imaterial do Ceará (Ver esse tema em 2.4.2.1), é relevante trazer o fundamento legal adotado pelo Estado como política pública.

O Ceará, através da Secretaria de Cultura (Secult), também assegura em lei a existência e a proteção ao patrimônio imaterial. O governo estadual sancionou, em 30 de dezembro de 2003, a Lei nº 13.427²², que institui, no âmbito da administração pública local, as formas de registro de bens culturais de natureza imaterial ou intangível que constituem patrimônio cultural do Ceará. Em seu artigo segundo, a lei descreve que o registro dos bens culturais imateriais e dos indivíduos que compõem patrimônio cultural do Ceará será feito em seis livros, a saber:

1. Livro de Registro dos Saberes: recebe os conhecimentos e os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Para esse registro, a pesquisa de inventário precisa considerar as condições dos lugares onde acontece a transmissão do saber tradicional, o aparato material associado às práticas da comunidade estudada e a referência cultural que os próprios detentores dos saberes elegem como relevante durante o processo de aprendizagem.
2. Livro de Registro das Celebrações: neste são registrados rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. Aqui, a pesquisa das manifestações culturais ultrapassa os limites de credo e de religião e considera as possibilidades que o sincretismo religioso pode proporcionar em diferentes realidades locais.
3. Livro de Registro das Formas de Expressão: fazem-se presentes aqui manifestações literárias, musicais, visuais, cênicas e lúdicas. Da mesma forma que no Livro de Registro das Celebrações, as pesquisas sobre formas de expressão proporcionam a compreensão da riqueza cultural a ser identificada em um determinado território, observando-se os significados impressos nos simbolismos das manifestações.

²² Disponível em <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/trabalho-administracao-e-servico-publico/item/6289-lei-n-13-427-de-30-12-03-d-o-de-31-12-03>

4. Livro de Registro dos Lugares: aqui se inscrevem mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentrem e se reproduzem práticas culturais coletivas. Os lugares são compreendidos como lugares de interação das comunidades nos diferentes momentos de socialização.

5. Livro dos Guardiões da Memória: são registradas pessoas detentoras da memória de sua localidade, região ou Estado. A memória apresenta-se de forma oral ou através da propriedade de acervos que, por sua natureza e especificidade, representem a história e a cultura do povo cearense. Os Guardiões são uma espécie de “arquivo vivo” de algumas cidades e localidades.

6. Livro dos Mestres: catalogam-se aqui os Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará, nos termos da Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003. A categoria de Mestres da Cultura Tradicional simboliza uma inovação por parte da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, ao avançar nas políticas de proteção dos detentores de saberes tradicionais.

A partir dessa exposição, pode-se concluir que, no Brasil (em sentido amplo) e no Ceará (em sentido específico), o patrimônio imaterial é definido por lei como um bem de natureza intangível, de caráter dinâmico e associado a práticas e representações culturais.

2.4.2 Gastronomia como cultura afirmativa

A gastronomia é um tema bastante debatido e divulgado em literatura especializada, seções de jornais e revistas, programas de televisão, etc. e há não muito tempo tem despertado interesse como objeto de pesquisa da antropologia, da sociologia e da linguística enquanto relevante campo da representação cultural.

Em sentido *lato*, Brillat-Savarin (2001, p. 57) afirma que gastronomia “é o conhecimento fundamentado de tudo o que se refere ao homem, na medida em que ele se alimenta” e que “seu objetivo é zelar pela conservação dos homens, por meio da melhor alimentação possível”. Esse autor argumenta, ainda, que ela “é uma preferência apaixonada, racional e habitual pelos objetos que agradam o paladar” (Brillat-Savarin, 2001, p. 137).



É importante, contudo, enfatizar que, enquanto tema de estudo acadêmico, a gastronomia assume, além dessas, outras concepções tão ou mais importantes, pois já é reconhecida como um relevante aspecto representativo da cultura de um povo e do que a terra oferece no espaço onde se vive, como a formação de identidades:

No processo de construção, afirmação e reconstrução de identidades, determinados elementos culturais (como a comida) podem se transformar em marcadores identitários, apropriados e utilizados pelo grupo como sinais diacríticos, símbolos de uma identidade reivindicada (Canesqui; Diez Garcia, 2005, p. 50).

A importância simbólica da alimentação e a presença desta nos diferentes momentos da vida humana são destacadas por Câmara Cascudo (2011, p. 17), ao referir-se a um dos contextos dramáticos da mitologia grega:

Homero (*Ilíada*, XXIV) narra a cena cruel da humilhação do rei Príamo suplicando a Aquiles o cadáver de Heitor. Impelido pelos deuses, o herói implacável cede e recebe o resgate opimo. Convida o velho rei para cear, lembrando que Níobe, depois de ver morrer sitiados por Apolo e Ártemis doze filhos, pensou em comer, e comeu. E juntos, Príamo e Aquiles, servem-se do carneiro assado e da fatia de pão. Quando recebera o rei troiano, Aquiles estava mastigando uma torta e chorando a morte de Pátroclo.

Vê-se, com isso, que o ato de comer é social, pois se faz presente em circunstâncias variadas da convivência humana: nascimento, aniversário, visita a familiares ou amigos, festas de confraternização profissional, comemoração por uma conquista pessoal, conversas descontraídas em grupo de amigos, velório, etc. Ainda nas palavras de Câmara Cascudo (2011, p. 36):

De todos os atos naturais, o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político, aparato de alta etiqueta. Compreendeu-lhe a significação vitalizadora e fê-la uma função simbólica de fraternidade, um rito de iniciação para a convivência, para a confiança na continuidade dos contatos.

Atualmente, as formas de comercialização de alimentos são objeto de variadas discussões, mas, independentemente disso, para que haja o que comer, é preciso que haja quem produza e forneça o alimento. E o ato de produzir revela muitas diferenças de uma região



para outra e formas de preparar e combinar as variedades alimentícias em cada lugar. Essas distinções imprimem aspectos culturais à gastronomia enquanto conjunto de símbolos, representações e particularidades que se modificam de geração em geração.

Não é objetivo desta pesquisa ater-se às questões evolutivas da gastronomia no decorrer da história humana, entretanto é importante salientar que ela se adapta a fatores históricos, sociais e naturais, conforme o tempo e o espaço em que é observada. Acerca da questão, Flandrin e Montanari (1998, p. 16) argumentam que “os gestos do dia-a-dia transformam-se, junto a tudo aquilo a que estão relacionados: as estruturas do cotidiano deixam-se surpreender pela história”. Para eles, não é “por mera fantasia que a maneira de preparar os alimentos difere de um povo para o outro, mas em função de diferenças tecnológicas, econômicas e sociais entre esses mesmos povos” (Flandrin e Montanari, 1998, p. 16).

As mudanças comportamentais referidas acima ocorrem com a gastronomia, quanto aos espaços e às técnicas de preparação, por exemplo. No princípio da civilização humana, as refeições ocorriam em família, porém, com o tempo, passaram a contemplar amigos mais próximos: “entre os gregos da Antiguidade, o aumento da classe aristocrática, mais rica, levou a arte de comer a se associar à arte de receber, acarretando um refinamento da cozinha” (SENAC, 1998, p. 22). No caso dos romanos, acontecimentos importantes como casamento, aniversário, nascimento, batizado e morte são considerados “momentos de grandes mudanças na vida do homem, comemorados em cerimônias nas quais o alimento está sempre presente” (SENAC, 1998, p. 26).

Flandrin e Montanari (1998) informam que, na Idade Média, quando já se aprimorava o nível de organização das sociedades e aumentava distinção entre as classes sociais, surgiu a divisão das refeições diárias: desjejum (no Brasil, hoje denominado de café da manhã; em Portugal, pequeno almoço), almoço e jantar.

As argumentações anteriores representam alguns exemplos de como as refeições assumiram, com o tempo, uma função social. É o que se confirma com estas palavras: “A gastronomia é um dos principais vínculos da sociedade; é ela que amplia gradualmente aquele espírito de convivência que reúne a cada dia as diversas condições, funde-as num

único todo, anima a conversação e suaviza os ângulos da desigualdade convencional” (Brillat-Savarin, 2001, p. 143).

Enquanto patrimônio imaterial, a gastronomia se destaca por representar a tradição histórica e cultural de um povo, por isso ela se conecta fortemente com a identidade regional e local, pois os hábitos alimentares, da preparação ao consumo, são reveladores dos comportamentos sociais. Monteiro-Plantin (2011, p. 254) corrobora as questões em pauta, ao afirmar que “Dessa forma, a comensalidade pode ser vista como uma atividade dialógica e cultural”. E é esse conjunto de características culturais, sociais e identitárias da gastronomia que faz dela uma fonte rica em culturemas, e estes constituem o *corpus* da investigação em desenvolvimento aqui.

2.4.3 Ceará - seu povo e sua cultura

O Estado do Ceará está localizado na região nordeste do Brasil, e seu território é dividido, do ponto de vista climático e geográfico, em litoral, serra e sertão. Submetidos aos fatores da natureza, cada um desses espaços possui aspectos culturais particulares. E aqui interessam os da gastronomia típica, como se verá adiante, em 2.4.4.

A formação étnica do povo cearense resulta da combinação básica do português com o índio. Barroso (1969, p. 36-37) reporta-se a um tempo remoto e corrobora com essa tese da formação miscigenada do cearense ao afirmar que

Do período pré-colombiano ao fim do período colonial, o espaço cearense sempre atraiu ameríndios em crescente e complexa heterogeneidade, sem que os pesquisadores se encontrem capazes de tornar aceitável uma discriminação dessas etnias, face a evidência de que nenhum grupo étnico-linguístico-cultural chegou a ser definido por forma cientificamente exata.

Contudo, o autor chama atenção para a complexidade do assunto, quando se admite o terceiro elemento na formação étnica do cearense. Ele segue a defesa feita pelo historiador Antônio Bezerra:

Refiro-me à miscigenação cigana, de aceitação generalizada, porque Gustavo Barroso em sua magistral obra “Terra do Sol”, e Sílvio Júlio, em seu magnífico

estudo sobre a “Terra e Povo do Ceará”, ratificaram com suas autoridades incontestes a conclusão justificada por Antônio Bezerra (Barroso, 1969, p. 38).

Ele admite ser influenciado nessa questão da miscigenação cigana pelos três historiadores mencionados e pelo ensaio intitulado “Precisa-se do Ceará”²³, de Gilberto Freyre, proferido em conferência no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, e publicado no jornal *Unitário*, a 09 de setembro de 1944.

Barroso (1969, p. 37) consolida seu posicionamento ao afirmar que “Como não há dúvida quanto à impossibilidade de se ter no Ceará a presença ponderável do elemento africano, surgiram opiniões favoráveis à aceitação de uma etnia que o substituísse, a modo de um mínimo suscetível de identificação”.

Contudo, a polêmica em torno da miscigenação do povo do Ceará não se encerra nesses termos, pois há quem argumente a favor de importante presença de negros no Estado. Sabe-se que o escravismo cearense ocorreu de forma distinta daquele implantado em outras províncias brasileiras, em especial porque a produção de cana-de-açúcar não se consolidou como atividade econômica bem-sucedida, conseqüentemente a mão de obra escrava foi esparsa no Ceará, concentrada substancialmente na pecuária e nas plantações de algodão.

Para Pordeus Jr. (2003, p. 13), a historiografia e a literatura têm tratado a formação do povo cearense “pelo prisma que a mostra como positiva – tendo como paradigma a miscigenação romântica entre o colonizador português católico e a população autóctone – e o seu contraponto negativo, o negro. A consequência disso é uma certa *africanofobia...*”. Apesar disso, ele argumenta que no Ceará não é possível apagar da memória do povo as contribuições culturais de povos dos africanos.

²³ O texto dessa conferência está disponível na íntegra em www.coisadecearense.com.br

Bezerra (2003) e Funes (2007) enfatizam que a religiosidade é a mais significativa herança cultural do negro ao Ceará. Aquela descreve crenças, hábitos e atividades econômicas da comunidade negra de Bastiões, em Iracema; este, cerimônias religiosas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Sobral. Importa ressaltar também a contribuição dominante do negro no maracatu Reis do Congo, conforme Barroso (1996). Pelo exposto, é imprescindível considerar relevantes as formas de sociabilidade e as práticas culturais do negro na cultura cearense.

Em relação à maior parte das terras brasileiras, a ocupação europeia do território cearense ocorreu tardiamente, ao contrário do litoral de Pernambuco, Alagoas e Bahia, em que esse processo se iniciou no século XVI. À época, o Ceará não contemplava “a rota das especiarias, sem produtos que pudessem pelo seu valor desafiar a cobiça dos descobridores presos ainda aos fascínios das minas sertanejas e das riquezas do litoral [...]”. (Lemenhe, 1991, p. 76).

Somente no século XVII o interior do Ceará foi ocupado pelos portugueses, cujo objetivo era investir na pecuária (Pinheiro, 2007). A ação colonizadora foi dificultada, nesse território, pela forte oposição de povos nativos aos invasores estrangeiros, e o estabelecimento europeu só tomou impulso com a construção do forte holandês Schoonenborch, que em 1654 foi tomado pelos portugueses e passou a ser chamado de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. Antes disso, a iniciativa ocupacionista mais impactante foi a construção, em 1612, do Forte de São Sebastião por Martim Soares Moreno²⁴, às margens do rio Ceará, local denominado atualmente de Barra do Ceará.

Há duas teses a respeito da ocupação da Capitania do Ceará: a primeira, defendida por João Brígido, assegura que a ocupação ocorreu a partir do interior do Cariri cearense para

²⁴ Pela lei 13.613/2018, Martim Soares Moreno foi inscrito no Panteão dos Heróis da Pátria Brasileira e definido como personagem histórico e ‘fundador’ do Estado do Ceará. O Livro dos Heróis da Pátria se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília. Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/01/martim-soares-moreno-portugues-u201cfundador-u201d-do-ceara-e-homena.html>



o litoral; a segunda, proposta por Antônio Bezerra, afirma, com base nas cartas de sesmarias, que tal ocupação se deu do litoral para o interior (Pinheiro, 2007). É mais comum, todavia, a afirmação de que a atividade pecuária foi responsável pela ocupação de praticamente todo o Ceará ao longo do tempo, o que possibilitou, inicialmente, o surgimento de vilas importantes, como Sobral, Granja, Acaraú e Icó.

Bezerra (2009, p. VII) também debate as questões a respeito da colonização do Ceará e afirma que

A verdade com relação ao nosso território é inquestionavelmente esta: as terras iam-se povoando à medida que os exploradores obtinham sesmarias, e estas vinham sendo pedidas do Rio Grande para o norte (...). Quando entraram em território cearense, a primeira foi pedida pelo capitão-mor Manuel de Abreu Suares e 13 companheiros, todos rio-grandenses, no rio Jaguaribe, da barra para o sertão, em 23 de janeiro de 1681.

Ao longo do século XVIII, a principal atividade econômica cearense foi a pecuária, por isso historiadores como Capistrano de Abreu afirmaram que o Ceará se transformou em uma "Civilização do Couro", pois era dele que se faziam praticamente todos os objetos necessários à vida do sertanejo.

O gado cearense era levado ainda vivo para ser comercializado em Pernambuco e na Bahia, contudo a longa trajetória implicava na perda de inúmeros animais além de fragilizar o rebanho, que chegava ao seu destino magro e abatido, e isso implicava em forte desvalorização comercial. A alternativa foi abater os animais e, então, encaminhá-los aos mercados consumidores. Isso se tornou possível devido à realização do processo de salga, que implicou na conservação da carne bovina. Esse trabalho, denominado de charqueada, era realizado de forma rudimentar como afirma Girão (1982, *apud* Lemenhe, 1991 p. 138):

Apressada construção de galpões cobertos de palha, varais para estender a carne desdobrada, salgada, e algum tacho de ferro para a extração de parca gordura dos ossos por meio de fervura em água. A courama era estaqueada, seca ao sol; o sebo simplesmente lavado, posto ao tempo em varais e depois socados em forma de madeiras cúbicas, produzindo pães de peso variável. A

ossamenta era amontoada e queimada e a cinza atirada para aterros ou servia, empilhada, para fazer mangueiras e cercas. Todas as outras partes do boi não tinham valor comercial e eram atiradas fora.

Segundo Girão (1995), os documentos da época não informam o criador dessa técnica nem o ano exato dos primeiros processos de salga na Capitania do Ceará, mas informa que essa prática era anterior a 1740, e o primeiro lugar a desenvolver tal atividade foi Porto dos Barcos, posteriormente Vila Santa Cruz do Aracati, atual cidade de Aracati. Para esse autor, o comércio do couro alavancou negócios, pois foram produzidos de 25.000 a 30.000 couros salgados. A era do charque declinou depois das secas de 1790 a 1793, que devastaram o Ceará e impossibilitaram a continuação da pecuária em seu território.

Câmara Cascudo (2011) destaca que, em 1780, o cearense José Pinto Martins, descendente de família proprietária de fábricas de carne, instalou fazenda às margens do rio Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde se desenvolveu a indústria de carne que popularizou o charque gaúcho em todo o Brasil.

No século XIX, o Ceará apresentou importante fase em seu desenvolvimento econômico, à base da cotonicultura (produção de algodão). Foi nesse período que Fortaleza substituiu Aracati do posto de cidade principal do Ceará, e o algodão tomou o lugar do charque em importância econômica. Entretanto, as secas entre 1877 e 1879 enfraqueceram sobremaneira a produção de algodão e forçaram a emigração de milhares de cearenses para a Amazônia, a fim de trabalhar na produção de borracha²⁵.

O século XX, para o Ceará, foi marcado pelos ciclos de poder político dos chamados "coronéis" e por enormes transformações de ordem social e econômica²⁶. Nas últimas

²⁵ Para informações detalhadas sobre esse tema, sugere-se a leitura do trabalho "Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879)", de Edson Holanda Lima Barboza, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882015000200131

²⁶ No que se refere ao coronelismo e o (possível) rompimento com tal sistema de dominação política, propõe-se a leitura do ensaio "Os pactos na cena política cearense: passado e presente", de César Barreira, disponível em <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72070/75310>

décadas, o desenvolvimento da indústria, do comércio, do turismo e dos serviços tem determinado o perfil do Ceará no cenário brasileiro.

Por força dos objetivos desta pesquisa, entre os ciclos econômicos da história do Ceará interessa, em especial, o das charqueadas, razão pela qual os outros não foram descritos em detalhes.

Do ponto de vista cultural, costuma-se destacar uma característica identitária do povo cearense que é, sem dúvida, influenciada pela gastronomia típica e suas expressões linguísticas (aqui denominadas de culturemas) e recebe significativas contribuições também da irreverência e do humor²⁷. Trata-se da “cearensidade”.

Para Barroso (1969, p. 15), ela é “a palavra mais adequada à designação do conjunto de sinais, gestos e traços de cultura, realmente singulares e inconfundíveis, dessa encantadora gente de que venho”. Esse autor ressalta que, para entender e fixar as singularidades das culturas locais no contexto da cultura geral do Brasil, é necessário admitir tal neologismo, ao lado, por exemplo, de “mineiridade”, “baianidade”, etc. Em suas palavras, “Embora o cearense se pareça com o brasileiro em muitos respeitos, sua presença sempre se assinala por uma modalidade própria de ser, de falar, de agir e de afirmar-se, que se não confunde com qualquer outra” (Barroso, 1969, p. 16).

Outra importante proposição sobre a “cearensidade” foi elaborada por Carvalho (1994, p. 32), para quem

A definição dessa “cearensidade” consistiria em reforçar características que o senso comum alinhou como peculiares à gente da terra, numa operação ideológica de esvaziamento dos elementos contraditórios na construção de uma mitologia, onde personagens, paisagens, costume e produção cultural teriam uma trama que simularia um Ceará elaborado a partir desses fatores.

²⁷ Acerca da presença do humor na cultura cearense e das contribuições dele para a formação da “cearensidade”, leia-se a tese de doutorado intitulada “A Gênese da “Cultura Moleque Cearense”: análise sociológica da interpretação e produção culturais”, de Francisco Secundo da Silva Neto, disponível em www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14842

O pesquisador Pordeus Jr. (2003) também discutiu a “cearensidade” e elegeu quatro ícones para a formação dessa identidade, a saber: o vaqueiro, o jangadeiro, a rendeira e o retirante. Ele afirma que cada um, a seu modo, demonstra bravura:

i. o vaqueiro “narra seu percalço de alegria na prática do ofício e do amor da mulher e dos filhos e da alimentação (...), campeando o gado, heroico, orgulhoso, livre” (Pordeus Jr., 2003, p. 16).

ii. o jangadeiro: “guia-se pelo rumo do sol e das estrelas e repete em seu trabalho diariamente o milagre de Cristo, não existindo no coração dos cearenses ternura maior dessa que nos desperta a evocação dos nossos mares” (Pordeus Jr., 2003, p. 17).

iii. a rendeira: “é associada à mulher do jangadeiro, que tece na sua almofada a solidão das grandes ausências do companheiro, a Penélope cearense” (Pordeus Jr., 2003, p. 17).

iv. o retirante: segundo Pordeus Jr. (2003), a imagem do retirante é difundida de modo marcante em três obras da literatura cearense, respectivamente: *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, que enfatiza como tema a miséria produzida pela seca; *D. Guidinha do Poço*, de Oliveira Paiva, que evoca a necessidade de ajuda aos retirantes para continuarem sua jornada; e *Triste Partida*, de Patativa do Assaré, que canta a desilusão do sertanejo com a falta de chuvas e o seu êxodo com a família para São Paulo.

Como se percebe, a concepção de “cearensidade” enquanto formação identitária é posicional e estratégica e ressalta características diversas atribuídas ao povo do Ceará, como tenacidade, resistência à seca, bravura e perseverança. Isso corrobora o pensamento de Carvalho (1994), citado acima. Logo, justifica-se a presença desse tema na investigação que ora se desenvolve porque, como se verá adiante, também a gastronomia típica é elemento formador da identidade cearense, visto que tem origem nos hábitos e crenças dos símbolos fundadores e permanece em inúmeras práticas sociais cotidianas.

2.4.4 Gastronomia (típica) do Ceará

No conjunto das manifestações gastronômicas, encontra-se a gastronomia típica. Ela é a junção de saberes e sabores decorrentes de alimentos e bebidas e de práticas que caracterizam hábitos alimentares de uma localidade, em seu processo histórico-cultural de construção. Trata-se de um movimento que pertence a um espaço-tempo determinado e está ligado às origens e às tradições de uma determinada região e das pessoas que a habitam.

Diez Garcia (1999) afirma haver forte elo entre gastronomia e identidade regional, pois a alimentação é uma linguagem que revela cultura, uma vez que os modos de selecionar, preparar e consumir indicam a sistemática de vida de uma comunidade.

A gastronomia típica e tudo relacionado a ela decorrem da busca por produtos artesanais, preparos diferenciados, técnicas específicas, experiências exóticas, etc., por isso é um identificador étnico, resultante da formação cultural, da colonização e da evolução dos grupos humanos. Segundo Flandrin e Montanari (1998), a gastronomia típica é elemento de valorização de cultura regional e de perpetuação de memória, logo permite simbolizar uma cultura, ao estabelecer o conceito de autenticidade, que se fortalece na medida em que é transmitido de geração em geração.

Tomar por base esses conceitos e suas implicações significa afirmar que a gastronomia cearense resulta de costumes luso-afro-nativos devidamente adaptados às condições naturais do litoral, da serra e do sertão e submetidos à criatividade de povo do Ceará, que mistura e transforma saberes e sabores de geração em geração.

Segundo Rocha (2003), na gastronomia cearense

estrutura-se uma mescla da estética e da prática apolínea e dionisíaca (trabalhar para produzir o alimento e depois consumi-lo festivamente). As influências dos sabores e odores alimentares das diferentes etnias (o índio, o português e o africano) amalgamaram-se constituindo um gesto antropofágico, na concepção oswaldiana (Rocha, 2003, p. 11-12).

No hibridismo dessas três culturas, visualizam-se as suas respectivas contribuições mais destacadas:

i. dos índios, veio o “de-comer” simplório: o milho, cozido ou assado, ou ainda transformado em farinha ou angu; a mandioca, da qual eram preparados a goma, o beiju, a tapioca, a farinha e desta o pirão; e as frutas silvestres, como caju, mangaba e murici. Uma bebida também foi herdada da cultura nativa: o caulim, derivado da mandioca e com elevado teor alcoólico. Exótico, o chibé era uma gororoba bastante apreciada pelos índios, resultante da mistura de frutas com farinha de mandioca e mel de abelha. É deles também a moqueada, técnica de cocção para o preparo de comidas à base de peixe e de caça, em borralhos de fogões à lenha (Galeno, 2003).

ii. dos africanos, a gastronomia cearense herdou quitutes: panelada, sarrabulho, buchada, mungunzá e cuscuz (Galeno, 2003), além de cocada, pimenta e bolo pé-de-moleque.

iii. da matriz portuguesa, vieram os caldos, as sopas, os cozidos de carnes e peixes, os doces temperados com cravo, canela e erva doce.

A gastronomia das festas aos santos mais populares do Ceará (São João, São Pedro e Santo Antônio) é representada por uma mistura simbólica de influências portuguesas (arroz-doce, carne assada, papo-de-anjo); indígenas (pamonha, canjica, aluá); e africanas (pé-de-moleque, grude, cocada). Salienta-se, entretanto, a dificuldade atual para separar e qualificar esse amálgama que é a gastronomia cearense, uma vez que seus elementos fundadores muitas vezes se coadunam na produção de imagens e expressões linguísticas do Ceará, como os culturemas investigados neste trabalho.

2.5 Panorama dos estudos fraseológicos

Atualmente, é preciso apresentar e compreender a língua como um instrumento de uso e comunicação em situações reais de interação entre os sujeitos, sempre em perspectiva funcional. E o léxico é um dos meios mais eficazes para a realização de tais objetivos, através da sua ampliação pelos falantes e do conhecimento acerca dos traços funcionais das palavras como unidades linguísticas, em todas as dimensões sociais e pragmáticas.

Para apresentar os estudos sobre a fraseologia, coloca-se em relevo aqui a abordagem de Pottier (1978) sobre as lexias, com destaque para as complexas, das quais os fraseologismos fazem parte.

2.5.1 Lexias complexas e fraseologismos

Em seus estudos, Pottier (1978) enfatizou a importância das lexias e as denominou de elementos lexicais ou lexemas, ou seja, unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que são responsáveis pela diferenciação das partes do discurso.

Quanto às estruturas morfosintática e léxico-semântica, as lexias podem ser formadas por um único lexema ou por uma sequência lexemática. A respeito das funções, Pottier (1978) afirma que as lexias são acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística responsável pela função denominativa dos fenômenos da realidade, que pode ser exercida por palavras simples, composta e complexa e por texto. Logo, para esse autor, existem quatro tipos de lexia:

- a) A lexia simples corresponde à “palavra” tradicional em vários casos: cadeira, para, comia...
- b) A lexia composta é o resultado de uma integração semântica, a qual se manifesta formalmente: saca-rolha, verde-garrafa...
- c) A lexia complexa é uma sequência em vias de lexicalização, a vários graus: a guerra fria, um complexo industrial, sinal vermelho...
- d) A lexia textual é uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto: prece, charada, provérbio... (Pottier, 1978, p. 269-270).

A lexia complexa, conceito relevante para esta pesquisa, é constituída, como se vê acima, por dois ou mais lexemas que, em uso frequente na língua, transformam-se em construções fixas, num processo semântico que dá à lexia significado único. Os fraseologismos estão contidos na lexia complexa e possuem função denominativa, por isso ela pode ser identificada também como lexia fraseológica.

2.5.2 Fraseologia como disciplina

Enquanto disciplina linguística, a fraseologia ainda é duplamente discutida: de uma parte, “entende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer, o fraseolético de uma língua”; de outra, a “fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, quer dizer, à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseolético” (Klare, 1986, p. 355).

De pronto, Monteiro-Plantin (2014) se posiciona contrariamente ao status de subdisciplina atribuído à fraseologia: “Nossa concepção é a de que se trata de uma disciplina independente, mas concernente a todos os níveis de análise linguística” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 21).

A Fraseologia, enquanto campo de investigação fraseológica, é uma disciplina relativamente nova. No *Curso de Linguística Geral* (1916), Ferdinand de Saussure, embora não trate exatamente de Fraseologia, já faz referência a locuções, sob a denominação de *agrupamentos* pertencentes ao sistema da língua.

Posteriormente, um de seus discípulos, Charles Bally, desenvolveu o pensamento de Saussure e publicou as obras *Précis de stylistiques* (1905) e *Traité de stylistiques* (1909). Nesta ele utilizou o termo *fraseologia*, referente ao conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos (tipos de combinação de palavras) que configuram os grupos fraseológicos, por um lado, e as unidades fraseológicas, por outro. Por essa contribuição, Bally foi considerado o pai da Fraseologia.

Os estudos de Charles Bally chegaram à então União Soviética, onde as pesquisas determinaram precisamente o estado dos elementos do fraseolético nas locuções. Com isso, “podemos dizer que as bases teóricas e os conceitos fundamentais que propiciaram as pesquisas em Fraseologia foram estabelecidas pelos linguistas soviéticos por volta de 1940, com destaque especial para Vinogradov” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 27).

Klare (1986) também destaca a importância das pesquisas soviéticas para a consolidação da Fraseologia como disciplina:

A investigação soviética tende para compreender a fraseologia como disciplina linguística autônoma e para excluí-la assim da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina linguística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas, etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando a questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia (Klare, 1986, p. 356).

Monteiro-Plantin (2014) apresenta um conjunto valioso de autores (Maurice Gross, 1982; Gaston Gross, 1986; Gertrud Greciano, 1986; Salah Mejri, 1987; Fiala, 1988; Gibbs, 1994; e Burger, 1998) e suas mais importantes contribuições conceituais para as pesquisas em Fraseologia.

Entre pesquisadores espanhóis, Monteiro-Plantin (2014) destaca Julio Casares, que segundo ela desenvolveu trabalho “de grande contribuição para a delimitação e classificação das construções pluriverbais, convertendo-se em referência obrigatória para os estudos destas expressões em língua espanhola, em particular, e nas línguas latinas de uma maneira geral” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 29). Ela se refere, também, a Antonio Pamies Bertrán, afirmando que ele

assinala que os estudos fraseológicos tiveram grande desenvolvimento a partir do momento em que se desenvolveram de forma mais independente dos demais estudos lexicográficos. Para ele, tal desenvolvimento deve-se principalmente a uma reação contrária a ideias anteriores, como é comum em se tratando de Ciências Humanas. Este pesquisador concebe Fraseologia como uma disciplina à parte, situada na fronteira entre a sintaxe e o léxico (Monteiro-Plantin, 2014, p. 30).

Também linguistas latino-americanos são referenciados por Monteiro-Plantin (2014), que menciona os trabalhos do colombiano Augusto Zuluaga (1980) e das cubanas Zoila Vitória Carneado Moré e Antonia Maria Tristá Perez (1985) como impulsionadores das pesquisas em Fraseologia na região.

Além desses, são destacadas também investigações brasileiras de Stella Tagnin (2005), que usa o termo *convencionalidade* em equivalência à Fraseologia; Cláudia Maria Xatara



(2006), para quem a Fraseologia é subárea da Lexicologia; e Maria Luisa Ortiz-Alvarez (2011), que revela os traços distintivos do sistema fraseológico.

Por fim, encontra-se o trabalho da pesquisadora portuguesa Guilhermina Jorge (2011), para quem a Fraseologia é uma “disciplina independente da qual fariam parte as unidades de análise: locuções, frases feitas, expressões idiomáticas, lugares-comuns, colocações, estereótipos, clichês, provérbios, máximas, citações e sentenças (Monteiro-Plantin, 2014, p. 32).

Com esta exposição inicial acerca da criação, do desenvolvimento e da consolidação da Fraseologia, já está confirmado que as expressões idiomáticas e as unidades fraseológicas estão contidas nessa disciplina da linguística. Feita tal constatação, informa-se que estas serão caracterizadas no próximo capítulo da investigação, como desdobramentos de culturemas da gastronomia cearense, na forma de contributos à fraseologia da língua portuguesa.

3. O *CORPUS* DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentam-se o inventário (em ordem alfabética) de culturemas da gastronomia cearense e os contributos destes à fraseologia da língua portuguesa. Como a fundamentação teórica acerca dos culturemas já foi disposta no capítulo anterior, eles serão aqui submetidos ao recurso linguístico da metáforização, a fim de se responder à pergunta de pesquisa relativa ao potencial dessas palavras para a produção de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas.

As outras perguntas (Como a língua e a cultura se relacionam através do léxico? O que deve conter e qual é a relevância de um glossário de culturemas da gastronomia cearense?) serão retomadas no capítulo final da investigação, com possíveis respostas decorrentes do tratamento dispensado aos dados.

Também são destaques desta unidade da investigação as teorias da metáfora, que atuará sobre os culturemas, e das expressões idiomáticas e unidades fraseológicas, que, decorrentes daqueles, colocam-se no *status* de contributos à fraseologia da língua portuguesa.

3.1 Organização, análise e debate do *corpus*

Como anunciado no primeiro capítulo deste estudo (item 1.4. Metodologia / Constituição do *corpus*), o material para análise encontra-se em fontes variadas, como obras da literatura e da cultura cearenses, textos publicitários, dicionários de expressões locais, publicações especializadas em gastronomia, cardápios, etc., porém, nesses termos, demasiadamente assistemático e difuso às necessidades de rigor definidas para este trabalho, conforme o seu *corpus*.

Por tal dispersão e a fim de atender aos critérios que determinam as condições para que palavras sejam definidas como culturemas (vitalidade, produtividade linguística, frequência de aparecimento e complexidade estrutural e simbólica), adotou-se como estratégia para confirmação da existência deles a presença em dicionários de falares típicos do Ceará (identificados e descritos à frente), considerando que o dicionário contém as unidades

significativas de uma língua geral ou específica, com base em questões científicas, tecnológicas, sociais e culturais, logo é um texto que aborda a cultura (Biderman, 2000).

Além das quatro condições definidoras do que sejam culturemas já expostas, a seleção do material linguístico se baseia em mais quatro critérios, também disponíveis no item 1.4 desta investigação: ser material autêntico, possuir natureza verbal, ser expressão cultural e aludir à gastronomia do Ceará.

Definidas essas estratégias, os culturemas foram selecionados, para se proceder à organização deles em ordem alfabética e à respectiva análise, com intuito de atender ao objetivo inicial da pesquisa e à sua inerente questão investigativa.

Na primeira etapa, foram analisados os culturemas extraídos das obras *Vocabulário Popular Cearense* (2000), de Raimundo Girão; *Dicionário de Termos Populares - Registrados no Ceará* (1959), de Florival Seraine; *Dicionário de Termos e Expressões Populares* (1972), de Tomé Cabral; e *Adagiário Brasileiro* (1987), de Leonardo Mota, objetivando determinar se atendiam às exigências de autenticidade, natureza verbal, expressão cultural e alusão à gastronomia cearense. Nessa fase do trabalho, os culturemas são expostos, do ponto de vista semântico, ainda em sentido literal.

Na segunda, verificou-se se tais palavras selecionadas atendiam às condições propostas por Luque Nadal (2009) para serem denominadas de culturemas: vitalidade, produtividade linguística, frequência de aparecimento e complexidade estrutural e simbólica. Aqui se buscou a presença de cada culturema em diferentes fontes escritas e na oralidade registradas nas obras básicas da consulta, logo foram descartados aqueles que não atendem a esses princípios.

Por fim, na terceira fase cada culturema foi submetido à metaforização, que resultou em expressões idiomáticas e unidades fraseológicas, como contributos dos culturemas da gastronomia cearense à fraseologia da língua portuguesa, expostos abaixo, em quadro específico. Necessário é esclarecer que a maioria das expressões idiomáticas está registrada nas obras-fonte, já em sentido conotativo; seguindo o mesmo critério e em número bastante reduzido, outras foram elaboradas pelo pesquisador, a partir de oitivas na oralidade popular e da própria experiência na interação verbal cotidiana. Por sua vez,

as unidades fraseológicas (enunciados ou expressões pluriverbais) são todos de autoria do pesquisador, para demonstrar, a título de exemplo, o emprego conotativo das expressões idiomáticas em estruturas morfossintáticas mais complexas e comprovar sua funcionalidade.

Mediante essas considerações, importa apresentar as razões pelas quais as obras referidas acima foram eleitas como fontes essenciais do *corpus* desta pesquisa, por isso tecem-se à frente breves comentários sobre suas características composicionais enquanto estudos representativos da lexicografia.

Atualmente, há inúmeros dicionários de expressões típicas dos Ceará, cujos autores, em sua maioria, não é de linguistas nem de lexicógrafos: “são jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, crêem eles, são típicas daquele estado específico” (ARAGÃO, 2000, p. 53). Sendo assim, não recorreram à sistematização científica inerente a essas duas áreas do conhecimento, embora se reconheça que isso os deixou mais livres ao exercício da criatividade.

Desse conjunto, no entanto, destacam-se quatro obras que atendem a certos padrões linguísticos e lexicográficos que as colocam em patamar suficiente às condições sistemáticas necessárias a fontes de pesquisa consolidadas e confiáveis.

i. *Vocabulário Popular Cearense*, de Raimundo Girão

Esta obra resulta da conviência do autor com a população serteneja do Ceará e seu dialeto, por isso registrou apenas as expressões que lhe são características, em especial os arcaísmos e aquelas relacionadas ao cotidiano. Ele tratou os termos conforme os padrões linguísticos e lexicográficos, pois os organizou em ordem alfabética, com indicações gramaticais, definições, exemplos de abonação extraídos de diversas obras da literatura cearense, informações etimológicas e inúmeras fontes bibliográficas.

No prefácio à obra, o próprio autor confirma o rigor do seu trabalho:

dobramos o zelo pela legitimidade dos verbetes, excluindo aqueles que não tenham o cunho estritamente popular e não sejam usados no Ceará. Evitamos,

sempre que possível, aquela carimbação “a torto e a direito”, anotando, em nosso modesto glossário, só o que pode ser tido como popular – vocábulos de criação do povo (...) a que deu novo ou novos significados, vocábulos da nomenclatura de coisas e instalações que completam a vida do homem rural (...), sem desprezar os arcaísmos que o povo emprega e não podem deixar de ser considerados como integrantes da linguagem popular (Girão, 2000, p. 52).

ii. *Dicionário de Termos Populares* (Registrados no Ceará), de Florival Seraine

O autor, em Nota Preliminar, já destaca a sua preocupação com o conteúdo da obra e ressalta que se dedicou “em apresentar uma coleção de termos de cunho marcadamente popular, usuais no Ceará, tanto em nossos dias como em épocas passadas” (Seraine, 1959, p. 05). Ele também faz, em ordem alfabética, a exposição do que denomina de termos e lhes atribui classe, expressões populares e definições, estas em conformidade com a classe social em que a palavra circula; e afirma referir-se a ocorrências peculiares a todas as classes sociais cearenses. Além desses aspectos, ele informa, para diversos termos, a localidade de ocorrência, não em caráter de exclusividade, mas como o lugar em que a expressão foi colhida.

A respeito das fontes utilizadas, encontra-se o seguinte depoimento:

Dever de honestidade leva-nos a declarar que aproveitamos nesta obra definições em glossários de regionalismos e trabalhos folclóricos, as quais verificamos coincidir com a realidade e não ser fácil superar em clareza e precisão. (...) A contribuição propriamente do autor é fruto de pesquisas durante vários anos na capital e no interior do Estado (Seraine, 1959, p. 07).

Nota-se, contudo, a ausência de abonações, conquanto o autor disponibilize uma vasta relação de obras da literatura cearense, dicionários, artigos de jornais e revistas e livros descritivos da fauna e da flora do Ceará utilizados por ele para consulta. A falta de abonações é, sem dúvida, uma lacuna desta obra.

iii. *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, de Tomé Cabral

Aqui, o autor identifica a sua obra como “um repositório fiel do que de fato existe de espontâneo, vigoroso, farto, pujante e original no linguajar do sertanejo cearense” (Cabral, 1972, p. 11). Também ele adotou a sistematicidade científica que a linguística e a lexicografia exigem para trabalhos dessa natureza: termos em ordem alfabética, classificações gramaticais, definições, expressões, exemplos de abonação extraídos de diversas obras da literatura cearense e inúmeras fontes bibliográficas.

A obra é um apanhado da linguagem sertaneja e decorre do que foi ouvido pelo autor em conversações e palestras. E ele relata que o trabalho se deu desta forma:

com o propósito de documentar o estudo ora ultimado, tive a preocupação de selecionar dados escolhidos em obras de variados autores, dando preferência aos que apresentavam maior índice de conhecimentos do linguajar sertanejo ou que primavam por um critério justo e perfeito no estudo ou na manifestação dessas expressões (Cabral, 1972, p. 10).

iv. *Adagiário Brasileiro*, de Leonardo Mota

Segundo a “Explicação Necessária”, disponível na obra, a preocupação fundamental do autor

foi a de só acolher adágios e locuções que realmente tivessem vida na boca do povo. Jamais registraria uma expressão coletiva sem antes testá-la, para comprovar-lhe o curso efetivo. Adágios mortos ou de trânsito não verificado não lhe interessavam. Descartou-se de preocupações teóricas para concentrar-se no trabalho de uma colheita oral, da mais alta autenticidade (Mota, 1987, p. 24).

O livro é dividido em quatro partes. A primeira traz, em ordem alfabética, longo conjunto de adágios em português, versados, na maioria das vezes, para mais de uma língua estrangeira, como espanhol, francês, inglês, italiano e até para latim. A segunda relaciona, também em ordem alfabética, inúmeras palavras e expressões extraídas dos quatro primeiros livros de Leonardo Mota: *Cantadores*, 1921; *Violeiros do Norte*, 1925; *Sertão Alegre*, 1928; e *No Tempo de Lampião*, 1930. A terceira apresenta parte da colaboração esparsa de Leonardo Mota para a imprensa a respeito de assuntos paremiológicos, em

forma de ditados e trovas. A quarta, seguindo o mesmo critério de ordem, lista outras expressões populares publicadas na imprensa pelo autor.

Acerca dessa dimensão da obra, Mota (1987) considera, no “Esboço de Prefácio”, que Num livro das proporções deste, seria impossível mostrar a história dos adágios, apontar como eles eram primitivamente concebidos e como se cristalizaram na forma contemporânea, indigitar as variantes as variantes consignadas nas diferentes coletâneas. Tudo isso é para ser tratado em volumes especiais, e não num tomo que precipuamente se destina a enfeixar o maior número possível de conceituosos modismos da quase sempre bizarra filosofia anônima (Mota, 1987, p. 33).

Consoante os objetivos da pesquisa em curso, interessa desta obra o conteúdo da sua segunda parte, na qual constam, como informado acima, vocábulos, entre os quais alguns referentes à gastronomia do Ceará, e expressões idiomáticas derivadas deles. Para cada termo, o autor arrola o significado e, em algumas ocorrências, idiomatismos e exemplos de aplicação conotativa do termo.

Enquanto composição de glossário, se se pode afirmar tal nomenclatura para esta segunda parte da obra, a ausência de classificação gramatical e de abonações para os termos de entrada representam lacunas para quais se deve atentar.

3.1.1 Culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à fraseologia

O quadro a seguir está dividido em três colunas, nas quais se encontram, respectivamente, os culturemas da gastronomia cearense (*corpus* desta pesquisa) em sentido denotativo (literal) e, resultantes da aplicação do recurso linguístico da metáfora sobre cada um deles, as expressões idiomáticas (EI's), na forma de locuções, e as unidades fraseológicas (UF's), como enunciados fraseológicos, frases inteiras ou expressões pluriverbais, que exemplificam o uso das expressões idiomáticas.

Do ponto de vista semântico, as EI's e as UF's aparecem já em sentido conotativo, e considerações teóricas acerca dessas duas categorias linguísticas serão feitas *a posteriori*, na sequência deste capítulo, pois se preferiu, em primeiro plano, demonstrar os dados do

trabalho e, somente em seguida, tecer os comentários analíticos, que se espera corresponderem aos objetivos traçados para o trabalho e responderem às suas questões de investigação.

Na primeira coluna, veem-se os culturemas, que foram extraídos das obras já informadas e que, por atenderem às normas para elaboração de dicionários, tornaram-se reconhecido acervo documental e sistemático dos falares típicos do Ceará. Nas duas seguintes, estão os contributos dos culturemas da gastronomia cearense à fraseologia da língua portuguesa.

CORPUS		
CONTRIBUTOS À FRASEOLOGIA		
Culturemas	Expressões Idiomáticas (EI's)	Unidades fraseológicas (UF's)
Abacaxi	Descascar abacaxi	Desde a partida de João, a mãe dos meninos é quem descasca os abacaxis deles.
Alfenim	Cabelo de alfenim	O filho de Maria tem cabelo de alfenim.
Alho	Passado na casca do alho Alhos com bugalhos	Nesta altura, Paulo já está passado na casca do alho. Nas aulas, a professora Amélia sempre pediu aos alunos que não misturassem alhos com bugalhos.
Aluá	Ficar/Estar aluado	Durante a comemoração de aniversário do chefe, João parecia aluado.
Angu	Angu de caroço	A oferta de emprego pareceu a Pedro um angu de caroço.

	Debaixo do angu tem carne	Não seja um papa-angu, Miguel! Disse Madalena.
	Ser papa-angu	
Aruá	Besta como aruá	Embora besta como aruá, Betina tinha admiração de muitos.
Bagre	Cabeça de bagre	Pelos vizinhos, Bento era considerado um verdadeiro cabeça de bagre.
Bagulho	Engana estômago	Amigos aconselhavam Pedro a não mais comer bagulho.
	Vender/Comprar bagulho	Após a prisão de Caetano, a família descobriu que ele vendia bagulho nas ruas.
Baião (de dois)	Fazer baião	Quando o advogado soube do caso, fez um enorme baião.
	Programa “Baião de Dois”	O “Baião de Dois” foi um projeto local.
Banana	Ser banana	Ari sempre foi tratado como um banana.
	Dar banana	Naquela noite, o político deu banana aos eleitores.
Banha	Pé de bater banha	Dagoberto andava com pé de bater banha.
	Comer banha	Entre os amigos, Luís sempre comia banha.
Batata	Batata quente	Esse carro é uma batata quente! Disse Luzia.
	Plantar batatas	Denise mandou a amiga plantar batatas.
	Soltar batatas	Denise mandou a amiga plantar batatas.
	Batata da perna	Denise mandou a amiga plantar batatas.
	Na batata	No discurso, o eleito soltou batatas.

Beiju	Beiju de caco	Com a batida, o carro ficou em beiju de caco.
Biquara	Boca de biquara	Para a festa, a mocinha parecia boca de biquara.
Bode	Como bode na chuva Amarrar o bode Boca de bode Estar/Ficar de bode Barba de bode	A debutante amarrou o bode toda a noite. O acordo é como boca de bode. Como Lia estava de bode, ninguém falava com ela.
Bofe	De maus bofes Bofes pela boca Ser bofe	Anita era mesmo de maus bofes. Ao chegar, Antônio botava os bofes pela boca. Você é um bofe! Dizia Couto ao amigo.
Bolacha	Cara de bolacha Não dizer nem bolacha	Telma tinha cara de bolacha. Chamado para depor, o acusado não dizia nem bolacha.
Bolo	Bolo fofo Dar/Levar bolo Bolo confeitado Bolo fim de festa Bolo de milho	Tarcísio era mesmo um bolo fofo desde a infância. Todos os dias, Mário levava bolo da namorada. No baile, Tânia parecia um bolo confeitado.
Broa	Ser broa	No futebol, Juca era broa.
Bruaca	Bruaca velha	A bruaca velha não admitia que a neta namorasse o Júlio.
Buchada	Vamos, buchada! Ser buchada	Ao fim das festas, Tiago dizia: Vamos, buchada! A competição foi uma buchada!

Cachaça	Ter uma cachaça	Bruno era um sujeito honesto, mas tinha uma cachaça insuportável.
Caldo	Caldo de mocotó Caldo de bila Caldo da caridade Tomar caldo (Não) dá um caldo Engrossar o caldo	Dizem os antigos que caldo de mocotó cura fortes resacas. Nos primeiros contatos com o surf, o garoto tomava caldo sem parar. Afirmavam no ginásio, que o pugilista cearense não dava um caldo.
Cana	Quebrar a cana Ser pé-de-cana Amigo da cana	Ao cair da bicicleta, Mário quebrou a cana. Amadeu sempre foi um pé-de-cana, diziam os pais.
Canja	Dar canja	No bar, entregaram o violão ao músico e lhe pediram uma canja.
Canjica	Fogo na canjica	Na obra, o mestre ordenou que logo cedo tocassem fogo na canjica.
Capitão	Fazer capitão	A criança comia somente quando a mãe lhe fazia capitão.
Capote	Dar/Levar/Tirar o capote	Diferente do dia anterior, naquela manhã o Mário não levou qualquer capote.
Carne	Carne seca Carne de moita Carne do Ceará Em carne viva Unha e carne	No mercado de Piracuba, facilmente se comprava carne de moita.

		Ao dono do açougue todos os fregueses pediam carne do Ceará.
Carneiro	Ser carneiro	Com as decepções profissionais, Miguel tornou-se um carneiro.
Carregado	Comida carregada	Ao sair para o trabalho, a mãe sempre recomendava aos filhos que evitassem comida carregada.
Casquinha	Tirar casquinha	Sem noção do perigo, Amauri tirava casquinha da estagiária.
Castanha	Quebrar castanha	Foi necessário que, no palanque, o candidato que discursava quebrasse a castanha de um eleitor.
Chá	Levar/Dar chá Chá de bico Chá de sumiço	No ano passado, Lúcia levou um chá do primo. Há semanas não se vê o Cristina... levou chá se sumiço.
Chuchu	Pra chuchu Ser chuchuzinho	Havia eleitores pra chuchu, à espera do candidato. Helena é considerada um chuchuzinho pelos primos.
Coalhada	Estar/Ficar coalhada	Durante a chuva, o bar ficou coalhado de gente.
Cocada	Comer cocada	Enquanto Denise e o namorado liam juntos, o irmão dela comia cocada.
Coco	Coco pelado Dançar o coco	Jonas era conhecido na comunidade por sempre ter o coco pelado.

		Era empolgante a forma de as meninas dançarem o coco.
Corredor	Bater corredor	Naquele dia, o visitante bateu o corredor antes de almoçar.
Criação	Boa criação Falta de criação Filho de criação	Todos os filhos de Alice receberam boa criação. Já adulto, Amadeu soube que era filho de criação.
Doce	Dar um doce Cu doce	Nonato daria um doce a quem decifrasse o enigma. Na turma de 2015, alguns alunos se achavam cu doce.
Escoteiro	Ser / Estar escoteiro	Naquele dia, Luís sentiu-se escoteiro, na ausência da família.
Farinha	Farinha da terra Farinha do barco Fazer farinhada Casa de farinha Farinha do mesmo saco Vender farinha	A farinhada era ocasião para encontro de toda a família de Dona Rosa. No Brasil, costuma-se dizer que os políticos são farinha do mesmo saco.
Farofa	Ser farofeiro Cheio de farofa	O farofeiro é um tipo indesejado nas praias mais famosas do Ceará. Betinho sempre se apresentava cheio de farofa aos colegas.
Fava	Às favas Pagar as favas Favas contadas	O funcionário mandou o chefe às favas. Acabou a eleição 2018 no Brasil. São favas contadas.

Feijão	Pegar o feijão Ser feijão com carne seca	Alberto dizia em casa aos convidados: Vamos pegar o feijão? O síndico pediu que, no debate, as opiniões não fossem feijão com carne seca.
Frango	Cercando frango Engolir frango Ser frangote	Naquela noite, Marcos chegou à casa da sogra cercando frango. Ainda à mesa de jantar, o pai disse ao filho: Calma! Você ainda é um frangote!
Fubá	Cor de fubá	O boi fubá era o mais caro da fazenda.
Galinha	Galinha morta Galinha choca Cantar de galinha Deitar-se/levantar-se com as galinhas Ser galinha Pé de galinha	Amauri era mesmo uma galinha morta. Tamara estava uma galinha-choca. No sertão, os mais velhos deitaram-se com as galinhas.
Garapa	Na garapa Ser garapeiro	Alan conseguiu emprego na garapa.
Goma	Cagar goma Goma de batata Exame da goma	Marcos cagava goma na presença das dançarinas. Ao voltar do quartel, os amigos perguntaram a Bebeto se ele fizera o exame da goma.
Gororoba	Gororoba de cimento	No trabalho de cortar cana, serviam gororoba de cimento aos empregados.
Grude	Goma de grude Ser grude	A sobrinha de oito anos era o grude de Alberto.

	Cu de grude	À mesa do bar, Cícero era chamado cu de grude.
Jerimum	Jerimum ponta de rama	Quando a filha nasceu, Jerônimo já era jerimum ponta de rama.
Manteiga	Manteiga em focinho de cachorro Manteiga derretida	Para Natália, os prazeres da vida eram manteiga em focinho de cachorro. As decepções amorosas transformaram Margarida em manteiga derretida.
Manzape	Ter manzape avantajado	Orlando Nascimento ficou conhecido por seu manzape.
Mão de vaca	Ser mão de vaca Passar a mão Ficar na mão	O tempo fez de Marcos um mão de vaca. Dizem que o suspeito passou a mão no dinheiro do patrão e desapareceu. Depois da enchente, os moradores de Piracuba ficaram na mão.
Maracujá	Cara de maracujá	Aos 50 anos, Sílvio já tinha cara de maracujá.
Mariola	Cão comendo mariola	Até as amigas diziam que Cláudio era o cão comendo mariola.
Maxixe	Cara de maxixe	Na adolescência, Miguel tinha cara de maxixe.
Mel	Descer o mel Sem mel nem cabaça Sopa no mel	Quando estava na rua, Miguel sentiu a pancada na cabeça e já viu o mel descer. Não adiantou o esforço de Mateus na competição, pois

		ao final dela ficou sem mel nem cabaça.
Melado	Estar/Ficar melado	Antes mesmo da comemoração, Sandro já estava melado.
Mingau	Mingau das almas Fazer mingau	A primeira ação diária de Leandro era comer o mingau das almas. Sem qualquer necessidade, Denise fez um grande mingau na presença dos parentes.
Mocotó	Estar nos mocotós Bater mocotós	Antes de você chegar à casa da amiga, já estarei nos seus mocotós. O vaqueiro rapidamente fez o boi bater os mocotós.
Moela	Boca de moela	Quando o Teixeira passava na rua, todos os moleques imediatamente gritavam: Já vai, boca de moela?
Moqueca	Virar moqueca	Naquela idade, Sabino Rocha era uma moqueca em cima da cama.
Ova	Uma ova!	Aprovar projeto que aumenta impostos? Uma ova!
Ovo	Ovo de capote Disco voador Chocar os ovos Ovo virado No frigidar dos ovos Pisar em ovos	Emiliano tem aparência de ovo de capote. Depois de uma noite de bebedeira, Caio e Amarildo acordaram com ovo virado. Para não irritar ainda mais a esposa, Ernani parecia pisar em ovos.
Pamonha	Ser pamonha	Artur sempre foi pamonha.

Panelada	Dar / Levar panelada	Dona Florinda costumava dar panelada em Seu Madruga.
Papa	Comer papa Sem papas na língua	Com apenas 12 anos, Matilde já demonstra não ter papas na língua.
Pato	Pé de pato Ser pato Fazer patota	Para ofender o primo, Carlinhos o chamava de pé de pato. A fim de vencer no jogo, Denis pensava logo em patota.
Peba	Casco de peba Pegar peba Ser/Ficar pebado Unha de peba	Embora vestido com roupa nova, Emiliano continuava usando o casco de peba. No segundo degrau da escada, Marta já pegou um peba. Por causa da viagem da esposa, Fernando ficou pebado.
Peixada	Ser peixada	Foi por uma peixada que Samara trabalhou na multinacional.
Peixe	Peixe fora d'água Não ter com o peixe Vender o peixe Cair como peixe Peixe morre pela boca	Na casa da irmã, Célia se sentia um peixe fora d'água. No show de música regional, o ambulante pediu que o deixassem vender seu peixe. Ao ouvir a proposta, Misael caiu como peixe.
Peru	Ser peru Ser/Tornar-se perua	André sempre foi peru nas mesas de jogo. Para as amigas, Amélia é uma perua.
Piaba	Pegando piaba Nadar como piaba	A nova calça de Murilo pega piaba.

		Desde os 06 anos, Marília nada como uma piaba.
Pirão	Pegar o pirão	Às 11h, o pai já chamava os filhos: Vamos pegar o pirão?
Porco	Espírito de porco Ser porcalhão Porco sujo Nó de porco Tomar um porco	Difícil trabalhar com Ernesto: ele é espírito de porco. A mãe sempre diz que Natanael é um porcalhão. Para não cair da rede, Armando deu nó de porco.
Pudim	Pudim de cana	Companheiros de farra, dizem que Ernesto é um pudim de cana.
Quebra-queixo	Estar quebrando queixo	Traga uma cervejinha quebra-queixo.
Rabada	Chegar na rabada	Na maratona de 10 km, Flávio chegou na rabada.
Rapadura	Coração de rapadura	Nilda parece geniosa, mas tem coração de rapadura.
Sarapatel	Sarapatel brabo	Irritado, Júlio provocou um grande sarapatel no aniversário da filha.
Sopa	Ser sopa	Para mim, jogar futebol entre craques é sopa.
Suspiro	Fazer suspiro	Ao fim da reunião sobre orçamento para 2019, Júnior de Melo pôs o dedo no suspiro.
Tapioca	Ser tapioca	Na torcida do Ceará, Ronaldo era conhecido como tapioca.
Tatu	Tatu enfezado Pegar tatu	Por seu comportamento, Mariana era chamada por alguns amigos de tatu enfezado.

Traíra	Pescar traíra Ser traíra	Na cerimônia de formatura dos alunos, a diretora da escola, Dona Marciana, pescou traíra cinco vezes. Dos conselheiros do diretor, apenas Hamilton era traíra.
Tripa	Nó na tripa Tripa seca Pau de virar tripa / Chico Tripa Tripa gaiteira Dor nas tripas Fazer das tripas coração	Se não fosse o socorro imediato, Taumaturgo morreria de nó na tripa. Devido ao seu porte físico, Tomás era chamado de tripa seca. Sandra fez das tripas coração para ajudar o primo a sanar as dívidas.
Tutano	Cabra de tutano	Mauro é reconhecidamente um cabra de tutano.

Os dados contidos nesse quadro suscitam alguns informes necessários:

a) Há culturemas que não se referem (ou nominalizam) especificamente a um produto da gastronomia cearense e sim a qualificadores (Bagulho, Carregado e Gororoba), formato (Capitão) e sentido generalizante (Criação) relacionados a ela. Contudo, foram incluídos no inventário devido ao potencial linguístico que, relacionado à gastronomia, propicia contributos à língua portuguesa, conforme parâmetros desta pesquisa.

Em sentido literal, eles significam, respectivamente:

Bagulho = alimento ordinário ou sem valor;

Carregado = alimento reimoso, nocivo à saúde;

Capitão = forma dada ao alimento após amassá-lo à mão;

Criação = expressão genérica para identificar carne de caprinos e ovinos.

Escoteiro = alimento que é servido e consumido sozinho, sem qualquer acompanhamento.

Gororoba = alimento grosseiro, muito misturado ou mal feito;

b) Alguns termos relacionados à gastronomia cearense não geram, a saber do pesquisador, expressões idiomáticas (ou locuções) em sentido conotativo, a saber: avoante, cafofa, cangulo, cuscuz, macaxeira, mucunzá, etc. Foram, portanto, excluídos do inventário. Outros, como ‘pudim’, enquadram-se nos requisitos para existirem como culturemas, mas não se encontram dicionarizados. Foram incluídos no inventário, por fazerem parte do acervo da oralidade popular.

c) Definiu-se a quantidade de um a três exemplos de unidades fraseológicas (expressões pluriverbais ou enunciados) por cada culturema, por considerar que esse número comprova, ao lado das expressões idiomáticas (ou locuções), que ele se estabelece, de fato, como tal.

3.2 Metáfora: percurso necessário

As referências feitas aqui à metáfora não têm objetivo de aprofundar-se no tema, tão somente diferenciar suas correntes objetivista e não-objetivista e situar este trabalho em desenvolvimento na tendência que corresponde aos objetivos dele, as características e o tratamento dado ao seu *corpus*: os culturemas da gastronomia cearense.

Historicamente, Aristóteles é um dos primeiros pensadores de que se tem notícia a interessar-se por uma definição de metáfora. Ele sustentava que a metáfora estava vinculada aos domínios da retórica e da poética. A metáfora, segundo Aristóteles, “[...] consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (Aristóteles, 1996, cap. XXI, 1457b-6, p. 92). Vê-se, então, que para ele a metáfora é vinculada ao nome e/ou à palavra; expressa a ideia de movimento, conforme os termos gregos que etimologicamente lhe dão origem: *metha* (que significa “mudança”) e *phòra* (que significa “levar” ou “conduzir”), logo a metáfora é uma espécie de mudança e/ou algo que leva/conduz a mudanças; e representa a substituição de um termo por outro.



Sendo assim, o sentido próprio, real e objetivo de uma determinada palavra é transformado para um sentido figurativo e representacional. Cria-se, dessa forma, uma figura de estilo responsável por comparar dois elementos sem o recurso de um elo coesivo.

As primeiras considerações acerca de uma linguagem figurada começaram com reflexões sobre a metáfora e foram ampliadas para as demais figuras de linguagem. Contudo, embora a compreensão tradicional sobre os tropos linguísticos considere o esforço mental e a expressão de ideias novas, ela não questiona a visão de mundo nem as estratégias cognitivas contidos nesse exercício de produção de enunciados.

Segundo Vilela (2002),

A metáfora apareceu a dado momento como uma designação qualificada da linguagem poética. Era o momento da ligação da concepção da poesia como estilo e ontologia, como universo recriado e moldura que continha esse universo, como combinação entre simbolismo e realismo, ou entre conteúdo e configuração. E a metáfora aparecia aqui como o processo através do qual a imagética literária acontecia (Vilela, 2002, p. 64).

Nessa visão objetivista (ou tradicional), a metáfora é uma ocorrência linguística de adorno aos elementos da retórica e da poética, fundamentada na similitude entre dois elementos identificados, que ocorre pelo uso consciente das palavras para o qual se exige habilidade especial para o uso eficaz e inventivo dela. Logo, não é um recurso que se fundamenta na comunicação diária e coloquial das pessoas nem guarda relação com seus fenômenos cognitivos. Tal definição clássica apoia-se fundamentalmente na lógica e simplifica as funções possíveis à metáfora como é compreendida na atualidade.

Em outro sentido, o não-objetivista, argumenta-se que a função primordial da linguagem não é servir como referência do mundo, mas transmitir e compartilhar experiências, ao considerar que a prática contextualizada é determinante para a construção de palavras e significados. Logo, o contexto a ser investigado é o do âmbito sociocultural em que os sentidos se formulam.

Para a linguística cognitiva, o significado social e o sistema linguístico que se compartilha constituem-se com a contribuição dos aspectos cognitivo e físico, e a este cabe a corpori-



ficação da linguagem. Aqui, o termo corporificação tem duplo sentido: o primeiro se refere à experiência física, na qual estão incluídas as subjetividades e a cultura em que a linguagem está inserida; o segundo corresponde à substância física, ou seja, aos elementos neurofisiológicos do corpo.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), o não-objetivismo descreve o significado como fruto da compreensão humana e da forma como se experimenta e designa o mundo em que se vive. Nesse sentido, a compreensão humana pode variar de objeto, desde a semântica de uma frase até os acontecimentos históricos, sociais e culturais mais complexos. O sentido linguístico funciona, então, como um catalisador de experiências significativas.

Quando se observa o conhecimento compartilhado entre membros de uma comunidade, como acontece com os saberes relativos à gastronomia cearense, que são partilhados e transmitidos de geração em geração, percebe-se que o significado não reside propriamente nas palavras, mas em quem as profere, nas estratégias de transmissão (como a intencionalidade) e nas formas de recepção pelos interlocutores. Logo, essas características da interação são as reais produtoras de significado e o condicionam as relações socioculturais dadas pelas práticas humanas.

A teoria da metáfora conceitual proposta por Lakoff e Johnson (2002) se fundamenta, segundo seus autores, em observações sobre o contexto e suas práticas sociais e a dimensão cognitiva dos indivíduos. Para eles, a metáfora é um fenômeno central em todos os tipos de linguagem, pois se conceitua o mundo, a cultura e os próprios sujeitos através dela.

Essa perspectiva de estudo da metáfora dá relevo também ao experiencialismo, fundamentado na concepção de que o ser humano só pode ser estudado no ambiente em que vive, ao se considerarem as experiências físicas, emocionais e culturais que o marcam. Nesse sentido, a relação do homem com o meio promove transformações mútuas e difundidas continuamente. Ao considerar esse contexto, conclui-se que a metáfora é um recurso da linguagem cotidiana consagrada como artifício para conceitualizar o mundo.

Aplica-se a metáfora aos culturemas inventariados como *corpus* desta pesquisa por duas razões, a saber: i. a metáfora não é um recurso convencional da linguagem, portanto não

pode ser empregada apenas como o uso das ferramentas formais, que tornam o significado mais ou menos estanque; ii. a metáfora nasce no uso, logo é um instrumento de pensamento, ou seja, um intercâmbio de contextos. A matéria prima da metáfora são conceitos, e não palavras; ela diz respeito à própria interação verbal entre interlocutores nos espaços culturais.

Vilela (2002) descreve desta maneira a relação entre o significado e os sujeitos no mundo:

O significado está grudado na compreensão de mundo por parte dos falantes e, por exemplo, a relação semântica metafórica não pode ser descrita como uma mudança de traços ou mesmo mudança de um grupo de traços: o que precisa de ser descrito é a passagem (a mapeação) de um domínio para outro domínio (Vilela, 2002, p. 133).

No contexto de exposição dos dois vieses dos estudos sobre a metáfora, opta-se nesta pesquisa pela acepção não-objetivista, por entender que o desdobramento dos culturemas da gastronomia, enquanto manifestações de cultura imaterial, em expressões idiomáticas (ou locuções) e destas em unidades fraseológicas (enunciados ou expressões pluriverbais) faz emergirem significados compartilhados socialmente acerca de valores, crenças e costumes do povo cearense transmitidos de geração em geração, através da língua, como experiências sociais significativas em contexto de práticas. Portanto, as metáforas são carregadas de inferências culturais, por isso evidenciam a relação da língua com a cultura.

3.3 Expressões idiomáticas: unidades léxico-culturais compartilhadas

O conceito de língua adotado para o desenvolvimento desta pesquisa é o de prática social para comunicação e interação em circunstâncias variadas e entre sujeitos reais. Nesse sentido, a língua é uma instituição dinâmica e em constante processo de construção, mudança e reconstrução. Acerca dessa acepção, Mira Mateus (2005) afirma que

A língua, como todos nós, quer palpitar, crescer, tornar-se flexível e colorida, expandir-se, enfim, viver. E isso só acontece porque usamos a língua para comunicar com os outros e conosco mesmos. O mais admirável é que, com poucas dezenas de sons, todas as pessoas podem construir, em qualquer língua do

mundo, uma infinidade de expressões que revelam aos outros o que pensam, o que imaginam e o que sentem (Mira Mateus, 2005, p. 1).

A língua portuguesa, em sua variante brasileira, tem como base elementos lusitanos, africanos e indígenas; e a partir do século XX, em especial, tem sido enriquecida com a colaboração de línguas diversas, como a de imigrantes japoneses, italianos, alemães, poloneses, espanhóis, etc., além da constante influência do inglês norte-americano. É marcada ainda pela criação, circulação e fixação de combinações pragmáticas, morfossintáticas e léxico-semânticas próprias e oriundas de fontes diversas, como as expressões idiomáticas, cuja ocorrência numerosa comprova a importância de sua utilização pelos brasileiros, pois, ligadas à linguagem coloquial, evidenciam relevantes aspectos sociais, políticos e culturais.

Xatara (1998a) explica as razões para existência de tantas expressões idiomáticas:

Em primeiro lugar, porque podemos contrapor a seu caráter previsível e a seu automatismo, desgastado pela frequência de emprego, um poder surpreendentemente criativo de seus efeitos sobre os usuários, através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal. Em segundo lugar, porque o mundo das EI revela uma espessura simbólica, em que aflora o inconsciente, acionando transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções (Xatara, 1998a, p. 148).

Em caráter específico, assumem destaque aqui as expressões idiomáticas que se constituem a partir da metaforização de culturemas da gastronomia cearense. Nesta investigação, delimita-se a abordagem a respeito das expressões idiomáticas ao que se considera mais relevante à pesquisa e seus objetivos, por isso elas são denominadas também de locuções, para atender ao que propõe Xatara (1998b), segundo a qual se deve aceitar também a denominação de lexias complexas.

É difícil a tarefa de conceituar expressões idiomáticas, porque as definições sobre elas são pouco consensuais e há uma considerável diversidade terminológica adotada na literatura sobre o tema, a saber: idiomatismos, frases feitas, expressões cristalizadas, clichês,

lugares-comuns, etc. Contudo, destacam-se aqui duas acepções que guardam semelhanças entre si e que parecem satisfatórias.

Para Biderman (1978),

expressões idiomáticas são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não é a somatória das suas partes. Nesses casos, não se pode chegar ao significado da expressão completa, somando-se os significados de cada um dos seus elementos constituintes. Esse tipo de sintagma léxico é indecomponível e, frequentemente, possui uma significação metafórica (Biderman, 1978, p. 133).

Mais recentemente, Xatara (1998b, p. 170) propôs que “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Em seguida, a autora explica os termos utilizados:

lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal; indecomponível porque constitui uma combinação fechada, de distribuição única ou bastante restrita; conotativa porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; cristalizada porque sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra (Xatara, 1998b, p. 170).

Sob a ótica da estrutura linguística, Xatara (1998b) revela os elementos morfossintáticos que, de maneira geral, indicam a complexidade lexical das expressões idiomáticas:

- a) sintagma nominal: Cabelo de alfenim.
- b) sintagma adjetival: Passado na casca do alho.
- c) sintagma adverbial: Na batata.
- d) sintagma verbal: Amarrar o bode.
- e) sintagma frasal: Uma ova!

Nesse conjunto de estruturas, são mais complexos os sintagmas verbal e frasal. O primeiro pode ocorrer, por exemplo, como na estrutura demonstrada acima (V + SN: ‘Amarrar o bode’) ou com a variação V + preposição + SN: ‘Deitar-se com as galinhas’. O segundo

é representado geralmente por frase nominal ('Uma ova!'), porém é aceita também a oração, como em 'Vamos, buchada!'

Os exemplos expostos acima decorrem todos, já em sentido conotativo, de culturemas da gastronomia cearense contidos no *corpus* desta investigação e permitem duas constatações: as expressões idiomáticas exprimem características típicas de uma dada cultura, e os referidos culturemas de fato contribuem para a fraseologia da língua portuguesa.

Aqui, as expressões idiomáticas são denominadas também de locuções, como em Casares (1992), para quem a locução é uma "combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes" (Casares, 1992, p. 170).

Esse autor reúne o significado e a função gramatical das locuções e as organiza em dois grupos: o das locuções "significantes" e o das locuções "conexivas". As primeiras correspondem a uma representação mental e subdividem-se em nominais, adjetivas, verbais, participiais, pronominais e exclamativas. As segundas têm função de conectivo e são chamadas de conjuntivas e prepositivas, respectivamente (Casares, 1992).

Ao se observar o quadro de *corpus* desta investigação, percebe-se, em sua coluna dois, que há predomínio das expressões idiomáticas, ou locuções, de natureza significativa, pois todas são portadoras de carga cultural, dos tipos nominal e verbal, como 'batata quente' e 'amarrar o bode'.

3.4 Unidades fraseológicas: grau ampliado de coesão

As unidades fraseológicas representam um vasto campo de estudos no interior da fraseologia, pois, sob esta denominação, encontram-se estruturas como: expressões fixas, modismos, ditos, fórmulas, modos de dizer, refrões, provérbios, frases feitas, expressões idiomáticas, etc. Essa profusão de estruturas, segundo Ortiz Alvarez (2000), faz com que as unidades fraseológicas sejam

identificadas por muitos autores de uma forma um tanto confusa (...), no entanto cada uma dessas unidades apresenta características específicas não só na

sua composição mas também no próprio uso dentro do discurso. Trata-se, então, de fazer uma análise da estrutura interna, gramatical e semântica, e da sua propriedade combinatória e assim estabelecer critérios para a delimitação dessas unidades (Ortiz Alvarez, 2000, p. 97).

A autora recorre a um considerável número de teóricos, a partir dos quais sintetiza, em quadro, as características das unidades fraseológicas, com aproximações e afastamentos entre os pontos de vista deles sobre o tema:

Autor	Pluriverb.	Características				
		Estabili- dade	Sentido figurado	Fixação	Expressivi- dade	Idiomatici- dade
Bally	x	x	x	x	x	x
Saussure	x	x	x	x		x
Pottier	x	x	x	x		x
Fiala	x	x	x	x		x
Casares	x	x	x	x		x
Vinogradov	x	x	x	x	x	x
Zuluaga	x	x	x	x	x	x
Tristá	x	x	x			
Carneado	x	x	x		x	

*Bally acrescenta a equivalência de uma unidade a uma palavra e chama a atenção sobre a presença de arcaísmos e elipses, sobre o esquecimento do sentido dos elementos que compõem a unidade, ou seja, o sentido dado pelo todo. Por outro lado, o autor fala da expressividade dessas unidades e enumera várias fontes de expressividade, dentre elas o componente denotativo, o conotativo e o valorativo.

**Saussure fala da hipótese de existirem diferentes graus de fixação nas unidades fraseológicas.

***Pottier concorda com Saussure que existem diferentes graus de fixação, pois, segundo ele, as lexias podem ser fixas ou variáveis.

****Bally, Saussure e Pottier concordam que nas unidades fraseológicas não há comutatividade e existe um nível alto de frequência, dois traços característicos introduzidos por eles.

*****Zuluaga acrescenta a impossibilidade de substituição da categoria gramatical dos elementos que compõem a unidade (Ortiz Alvarez, 2000, p. 97).

Em conclusão ao seu pensamento sobre a dificuldade relativa à identificação de unidades fraseológicas, Ortiz Alvarez (2000) afirma, ainda, que

Depois de ter analisado as opiniões de diferentes autores e as definições que aparecem em alguns dicionários consultados, podemos chegar à conclusão de que todos misturam os conceitos que correspondem a cada unidade fraseológica. Na realidade, existem diferenças entre elas que, na prática, não são mostradas (Ortiz Alvarez, 2000, p. 120).

Em razão da dificuldade mencionada, optou-se nesta pesquisa por abordar separadamente expressões idiomáticas e unidades fraseológicas. Para tanto, escolheu-se seguir o pensamento de Roberts (1993) e de Gouadec (1994), mencionados por Bevilacqua (2004; 2005), segundo a qual aqueles autores propõem que unidades morfossintáticas e semânticas maiores, equivalentes a frases inteiras, também sejam denominadas de unidades fraseológicas.

Conforme essa proposta, as unidades fraseológicas estruturam-se como combinações sintagmáticas determinadas principalmente pelas diferentes relações que se estabelecem entre seus elementos, pois integram aspectos lexicológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Elas são, desse ponto de vista, enunciados complexos e mais extensos que contêm necessariamente, na sua estruturação, uma expressão idiomática.

Essa delimitação quanto à abrangência de características das unidades fraseológicas resulta do alerta feito por Ortiz Alvarez (2000) e, principalmente, dos interesses e limites deste trabalho, que não tem como propósito esgotar a abordagem relativa às unidades fraseológicas, mas, sobretudo, demonstrar o quanto podem os culturemas da gastronomia cearense contribuir para a fraseologia da língua portuguesa, com expressões figuradas (ou conotativas), mais breves ou mais longas, constituidoras de identidade dialetal.

Posto isto, vê-se em *Corpas Pastor* (1996) características das unidades fraseológicas que correspondem ao que se exemplifica na coluna três do quadro de *corpus* desta pesquisa: a saber, frases verbais com grau de coesão mais complexo do que se percebe nas expressões idiomáticas. Tais características são:

- i. ser formada por várias palavras;
- ii. estar institucionalizada, ou seja, convencional devido ao uso frequente;
- iii. possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem;
- iv. apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas;
- v. ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Como exemplo de unidade fraseológica em consonância com a descrição de *Corpas Pastor* (1996), destaca-se a seguinte combinação, entre tantas outras possíveis, colocadas na coluna três do quadro de *corpus* (item 3.1.1) desta pesquisa:

Alberto dizia, em casa, aos convidados: Vamos **pegar o feijão**?

A análise dessa combinação permite afirmar que ela é formada por mais de uma palavra, logo confirma a primeira das características listadas acima. Constata-se, ainda, que ela já está cristalizada na manifestação oral da língua, pois se encontra registrada, por exemplo, na web (<https://www.dicionarioinformal.com.br/feijão>), em obra com expressões cearense (Girão, 2000, p. 206) e em compêndio de fraseologia (Nascentes, 1966, p. 126), em todas essas fontes com sentido equivalente aos verbos ‘almoçar’ ou ‘jantar’. Verifica-se também certa estabilidade entre seus componentes, uma vez que não se pode substituir aleatoriamente qualquer um deles.

Outra característica presente nessa combinação é a particularidade semântica, pois o entendimento acerca do que é expresso por ela não depende da soma de seus elementos; em outras palavras, seu significado é indecomponível.

Por fim, encontra-se o último elemento, a unidade ‘**pegar o feijão**’, que é passível de alterações. De fato, o verbo ‘pegar’ pode ser flexionado de acordo com o tempo e a pessoa



escolhidos para a elaboração do período, pois concorda com os elementos extralinguísticos que influenciam na sua utilização.

Seguem exemplos dessa flexão, em que o verbo concorda com o sujeito do ato, o que provoca mudança em um dos elementos que compõem a locução:

i. Pedro chamou os amigos e disse: **Peguem o feijão.**

ii. Chegada a hora do jantar, ouviu-se em tom convidativo: **peguemos o feijão.**

Do conjunto de culturemas selecionado como *corpus* desta investigação, observa-se o potencial linguístico gerador de expressões para a fraseologia da língua, bastando, para isso, examinar o significativo número de expressões idiomáticas obtidas pela metaforização de cada palavra cultural utilizada e as inúmeras e diferentes possibilidades combinatórias para a produção de frases e períodos. Entende-se, logo, que tais constatações respondem afirmativamente à primeira pergunta de pesquisa relativa a esse tema, apresentada no capítulo inicial e retomada na abertura deste.

O resultado material concreto de todas as análises e discussões feitas no atual capítulo será exibido no próximo, cujo objetivo é fundamentar teoricamente e compor o glossário de termos da gastronomia cearense, consubstanciado em conformidade com os elementos indicados na ficha lexicográfica disponível no capítulo primeiro desta pesquisa.

4. O GLOSSÁRIO DE CULTUREMAS

O presente capítulo destina-se a fundamentar os aspectos teóricos relativos à composição de um glossário cultural (especificamente de culturemas da gastronomia cearense) e seus elementos integrantes e a organizar o referido glossário, conforme estruturação definida na ficha lexicográfica localizada no capítulo inicial da investigação.

Do ponto de vista da filosofia da linguagem e das relações entre língua e cultura, este glossário de culturemas filia-se à concepção de “dicionários culturais” desenvolvida atualmente na Universidade de Granada, Espanha, e coordenada por Juan de Dios Luque Duran.

4.1 Fundamentos para dicionários culturais

Nos estudos linguísticos, notadamente naqueles de natureza lexical, o conceito mais difundido de dicionário é o que o traz como o repertório estruturado de unidades lexicais que contém informações linguísticas a respeito de cada uma dessas unidades ou entradas. No que concerne à elaboração dessas obras, considera-se relevante a seguinte afirmação de Biderman (2001), embora esta não seja questão central a discutir neste trabalho:

A prática corrente tradicional é a ordem alfabética. Entretanto, o sistema alfabético obscurece, subverte a estrutura semântico-conceptual, porque não evidencia a estruturação do léxico. O ideal seriam os dicionários analógicos/ideológicos que distribuem as unidades do léxico geral e/ou especializado a partir de campos semânticos e/ou áreas conceptuais (Biderman, 2001, p. 165).

O repertório a ser organizado aqui insere-se, como informado, no conceito de dicionário cultural, contudo ainda submete as suas unidades ou entradas à tradicional sequência alfabética, embora reconheça significativo o alerta acima.

Pamies Bertrán (2012) destaca a necessidade de, antes do debate em torno das características de um dicionário cultural, estabelecerem-se as diferenças entre este e outros tipos de dicionários já existentes, como os de símbolos, os fraseológicos e os paremiológicos, que de alguma forma guardam semelhanças entre si, mas substancialmente se distinguem.



O autor revela que os de símbolos tratam-nos “de forma atomizada, como se fossem atemporais e universais, sem nenhuma relação nem com a língua, nem com uma cultura nacional, como se eles existissem mesmo fora das palavras” (Pamies Bertrán, 2012, p. 347). Sobre os dicionários fraseológicos e os de provérbios, o autor lembra que eles podem ser estruturados em ordem alfabética ou temática, porém ainda serão “essencialmente uma coleção de formas verbais, isoladas umas das outras e da consciência coletiva” (p. 347).

Aproveitando-se do entendimento de que a língua reforça a associação de ideias culturais, como valores, crenças e costumes, o dicionário linguístico-cultural, embora estruturalmente possa manter-se conservador ao apresentar as entradas em ordem alfabética, opõe-se a tais modelos, pois resulta da análise semântico-cognitivo-cultural por descrever e comparar conexões entre língua, realidade social e cultura, considerando que as metáforas são elementos relevantes da representação do léxico mental dos integrantes de uma comunidade, que é transmitido de geração em geração.

Dessa feita, como afirma Pamies Bertrán (2012), “o elemento organizador do dicionário cultural deve ser o que chamamos culturemas: um referente que funciona como fulcro gerador de associações metafóricas culturalmente delimitadas” (Pamies Bertrán, 2012, p. 349).

Para atender a tais pressupostos do dicionário cultural, recorre-se, a fim de compô-lo, ao léxico como “tesouro vocabular de uma determinada língua”, pois

Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. (...) é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico (Biderman, 1981, p. 138).

É nessa perspectiva que se situa o glossário de culturemas da gastronomia cearense proposto aqui, pois no conjunto dos principais elementos que o constituem, em especial as entradas, os significados e as abonações, objetiva-se revelar “imagens” em torno das quais se organizam e revelam significados conotativos interconectados sobre a cultura, os costumes e as crenças do povo cearense.



O léxico a ser utilizado no referido glossário é de natureza regional, mas não necessariamente de origem ou circulação restritas ao Ceará, pois, na contemporaneidade, o intercâmbio entre falantes de regiões distintas, por motivos como o turismo ou as tecnologias da informação e da comunicação, possibilita a difusão das culturas locais sem necessariamente fazer com que elas percam suas características fundamentais. E assim ocorre com os culturemas da gastronomia cearense, que podem ser levados a outros espaços, contudo continuam a ser reconhecidos como naturais do Estado. Trata-se, portanto, daquele léxico que, conforme as fontes de pesquisa, apresenta vitalidade, produtividade, frequência e complexidade nos espaços sociais e nos falares referentes à gastronomia cearense, compondo símbolos de cultura que são marcadores de identidade local, daí sua denominação de culturemas.

A concepção de léxico regional adotada aqui é a de Biderman (2001), para quem o regionalismo é

qualquer fato linguístico (palavra, expressão ou seu sentido) próprio de uma ou outra variedade regional do português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo linguístico Rio/São Paulo, que se considera como o português brasileiro padrão, isto é, a variedade de referência, e com exclusão também das variedades usadas em outros territórios lusófonos (Biderman, 2001, p. 136).

Infere-se dessa descrição que a lexicografia regional é composta por termos que nomeiam fenômenos de uma realidade local, e isso decorre por causa do objeto ou fato designado e não pela natureza estrutural específica do signo linguístico. Por isso, a lexicografia regional se configura em torno de características como reivindicação por sua maior presença em dicionários gerais, interesse por registro escrito de suas manifestações e inclusão de um número cada vez maior de suas expressões típicas em diversos repertórios da língua. Todos esses interesses revelam atitudes em defesa do regate, da valorização e da difusão de cultura popular local como patrimônio intangível, através da língua.

4.1.1 Dicionários de falares do Ceará

No contexto nordestino das últimas décadas, têm sido publicados diversos dicionários, cujo objetivo é representar a fala típica de cada Estado dessa região. Para Aragão (2000),

Essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o *Vocabulário pernambucano*; Leon Clerot (1959), com o *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*; Raimundo Girão (1967) com o *Vocabulário Cearense*; Horácio de Almeida (1979) com o *Dicionário popular paraibano*; Raimundo Nonato (1980) com o *Calepino potiguar – gíria rio-grandense (...)* (Aragão, 2000, p. 53).

O Ceará segue tal tradição e, além dos dicionários já citados como fonte básica de pesquisa neste trabalho (Seraine, 1959; Cabral, 1972; Girão, 2000), encontram-se disponíveis as obras de Carlos Gildemar Pontes (2000), *Super dicionário de cearensês*; de Marcos Gadelha (2000), *Dicionário de cearensês*; de José Inácio Filho (2001), *Vocabulário de termos populares do Ceará*; de Verônica Nicolau (2001), *É o novo!*; de Andréa Saraiva (2002), *Orélio cearense*; de Tarcísio Garcia (1997), *Nó na língua*, e (2003), *Dicionário do Ceará*; e de Lindomar de Oliveira (2003), *Falando no Ceará de A até o Z*.

Para Lima (2003), a ascensão e a diversidade, no Brasil, de obras que tratam de falares de lugares específicos ocorrem no século XX

sob o impacto de progressos nos estudos linguísticos, especialmente quanto à mudança gradual de um paradigma formalista que privilegia a norma gramatical e o “bem falar” para um outro que reconhece e incorpora o uso efetivo da língua na comunicação cotidiana dos falantes (Lima, 2003, p. 284).

Percebe-se nessas obras que, embora muitas delas não sigam em sua constituição os procedimentos de rigor científico exigidos pela Lexicografia nem, em número maior, sejam produzidas por lexicógrafos, em seu conjunto elas assumem a língua enquanto movimento na história social. E isso faz com que os dicionários e vocabulários regionais ou locais representem mais do que coletâneas de estruturas lexicais da língua portuguesa. Eles são “partilhas de saberes e construção de sentidos identificados com determinadas posições e relações sócio-históricas” (Lima, 2003, p. 286).

Outro posicionamento relevante sobre dicionários populares é defendido por Nunes (2006), ao distingui-los em três tipos, respectivamente: dicionário sobre o povo, dicionário para o povo e dicionário do povo.

Os dicionários sobre o povo aparecem no final do século XIX, no momento da constituição da língua nacional: são dicionários de complemento à língua portuguesa, cuja circulação se restringe a especialistas. Os dicionários para o povo surgem nos anos 1930-40: são dicionários fundamentais da língua nacional destinados a um público mais amplo, formado por uma classe média urbana emergente. Os dicionários do povo compreendem dicionários populares dos anos 1980 que se opõem aos dicionários gerais: são dicionários parciais que propõem descrever a língua dos sujeitos rurais ou regionais, uma linguagem "rústica" e "original", diferenciada da língua erudita (Nunes, 2006, p. 1028).

Tais fundamentos acerca de obras lexicográficas populares ou regionais convergem para as concepções de dicionário como instrumento linguístico produzido na história e apresentado como memória social (Orlandi, 2002) e como lugar onde se encontram, cruzam-se e se separam pontos de vista diferentes sobre uma cultura (Bakhtin, 1997).

Quando os dicionários e vocabulários listados acima são observados em seu conjunto, percebem-se duas teses que tentam explicitar os conceitos de língua e de ser cearense (Lima, 2003), manifestados através do uso de léxico informal e conotativo e, com isso, criar uma dada imagem a respeito das expressões do falar espontâneo do Ceará.

A primeira defende que a singularidade do falar cearense está vinculada a um traço comportamental do povo, marcado pela irreverência e que contribuiria para a formação de um dialeto folclórico e risível. Essa justificativa não é razoável, visto que omite questões fundadoras de uma cultura, como fatores sociais, históricos e ideológicos, especialmente a divisão da sociedade em classes e a sua conseqüente diversidade linguística.

A segunda tese argumenta que a especificidade dialetal do povo cearense resulta de fatores sociais e culturais, como os embates ideológicos, que se materializam na língua em funcionamento, e as variáveis sociais por razões diatópicas, diastráticas e diafásicas, pois todas essas imprimem na língua diferenças léxico-gramaticais, semânticas e pragmáticas

suficientes para se constituírem dialetos divergentes, em espaços sociais mais amplos ou mais restritos.

Uma vez expostas todas essas questões, destaca-se que o exercício de composição do glossário de culturemas da gastronomia cearense, que se apresenta a seguir, filia-se a esta segunda tese. Nele, que se pretende seja do povo, também pelas expressões criativas e originais (Nunes, 2006), busca-se reunir os rigores da pesquisa científica e as propostas de cultura lexical histórica e social dos falares típicos do Ceará, como forma de reconhecê-los, valorizá-los e difundir-los como bens da cultura imaterial, na condição de um léxico característico que contribui para o desenvolvimento da fraseologia em língua portuguesa.

4.2 Glossário de culturemas da gastronomia cearense

Na tradição linguística, os estudos das unidades da língua e do discurso têm sido denominados de dicionário, vocabulário e glossário. Segundo Aragão (2000), modernamente devem-se considerar aspectos distintos entre eles, embora reconheça haver autores que usam, por exemplo, dicionário e vocabulário como sinônimos.

Embora não seja objetivo desta pesquisa aprofundar conceitos e distinções entre esses três tipos de obras, considera-se relevante a diferenciação entre elas decorrente da proposta de Coseriu (1979) – sistema, norma e fala – para representação da linguagem. Conforme as características de cada um dos elementos dessa tríade, dicionário se insere na concepção de sistema e tem o lexema como unidade fundamental; vocabulário se relaciona à norma sociocultural e tem o vocábulo como elemento basilar; e glossário é relativo à fala e tem a palavra como princípio (Barbosa, 2001).

Considerando-se tais afirmações e a natureza do *corpus* da pesquisa em desenvolvimento, o inventário lexical que resultará dele e que será sistematizado nesta seção organiza-se, de fato em um glossário, pois se refere a palavras de um domínio específico - a gastronomia. Contudo, entende-se que tal glossário se insere em dois campos da definição que Coseriu (1979) propõe para a linguagem, a saber, norma e fala. Na primeira porque os culturemas da gastronomia são, em sentido amplo, compartilhados por grupos sociais,

portanto se constituem e se consolidam como um contrato ou convenção social entre membros desses grupos. Na segunda, porque tais culturemas, em sentido restrito, também ocorrem nos atos individuais de fala (consequência das convenções coletivas), por exemplo quando um cearense se manifesta verbalmente sobre a gastronomia típica do seu Estado perante um sujeito membro de uma cultura gastronômica distinta, como a paraense ou a gaúcha.

Por definição, glossário é um repertório lexicográfico que explica o sentido de palavras e expressões linguísticas, orais ou escritas, contidas em obra de um autor e extraídas de um discurso característico de falar regional (Haensch *et al*, 1982).

Já Faulstich (2010) traz um conceito mais focado nas questões estruturais. Para ela,

O glossário apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo (Faulstich, 2010, p. 178).

Na elaboração de um glossário, é fundamental ter-se em mente a sua finalidade e os seus destinatários, pois desses dois aspectos dependem a seleção do léxico que formará sua macroestrutura e a informação que se proporcionará a cada lexia ou palavra de entrada. Isso se justifica pelo fato de o glossário ser uma obra para consulta, cuja natureza didática é inquestionável.

A obra a ser composta nesta investigação não se aterá a aspectos sincrônicos acerca das lexias ou palavras de entrada que a compõem visto que objetiva, prioritariamente:

- i. registrar contributos dos culturemas da gastronomia cearense típica e popular à fraseologia da língua portuguesa;
- ii. contribuir para a preservação do léxico coloquial oriundo da gastronomia popular do Ceará;
- iii. servir como instrumento pedagógico auxiliar no ensino de língua materna, em sua variante informal; e
- iv. tornar-se depósito de informação cultural e etnolinguística.



Para a composição do glossário de culturemas da gastronomia do Ceará, toma-se por base, do ponto de vista conceitual, o que sugerem Haensch *et al* (1982) e Faulstich (2010); e quanto à estrutura, as propostas de Isquierdo (2001), Biderman (2001), Pontes (2009) e Faulstich (2010), relativas à macroestrutura e à microestrutura.

A macroestrutura é definida por Pontes (2009) como o conjunto organizado de entradas ou lexias que, em ordem alfabética, fornecem os dados para o corpo do glossário. Biderman (2001) a denomina de nomenclatura. Por outro lado, a microestrutura se refere à organização e às informações que compõem o verbete. Este contém a palavra de entrada ou lexia, a categoria gramatical, a definição, a abonação e a(s) fonte(s) em que ela ocorre. A respeito do verbete, Biderman (2001) afirma que

essa microestrutura tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração conceitual desse mesmo vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos (Biderman, 2001, p. 159).

A autora se reporta também aos significados para dizer que eles são “aqueles já registrados e documentados em contextos realizados, e nos valores semânticos possíveis (Biderman, 2001, p. 159).

Por fim, a ficha lexicográfica que serve de base para a organização final dos elementos de cada verbete do glossário está disponível no Capítulo 1 e foi adaptada de Faulstich (2010). E referente à dicionarização da lexia, serão utilizadas três convenções: LDGL para as que se encontrarem em dicionário geral e local; LDL para as que estiverem registradas apenas em dicionários locais; e NFE para as que não se encontrarem registradas em nenhuma das fontes escritas, ou seja, pertencem às manifestações da oralidade popular.

Glossário de culturemas

1. ABACAXI – s. m. Fazer um trabalho penoso. Solucionar de um caso intrincado (GIRÃO, 2000, p. 57).

Ex. A venda da antiga casa é um grande abacaxi para mim.

LDGL

2. ALFENIM – adj. Pessoa moleirona ou que facilmente se melindra.

Ex.: Marcelo Antônio é alfenim.

s.m. Cabelo louro-ruivo, muito estirado (CABRAL, 1972, p. 46).

Ex.: O filho de Maria tem cabelo de alfenim.

LDGL

3. ALHO – s. m. – Passado na casca do alho – Diz-se do indivíduo experiente, artiloso, esperto, que dificilmente se deixa ludibriar (CABRAL, 1972, p. 47).

“O viajante é feito na vida, passado na casca do alho” (BEZERRA, João Clímaco. *Sol Posto*, 1952, p. 190).

adj. Esperto, sabido, vivo (GIRÃO, 2000, p. 66).

Ex.: José é um alho.

LDGL

4. ALUÁ – adj. – Aluado – Indivíduo atoleimado, adoidado, amalucado, lunático, fora de si (CABRAL, 1972, p. 50).

“O diabo (a velha) era meio aluada” (MATINS, Fran. *Ponta de Rua*, 1937, p. 27).

LDGL

5. ANGU – s. m. Confusão, intriga, mexerico, barulho. Angu de caroço: Mistura de coisas díspares, desordenadas, briga, desordem (GIRÃO, 2000, p. 70).

“... e que arrumara um angu de caroço na casa de Maminhuda, por via de umas senhoras que não queriam dançar” (SILVEIRA, Valdomiro. *Os Caboclos*, 1920, p. 32).

LDGL

6. ARUÁ – adj. Muito tolo. Besta como aruá (SERAINÉ, 1959, p. 25).

Ex.: Paulo é aruá.

Amâncio é besta como aruá.

LDGL

7. BAGRE – s. m. Mulher magra e feia (SERAINÉ, 1959, p. 30).

Ex.: Teresa é um bagre.

– Cabeça de bagre: bobo, tolo, idiota (Uso popular oral).

Ex.: A amiga de Teresa é cabeça de bagre.

LDGL

8. BAGULHO – s. m. Qualquer comida mais ordinária com que se faz uma refeição ligeira (GIRÃO, 2000, p. 85).

Ex.: Mãe preocupada, Alice dizia aos filhos que não comessem bagulho.

LDGL

Mercadoria contrabandeada, droga ilegal.

Ex.: Jurandir não aprendeu a lição e continuou a vender bagulho.

NFE

9. BAIÃO (de dois) – s. m. Dança popular ao som da harmônica, da viola e outros instrumentos musicais, registável principalmente no sertão e na zona do Cariri (SERAINÉ, 1959, p. 31).

“Ouvindo tocar viola, salta dentro do baião” (CASTELO BRANCO, Hermínio. *A Lira Sertaneja*, 1972, p. 29).

Barulho, bate boca (CABRAL, 1972, p. 102).

Ex.: Quando o marido de Amélia chegou e soube, o baião foi enorme.

LDGL

Longa metragem produzido no Ceará, em 2018.

“Inédito, filme cearense 'Baião de Dois' é destaque no Especial Fim de Ano do Sistema Verdes Mares” (Jornal *Diário do Nordeste*, 21/12/2018).

NFE

10. BANANA – s. m. Tolo, fraco, sem iniciativas, moleirão, molenga (GIRÃO, 2000, p. 87).

“Vocês são uns bananas!” (MOTA, Leonardo. *No Tempo de Lampião*, 2002, p. 72).

s. f. Gesto insultuoso, feito com a pancada de um dos antebraços, de punho fechado, na mão aberta do outro braço, dando-se ao movimento forte expressão (GIRÃO, 2000, p. 87).

“Eu dou é banana para aquele cachorro!” (MARTINS, Fran. *Dois de Paus*, 1966, p. 154).

LDGL

11. BANHA – s. f. – Comer banha – Estar sendo enganado, sem perceber o fato (GIRÃO, 2000, p. 88).

Ex.: Em conversa com amigos, Luís sempre comia banha.

LDGL

– Pé de bater banha – Pessoa que caudica, arrastando um dos pés, sem firmeza (CABRAL, 1972, p. 604).

Ex.: Depois do acidente, Dagoberto passou a andar com pé de bater banha.

LDL

12. BATATA – s. f. – Plantar batatas – Mandar para o inferno, mandar embora, mandar ocupar-se em alguma coisa, mandar para o diabo-que-o-carregue (GIRÃO, 2000, p. 90).

Ex.: Antes de a amiga dizer qualquer palavra, Denise já a mandou plantar batatas.

– Soltar batatas – Cometer erros de gramática (CABRAL, 1972, p. 115).

Ex.: Durante o discurso, o candidato soltou batatas.

– Batata da perna – A parte carnuda e musculosa da perna (CABRAL, 1972, p. 617).

“Uma bala pegou na batata da perna” (MARTINS, Fran. *Dois de Paus*, 1966, p. 15).

– Na batata! interj. – Exatamente no ponto, sem falta (GIRÃO, 2000, p. 90).

Ex.: Sobre a entrega do produto, o vendedor foi taxativo: Na batata!

LDL

13. BEIJU – s. m. – Beiju de caco – Pandarecos, destroços, fragmentos de objetos quebrados violentamente (SERAINÉ, 1959, p. 37).

Ex.: Por causa da violência do impacto, o carro de Pedro ficou um beiju de caco.

LDL

14. BIQUARA – s. f. – Boca de biquara – Mulher da lábios muito pintados (SERAINÉ, 1959, p. 40).

Ex.: Nas festas da família, Glória sempre aparece com boca de biquara.

LDL

15. BODE – s. m. – Estar de bode – Fluxo catamenial, mêsruo (GIRÃO, 2000, p. 99).

Ex.: Quando Lia estava de bode, era tanta irritação que ninguém falava com ela.

– Pintar o bode – Fazer diabruras, pintar os canecos (GIRÃO, 2000, p. 99).

Ex.: Sempre que a mãe sai da casa, o seu filho mais novo pinta o bode.

– Amarrar o bode – Amuar-se, mostrar-se de mau humor (GIRÃO, 2000, p. 99).

Ex.: Sempre que fica em casa sozinha, Teresa amarra o bode.

– Boca de bode – Justo, exato, certo (GIRÃO, 2000, p. 99).

Ex.: O primo de Alice é boca de bode.

– Bode na chuva – Muito acovardado (SERAINÉ, 1972, p. 135).

Ex.: Benedito era mais covarde do que bode na chuva.

LDL

– Barba de bode – Pelo facial fino, crescido e aparado na ponta do queixo (Uso popular oral).

Ex.: Daniel pensa que é bonito, mas tem barba de bode.

NFE

16. BOFE – s. m. Mulher velha e feia (GIRÃO, 2000, p. 99).

“Venha aninhar-se no seu bofe velho, seu safado” (CAMPOS, Eduardo. *O Chão dos Mortos*, 1964, p. 89).

LDGL

– Maus bofes – pessoa perversa, de má índole (GIRÃO, 2000, p. 99).

Ex.: O nosso novo vizinho parece ter mesmo maus bofes!

– Botar os bofes pela boca – Mostrar-se extremamente cansado, ofegante (SERAINÉ, 1959, p. 41).

Ex.: Joel correu tanto que apareceu botando os bofes pela boca.

LDL

17. BOLACHA – s. f. Coisa comum, banal, corriqueira, fácil de obter-se (CABRAL, 1972, p. 138).

Ex.: Mulher é como bolacha, em todo canto se acha (Ditado popular).

LDGL

– Cara de bolacha – Rosto redondo e cheio (GIRÃO, 2000, p. 100).

Ex.: Desde criança, Telma tem cara de bolacha.

– Não dizer bolacha – Não dar um pio, não pronunciar palavra, calar-se (GIRÃO, 2000, p. 100).

Ex.: Na presença do juiz, o acusado não disse bolacha.

LDL

18. BOLO – s. m. Barulho, briga, confusão, rolo (GIRÃO, 2000, p. 101).

Ex.: O resultado do jogo de basquete em Fortaleza deu um grande bolo.

Grupo compacto de várias pessoas ou coisas (CABRAL, 1972, p. 139).

“Receivam atirar no bolo” (MENEZES, Paulo Elpídio de. *O Crato de Meu Tempo*, 1960, p. 15).

LDGL

– Dar bolo – lograr, ludibriar (CABRAL, 1972, p. 139).

Ex.: Sempre que combinavam de ir a uma festa, Jota Sousa dava bolo nos amigos.

LDL

– Bolo fofo – Indivíduo obeso (Uso popular oral).

Ex.: Desde criança, o filho de Antônia era um bolo fofo.

– Bolo fim de festa – O que foi rejeitado, desprezado, abandonado (Uso popular oral).

Ex.: Carolina, naquela noite, sentiu-se um bolo em fim de festa.

– Bolo confeitado – Mulher demasiadamente enfeitada (Uso popular oral).

Ex.: No baile, Tânia Raquel parecia um bolo confeitado.

– Bolo de milho – Objeto excessivamente barato, sem valor (Uso popular oral).

Ex.: No mercado, todos diziam que a mercadoria de Tavares era bolo de milho.

NFE

19. BROA – s. m. Indivíduo moloide, desengonçado (CABRAL, 1972, p. 151).

Ex.: No futebol, todos dizem que Juca é um broa.

LDGL

20. BRUACA – s. f. Mulher faladeira, velha e feia (GIRÃO, 2000, p. 106).

Ex.: A bruaca velha não aceitava o namoro da neta com o vizinho.

LDGL

21. BUCHADA – s. f. Designação mais íntima de reunião de pessoas (GIRÃO, 2000, p. 107).

Ex.: Ao fim da comemoração de seu aniversário, Anísio Saldanha convocou a todos: Vamos, buchada!

LDGL

Conquista muito fácil (Uso popular oral).

Ex.: Todos os atletas da equipe de futebol consideraram aquela competição uma buchada.

NFE

22. CACHAÇA – s. f. Paixão, inclinação, pendor, interesse (CABRAL, 1972, p. 171).

“Mas era uma cachaça danada. Não largava os velhos foles” (SÁ, Sinval. *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida*, 1966, p. 37).

LDGL

– Ter uma cachaça – Gostar de beber, ser intolerável quando se embriaga (CABRAL, 1972, p. 171).

“Era boa pessoa, mas tinha umas cachaças horríveis” (COELHO, Cesar. *Strip Tease da Cidade*, 1968, p. 81).

LDL

23. CALDO – s. m. – De caldo – Doente, acabrunhado (CABRAL, 1972, p. 185).

“O rei e a rainha ficaram de caldo, vendo uma nora tão nojenta” (CASCUDO, Luiz da Câmara. *Flor dos Romances Trágicos*, 1966, p. 184).

– Levar um caldo – Sofrer mergulho forçado (CABRAL, 1972, p. 185).

Ex.: Enquanto tentava surfar a primeira onda, Danilo levou um caldo.

– Não dar um caldo – Ficar imprestável, não ter mais ânimo, disposição, coragem (CABRAL, 1972, p. 185).

“Na minha unha, ele não dava um caldo” (ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*, 1928, p. 116).

LDL

– Engrossar o caldo – Incentivar uma confusão (Uso popular oral).

Ex.: Naquele instante, Marcelo teve a certeza de que seu amigo engrossaria o caldo.

NFE

24. CANA – s. f. – Tomar uma cana - Embriaguez (GIRÃO, 2000, p. 124).

“Tava armado e tinha tomado umas canas” (SILVEIRA, Valdomiro. *Nas Serras e nas Furnas*, 1975, p. 72).

– Quebrar a cana – Fraturar os ossos do antebraço (GIRÃO, 2000, p. 124).

Ex.: Ao cair da bicicleta, Mário quebrou a cana.

– Amigo da cana – Cachaceiro (CABRAL, 1972, p. 191)

Ex.: Amigo da cana, Valadares Neto conhecia todos os bares da cidade.

– Pé de cana – Indivíduo dado ao vício do alcoolismo (SERAINÉ, 1959, p. 57).

Ex.: Ricardo Moura se destaca como advogado, mas é também pé de cana.

LDL

25. CANJA – s. f. Coisa fácil, boa, agradável, pechincha, achado (GIRÃO, 2000, p. 126).

“Mas você perde uma canja (conquista) dessa?” (MARTINS, Fran. *Mundo Perdido*, 1940, p. 42).

LDGL

26. CANJICA – s. f. – Tocar fogo na canjica – Começar e apressar um trabalho, e bem assim, o casamento de namorados que se querem há bastante tempo (GIRÃO, 2000, p. 127).

“Digam quanto precisam e vamos tocar fogo na canjica” (BEZERRA, João Clímaco. *Sol Posto*, 1952, p. 192).

LDL

27. CAPITÃO – s. m. Pequeno bolo de massa de feijão e farinha que, preparado à mão, é dado aos meninos para comer (GIRÃO, 2000, p. 129).

Ex.: A criança comia somente quando a mãe lhe fazia capitão.

LDGL

28. CAPOTE – s. m. No jogo da dama, é perder sem chegar a fazer dama. É o mesmo que “levar capote” (GIRÃO, 2000, p. 130).

Ex.: Nesse jogo, Mário ainda leva pelo menos dois capotes por dia.

– Dar capote – Não dar vantagem ao parceiro, em qualquer trabalho (GIRÃO, 2000, p. 130).

Ex.: Quase todos os dias, Sandro dá capote em alguém.

LDL

29. CARNE – s. f. – Em carne viva – Diz-se do ferimento que, quando arrancado o couro cabeludo, deixou a carne exposta (CABRAL, 1972, p. 206).

Ex.: Ao cair da bicicleta, Samara Sousa ficou com o braço em carne viva.

– Unha e carne – Amigo íntimo, companheiro inseparável (CABRAL, 1972, p. 206).

“... por certo tempo eram unha e carne” (MARTINS, Fran. *Dois de Paus*, 1966, p. 18).

– Ceará – Carne de bovino, seca, salgada e prensada (CABRAL, 1972, p. 206).

“Os negros enchiam a barriga com angu de milho e Ceará” (REGO, José Lins. *Menino de Engenho*, 1932, p. 137).

LDL

– Carne de moita – Carne de origem duvidosa, que não foi inspecionada (Uso popular oral).

Ex.: No mercado de Piracuba, facilmente se comprava carne de moita.

NFE

30. CARNEIRO – s. m. Pessoa que obedece demasiadamente, sem vontade. Carneirada é coletivo de gente dessa espécie (GIRÃO, 2000, p. 133).

Ex.: Por causa das decepções profissionais, Miguel tornou-se um carneiro.

LDGL

31. CARREGADO – adj. Reimoso, nocivo à saúde. (SERAINÉ, 1959, p. 64).

Ex.: Carne de porco é carregada.

LDGL

– Comida carregada – Alimento que pode desencadear processos inflamatórios.

“Não coma comida carregada” (MARTINS, Fran. *Mundo Perdido*, 1940, p. 160).

– Tempo carregado – Nublado, para chover (CABRAL, 1972, p. 209).

Ex.: Era verão, por isso o tempo carregado assustou a todos, no sertão do Ceará.

LDL

32. CASQUINHA – s. f. Pouca coisa, um pouco (CABRAL, 1972, p. 214).

“... pelo menos há de sobrar uma casquinha para mim” (SÁ, Sinval. *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida*, 1966, p. 154).

LDGL

– Tirar uma casquinha – Namoro, flerte, pequena vantagem (GIRÃO, 2000, p. 137).

Ex.: Sem pensar no risco, Mariana Canavieira tirava casquinha do estagiário.

LDL

33. CASTANHA – s. f. – Quebrar a castanha – Usar uma coisa ainda não utilizada, deflorar.

Aperrear, ferir o orgulho de alguém (CABRAL, 1972, p. 214).

“Eu lhe ajudo, só para quebrar a castanha do velho” (MARTINS, Fran. *Mundo Perdido*, 1940, p. 90).

LDL

34. CHÁ – s. m. – Dar um chá – Dar um conhecimento, uma resposta, uma represália, uma lição em alguém (GIRÃO, 2000, p. 141).

“Deu um chá de mestre na rapariga” (MARTINS, Fran. *Poço dos Paus*, 1938, p. 173).

– Chá de sumiço – Ausência prolongada (GIRÃO, 2000, p. 141).

Ex.: Marciana levou um chá de sumiço: nunca mais a vi nos bares da cidade.

– Chá de bico – clister, lavagem intestinal (GIRÃO, 2000, p. 141).

Ex.: No ano passado, Lúcia fez chá de bico.

– Não dar um chá – Não dar para nada, de nada servir, ser insignificante (CABRAL, 1972, p. 221).

“Nabor nas suas unhas não dava um chá” (MOTA, Leonardo. *Sertão Alegre*, 1965, p. 63).

LDL

35. CHUCHU – s. m. Mulher nova e enxuta, graciosa (GIRÃO, 2000, p. 146).

Ex.: Carlos Vieira sempre declara aos amigos que Marta é um chuchuzinho.

LDGL

– Pra chuchu! – Em abundância, muito (GIRÃO, 2000, p. 146).

“A dona do pescador era bonita pra chuchu” (LANDIM, Mario. *Mãe d’água e caipora*, 1970, p. 167).

LDL

36. COALHADA – adj. Apinhada, cheia, repleta (CABRAL, 1972, p. 239).

“A serra está coalhada de soldados” (MACEDO, Nertan. *O Padre e a Beata*, 1969, p. 224).

LDGL

37. COCADA – s. f. – Comer cocada – Ser acompanhante de namorados (CABRAL, 1972, p. 239).

Ex.: Enquanto Denise e o namorado passeavam juntos, o irmão dela, Caio Maurício, comia cocada.

LDL

38. COCO – s. m. – Coco pelado – Cabeça raspada (GIRÃO, 2000, p. 149).

“A trunfa dos cangaceiros, o coco raspado dos penitentes” (MACEDO, Nertan. *O Padre e a Beata*, 1969, p. 70).

– Dançar o coco – Entoar a dança típica (CABRAL, 1972, p. 242).

“Não se acaba nunca de dançar o coco” (LANDIM, Mario. *Mãe d’água e caipora*, 1970, p. 112).

LDL

39. CORREDOR – s. m. Sujeito covarde, frouxo, poltrão (GIRÃO, 2000, p. 155).

Ex.: Com mais ou menos razão, todos da família consideravam Daniel Soares um corredor.

LDGL

– Bater corredor – Pegar o corredor com uma das mãos e batê-lo fortemente contra a outra, sustentando o punho, a fim de fazer expelir o tutano (GIRÃO, 2000, p. 155).

Ex.: À mesa, Mauro Silva batia fortemente o corredor, impelido pela fome.

LDL

40. CRIAÇÃO – s. f. Educação, no sentido de modos de instruir e educar a pessoa desde a infância (GIRÃO, 2000, p. 158).

“Eu respeito os meus senhores / E senhoras que aqui estão; / Mas porém não levo em conta / Quem não teve criação” (TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*, 2002 p. 73).

LDGL

– Falta de criação – ausência de bons modos ou cortesia (CABRAL, 1972, p. 271).

“Quem se troce no serviço / Não tem boa criação” (CASTELO BRANCO, Hermínio. *A Lira Sertaneja*, 1972, p. 118).

– Filho de criação – Filho adotivo ou pessoa criada como filho (CABRAL, 1972, p. 271).

Ex.: Já adulto, Amadeu soube que era filho de criação.

LDL

41. DOCE – s. m. – Dar um doce – Duvidar da realização de algo, oferecendo um prêmio a quem o conseguir (CABRAL, 1972, p. 319).

“Pois eu dou um doce!” (COELHO, Cesar. *Strip Tease da Cidade*, 1968, p. 23).

LDL

– Cu doce – Característica de quem é esnobe e deseja destacar-se (Uso popular oral).

Ex.: Entre os colegas de turma, apenas Sebastião de Mendonça era cu doce.

NFE

42. ESCOTEIRO – adj. Sozinho, desacompanhado, solteiro (GIRÃO, 2000, p. 194).

“Pobrezinha!... O dia inteiro, com uma triste xícara de café escoteiro” (OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, 1903, p. 57).

LDGL

43. FARINHA – s. f. – Farinhada – Época ou período de fabricação da farinha (CABRAL, 1972, p. 396).

“Na primeira farinhada que houve...” (SÁ, Sinval. *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida*, 1966, p. 65).

LDGL

– Farinha de barco – procedente de outra região (SERAINÉ, 1959, p. 110).

Ex.: Ao chegar à vila, Jonas era chamado de farinha de barco.

– Farinha da terra – O que é local, natural de um espaço (SERAINÉ, 1959, p. 110).

Ex.: Passados dez anos, todos chamam o Jonas de farinha da terra.

– Casa de farinha – Conjunto de instalações para transformar a mandioca em farinha (GIRÃO, 2000, p. 204).

Ex.: A casa de farinha fica a 03 km do rio que corta a fazenda Estrela do Sertão.

LDL

– Farinha do mesmo saco – Pessoa da mesma laia que outra (Uso popular oral).

Ex.: No Brasil, costuma-se dizer que os políticos são farinha do mesmo saco.

NFE

44. FAROFA – s. f. Palavrado oco, bazófia, fanfarrice (GIRÃO, 2000, p. 204).

“Deixa de farofa, criatura!” (QUEIROZ, Raquel. *João Miguel*, 1969, p. 171).

LDGL

– Farofeiro – s. m. Aquele que leva à praia a comida já pronta, para consumo próprio (Uso popular oral).

Ex.: O farofeiro é um tipo indesejado nas mais famosas praias do Ceará.

NFE

45. FAVA – s. f. – Às favas – Desprezo de quem não está disposto a aturar a presença de uma pessoa (Uso popular oral).

Ex.: Enfurecido pelo desaparecimento da joia, Carlos Freire mandou o gerente às favas.

– Pagar as favas – Receber a culpa por ato de outra pessoa (Uso popular oral).

Ex.: Ao fim da discussão, quem pagou as favas foi o mais novo funcionário da loja.

– Favas contadas – Fato seguro, certo (Uso popular oral).

Ex.: Sobre as qualidades do carro vendido, o gerente foi categórico: São favas contadas.

NFE

46. FEIJÃO – s. m. – O feijão está caro! – Aviso aos noivos quando estes anunciam o casamento (Uso popular oral).

Ex.: Nelson Paiva, o pai da noiva, disse ao futuro genro: Olhe que o feijão está caro!

– Pegar o feijão – Aviso de que se vai almoçar ou jantar na casa de alguém (Uso popular oral).

Ex.: Ao final da conversa, Pedro avisou a Amâncio: hoje vou pegar o feijão na sua casa, meu amigo.

– Feijão com carne seca – Aquilo que é trivial, cotidiano (Uso popular oral).

Ex.: Pensando na promoção do filho na nova empresa, o pai avisou que ele pediu que, com as novas responsabilidades, ele não fosse feijão com carne seca.

NFE

47. FRANGO – s. m. – Cercar frango – Demonstrar-se embriagado (CABRAL, 1972, p. 220).
“Um qualquer irmão empanturrrou-se de bebidas e, cambaleando, cosendo bainha, cercando frango, foi escorar-se numa esquina” (MOTA, Leonardo. *No Tempo de Lampião*, 2002, p. 71).

– Engolir frango – No futebol, é deixar fazer um gol fácil de evitar (Uso popular oral).

Ex.: Até o mais famoso goleiro da seleção brasileira de futebol já engoliu frango.

NFE

Frangote – s. m. Rapazola metido a homem (CABRAL, 1972, p. 418).

“E quando o frangote chegou, empertigado e insolente...” (MARTINS, Fran. *Ponta de Rua*, 1937, p. 21).

LDL

48. FUBÁ – adj. A cor da rês (GIRÃO, 2000, p. 214).

“Morreu minha vaca Estrela / Se acabou meu boi Fubá” (ASSARÉ, Patativa do. *Vaca Estrela e Boi Fubá*, www.fagner.com.br/Letras).

Diz-se cor de fubá, cor fubá, ou simplesmente fubá, o animal de pelo azul-claro, cor de chumbo ou quase acinzentado (CABRAL, 1972, p. 422).

“Olhe o boi-vaca fubá” (CASTELO BRANCO, Hermínio. *A Lira Sertaneja*, 1972, p. 19).

LDGL

49. GALINHA – s. m. Homem fraco, medroso, covarde (GIRÃO, 2000, p. 218).

“– Homem era Franco Rabelo, seu Bias. Daí pra cá, uns frangos, uns galinhas” (BEZERRA, João Clímaco. *Sol Posto*, 1952, p. 14).

s. f. A mulher casada ou solteira, que faz o coito contra a natureza ou que o barateia; mulher sem vergonha (GIRÃO, 2000, p. 218).

“Você não merece nem que a gente lhe fale, galinha!” (MARTINS, Fran. *Mundo Perdido*, 1940, p. 54).

LDGL

– Galinha choca – A pessoa muito doente e pálida (GIRÃO, 2000, p. 218).

Ex.: Naquela segunda-feira, Antonieta tinha aparência de galinha choca.

– Galinha morta – Coisa sem valor (GIRÃO, 2000, p. 218).

Ex.: Os comerciantes concorrentes se prestavam apenas a desvalorizar o novo vizinho no mercado popular: É galinha morta!

– Deitar-se/Dormir com as galinhas – Ir para a cama cedo da noite (CABRAL, 1972, p. 433).

Ex.: No sertão, os mais velhos deitam-se com as galinhas.

– Pé de galinha – Rugas no rosto (CABRAL, 1972, p. 433).

Ex.: Pelos pés de galinha, já se imagina a idade de André Cavalcante.

Galinhagem – s. f. Denguice exagerada, namoro indecoroso, atitude intencionalmente obscena (CABRAL, 1972, p. 433).

Ex.: Mesmo na presença dos amigos, Neide Carajá ficava de galinhagem com o marido.

LDL

50. GARAPA – s. f. Coisa reles e mal definida (GIRÃO, 2000, p. 220).

Ex.: Essa conversa sobre a atual política brasileira está uma garapa.

LDGL

– Na garapa – Conseguir um intento com facilidade (GIRÃO, 2000, p. 220).

Ex.: Alan conseguiu emprego na garapa.

LDL

Garapeiro – adj. No futebol, é aquele que procura ficar sozinho para receber a bola e fazer o gol (Uso popular oral).

Ex.: No bairro, Gilberto é popularmente conhecido por garapeiro.

NFE

51. GOMA – s. f. Fanfarrice, gabolice, jactância (GIRÃO, 2000, p. 224).

“Ele tinha aquelas gomas todas, mas...” (MARTINS, Fran. *Mundo Perdido*, 1940, p. 229).

LDGL

– Cagar goma – Contar vantagens, valentias, fanfarronadas (CABRAL, 1972, p. 178).

“...bravateando na calçada, cagando goma” (MARTINS, Fran. *Dois Paus*, 1966, p. 16).

LDL

– Exame da goma – Suposto exame a que eram submetidos os rapazes por ocasião de apresentarem-se para o serviço militar obrigatório, a fim de provarem a sua masculinidade (Uso popular oral).

<p>Ex.: Antoniel jamais admitiu ter feito o exame da goma, quando se alistou no Exército.</p> <p>NFE</p>
<p>52. GOROROBA – s. f. Comida grosseira, muito misturada ou malfeita (CABRAL, 1972, p. 443).</p> <p>“E lá ia pegar minhas gororobas reforçadas” (SÁ, Sinval. <i>O Sanfoneiro do Riacho da Brígida</i>, 1966, p. 51).</p> <p>LDGL</p> <p>– Gororoba de cimento – Mistura de caldo e alimentos variados, formando uma espécie de sopa consistente (Uso popular oral).</p> <p>Ex.: Dizem que em alguns presídios do Ceará servem gororoba de cimento aos presos.</p> <p>NFE</p>
<p>53. GRUDE – s. m. Chamego, amizade estreita, namoro apertado (GIRÃO, 2000, p. 227).</p> <p>Ex.: Alana Maria era o grude de toda a família.</p> <p>LDGL.</p> <p>Sujeira – Falta de higiene e de cuidados (CABRAL, 1972, p. 448).</p> <p>“Só se vê grude, molambo e pobreza” (LANDIM, Mario. <i>Mãe d’água e caipora</i>, 1970, p. 84).</p> <p>– Cu de grude – Sujidade excessiva acumulada durante muito tempo, em forma de crosta (CABRAL, 1972, p. 448).</p> <p>Ex.: O escritório de Cícero era indigno de visita: um cu de grude!</p> <p>Confusão – Barulho, conflito, luta corporal (GIRÃO, 2000, p. 227).</p> <p>Ex.: O que parecia uma conversa entre amigos, acabou em grude.</p> <p>LDL</p>
<p>54. JERIMUM – s. m. – Jerimum de ponta de rama – Indivíduo esgotado, velho, improdutivo ou imprestável (SERAINÉ, 1959, p. 140).</p> <p>Ex.: Entre os tantos filhos de Clotilde e Almeida, o mais novo, Gabriel, era o único jerimum de ponta de rama.</p> <p>LDL</p>

55. MANTEIGA – s. f. – Manteiga derretida – Menino chorão, enjoado, ou pessoa muito sensível, que facilmente se melindra (GIRÃO, 2000, p. 256).

Ex.: As decepções amorosas transformaram Margarida em manteiga derretida.

– Manteiga em focinho de cachorro – Coisa que se consome rapidamente (GIRÃO, 2000, p. 256).

Ex.: Nas festas de adolescente, cachorro-quente é como manteiga em focinho de cachorro.

LDL

56. MANZAPE – Órgão viril (SERAINÉ, 1959, p. 159).

Ex.: Orlando Nascimento tornou-se conhecido por seu manzape.

LDL

57. MÃO DE VACA – adj. Indivíduo sovina, mesquinho, pão-duro. O mesmo que unha de fome (Uso popular oral)

Ex.: O tempo tem feito com que Ubiratan Teixeira se torne um insuportável mão de vaca.

NFE

58. MARACUJÁ – s. m. – Cara de maracujá – Rosto magro, engelhado (GIRÃO, 2000, p. 257).

Ex.: Aos 50 anos, Sílvia já tinha cara de maracujá.

LDL

59. MARIOLA – s. f. – Cão comendo mariola – indica atitude ou situação de amedrontar, de causar espanto, de impressionar (SERAINÉ, 1959, p. 162).

Ex.: Até os amigos mais próximos diziam que Pedro Malagueta era o cão comendo mariola.

LDL

60. MAXIXE – s. m. – Cara de maxixe – Rosto cheio de acnes ou espinhas (GIRÃO, 2000, p. 261).

Ex.: Já adulto, Raimundo Matoso, inconformado, ainda tem cara de maxixe.

LDL

61. MEL – s. m. – Nem mel, nem cabaça (cabaço ou cumbuca) – Nem uma coisa, nem outra, fracasso ou prejuízo total (CABRAL, 1972, p. 534).

“Se botaram mau olhado nele, vossemecê fica sem mel nem cabaço” (RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*, 1962, p. 36).

– Descer o mel – Forma burlesca de referir-se ao sangue (CABRAL, 1972, p. 534).

Ex.: Quando o pau bateu na cabeça do visitante, o mel logo desceu.

– Sopa no mel – A uma coisa agradável, juntar outra, em complemento (CABRAL, 1972, p. 179).

“A sopa caiu no mel. O fazendeiro há muito que andava à procura de ...” (LANDIM, Mario. *Mãe d’água e caipora*, 1970, p. 86).

LDL

62. MELADO – adj. Embriagado, bêbado (CABRAL, 1972, p. 535).

“Tá melado, hein, cachorro?” (BEZERRA, João Clímaco. *Não Há Estrelas no Céu*, 1948, p. 114).

Sujo, grudado, breado (CABRAL, 1972, p. 535).

Ex.: Após a forte chuva, ficaram no jardim muitas flores meladas de lama.

Louro queimado – Indicação para cor do cabelo (CABRAL, 1972, p. 535).

“... pra o louro trigueiro, você é quase melado” (LANDIM, Mario. *Mãe d’água e caipora*, 1970, p. 138).

Diz-se do animal (geralmente o cavalo) de cor castanho-amarelada (CABRAL, 1972, p. 535).

“Surgiu num melado caxito esquipador” (BARROSO, Gustavo. *Alma Sertaneja*, 1923, 105).

LDGL

63. MINGAU – s. m. Coisa muito mexida e aguada (SERAINÉ, 1959, p. 168).

Ex.: O mingau em que se transformou a proposta de mudança no regimento da empresa foi rejeitado pelos sócios, logo na segunda reunião.

Confusão, coisa indefinida (GIRÃO, 2000, p. 265).

Ex.: Entre tantas propostas e diferentes pontos de vista, a reunião dos conselheiros escolares foi um verdadeiro mingau.

LDGL

– Mingau das almas – Alimento consumido pela manhã, em jejum, antes mesmo de lavar a boca (CABRAL, 1972, p. 543).

Ex.: O pai flagrou o filho mais velho, Alexandre, à mesa, com o mingau das almas.

LDL

64. MOCOTÓ – s. m. – Cabocla do mocotó grosso – Moça de pernas fortes (GIRÃO, 2000, p. 267).

Ex.: Nas praias do Ceará, as moças de mocotó grosso chamam bastante a atenção.

– Estar nos mocotós – Achar-se bem próximo, nos calcanhares (CABRAL, 1972, p. 546).

“Antes de você alcançar a vila, estou-lhe nos mocotós” (PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*, 1951, p. 32).

– Bater mocotós – Fazer o novilho ou o touro rolar duas, três vezes, no solo, seguidamente, e ao lhe pegar na cauda e dar-lhe a mucica (SERAINÉ, 1959, p. 169-170).

Ex.: Com extrema habilidade e força, o vaqueiro fez o boi bater mocotós.

LDL

65. MOELA – s. f. – Boca de moela – Apodo (algunha) à pessoa desdentada (GIRÃO, 1972, p. 134).

Ex.: Quando o Teixeira passava na rua, todos os moleques imediatamente gritavam: Já vai, boca de moela?

LDL

66. MOQUECA – s. f. Mão cheia de qualquer coisa (CABRAL, 1972, p. 551).

Ex.: O balconista do armazém deu uma moqueca de rapadura e outra de farinha ao retirante que vinha do Crato.

Pequena quantidade, bem junta, de gente, de animais ou de objetos (CABRAL, 1972, p. 551).

Ex.: Daí a pouco, já se via uma moqueca de gente na porta do armazém.

LDGL

– Virar moqueca – encolher-se, embrulhar-se (GIRÃO, 2000, p. 269).

Aos 102 anos, Dona Arminda Flores tornou-se uma moquequinha dentro da rede.

LDL

67. OVA – s. f. – Uma ova! – Não! Nunca! Que nada! Coisa nenhuma! (CABRAL, 1972, p. 582).

“Juiz? Juiz uma ova!” (CARVALHO, Jáder de. *Sua Majestade o Juiz*, 1962, p. 263).

LDL

68. OVO – s. m. – Ovo de capote – Pessoa de rosto pigmentado (GIRÃO, 2000, p. 280).

Ex.: Para irritação e tristeza de Emiliano, sempre quando chegava ao seu bar favorito os amigos saudavam: Chegou o ovo de capote!

– No frigar dos ovos – No final das contas, para rematar a coisa, o caso, a história (CABRAL, 1972, p. 582).

Ex.: Na escola, o comportamento de Alexandre Gonzaga era o mesmo: no frigar dos ovos, ele concordava com o diretor, mesmo em prejuízo dos professores.

– Pisar em ovos – Andar de mansinho, agir cautelosamente (CABRAL, 1972, p. 582).

“Pisava em ovos, para não perturbar o sono” (REGO, José Lins do. *Moleque Ricardo*, 1935, p. 192).

LDL

– Baba ovo – Indivíduo bajulador, puxa-saco (Uso popular oral).

Ex.: Antoniel Carneiro é o baba ovo do patrão, dizem seus colegas de trabalho.

– Ovo virado – Estado de mau humor, grande irritação (Uso popular oral).

Ex.: Depois de uma noite de bebedeira, Caio e Amarildo acordaram com ovo virado.

NFE

69. PAMONHA – adj. Pessoa sem energia, mole, desanimada, indolente (GIRÃO, 2000, p. 283).

“O homem era uma pamonha nas mãos da mulata” (REGO, José Lins do. *Moleque Ricardo*, 1935, p. 137).

LDGL

– Cara de pamonha – Indivíduo atoleimado (CABRAL, 1972, p. 589).

Ex.: O Boanerges Tavares é cara de pamonha desde a adolescência.

LDL

70. PANELADA – s. f. – Dar / Levar panelada – Ser autor ou vítima de pancada na cabeça com uso de panela (Uso popular oral).

Ex.: Dona Florinda costumava dar panelada em Seu Madruga.

NFE

71. PAPA – s. f. – Comer papa – Ser logrado (CABRAL, 1972, p. 592).

Ex.: Nos negócios da família, a tradição era o Arnaldo Tabapuá comer papa nas lojas e nos armazéns.

– Sem papas na língua – Ser muito franco, desabusado. Dizer sempre, e claramente, o que pensa (CABRAL, 1972, p. 499-500).

“Faziam-se temidos por não ter papas na língua” (MOTA, Leonardo. *Sertão Alegre*, 1965, p. 114).

LDL

72. PATO – s. m. Pessoa fácil de ser enganada (CABRAL, 1972, p. 601).

Ex.: Patrício Mota não entendia, por que, nas mesas de bar, para todos ele era o pato.

– Pé de pato – Expressão de esconjuro. Deus me livre! Vai-te! (CABRAL, 1972, p. 406).

Ex.: Na discussão para saber quem pagaria a conta, Amélia dirigiu-se à amiga: Figa, pé de pato!

– Pé de pato – Um dos nomes populares aplicados ao demônio (SERAINÉ, 1959, p. 196).

Ex.: Na intenção mesmo de ofender o amigo, Danilo Melo o chamou de pé de pato.

LDL

73. PEBA – s. m. Indivíduo cavador, furão, penetrante (GIRÃO, 2000, p. 290).

Ex.: Amélia não entendia os motivos, mas aquele peba estava em todas as festas promovidas pela associação de moradores.

LDGL

– Unha de peba – Diz-se daquele que não apara as unhas (SERAINÉ, 1959, p. 197).

Ex.: Valdomiro Carvalho sempre foi unha de peba.

– Pegar peba – Sofrer uma queda (GIRÃO, 2000, p. 290).

Ex.: Em frente à casa da noiva e na presença desta, Damião de Matos pegou um peba.

– Casco de peba – Chapéu ordinário e de grossas palhas (SERAINÉ, 1959, p. 197).

Ex.: Ano após ano, Amâncio de Oliveira não largava seu casco de peba, mesmo quando ia à cidade.

Pebado – adj. Frustrado, fracassado (GIRÃO, 2000, p. 291).

Ex.: Após o fim do relacionamento, Renato de Assis sentia-se pebado.

LDL

– Ser peba – Objeto desvalorizado, chulo, barato (Uso popular oral).

O telefone celular do meu vizinho é muito peba!

NFE

74. PEIXADA – Arranjo inescrupuloso para favorecer alguém, favoritismo indisfarçado (SERAINÉ, 1959, p. 199).

Ex.: Amanda Lúcia conseguiu o emprego na prefeitura de Piracuba por peixada.

LDL

75. PEIXE – s. m. – Cair como peixe – Não ter nenhuma ligação com o caso (CABRAL, 1972, p. 612).

“Nada tinham a ver com o peixe” (MARTINS, Fran. *Ponta de Rua*, 1937, p. 219).

– Peixe morre pela boca – Referência ou censura à pessoa que insiste em tomar ou comer determinado alimento sabendo que lhe faz mal (CABRAL, 1972, p. 612).

Ex.: Ao encontrar o filho na cozinha, Alzira chama-lhe a atenção: Menino, não come isso! E já disse que peixe morre pela boca!

– Vender o peixe – Cuidar de assunto do próprio interesse (CABRAL, 1972, p. 612).

“Sem muito espichado, fui logo vendendo meu peixe” (LANDIM, Mario. *Mãe d’água e cai-pora*, 1970, p. 183).

LDL

– Peixe fora d’água – Estar ou sentir-se deslocado ou desambientado, desconfortável em determinado ambiente (Uso popular oral).

Ex.: Teresa Karla sentia-se um peixe fora d’água, na casa da prima onde tinha que morar.

– Ser peixe – Indivíduo que, em geral por influência política, indica o outro a cargo ou emprego por favorecimento (Uso popular oral).

Ex.: Fabrício Nogueira dizia orgulhosamente aos amigos: O vereador Ananias é o meu peixe!

NFE

76. PERU – s. m. Meirão, o que fica por trás dos jogadores a observar-lhes as jogadas, às vezes dando palpites inoportunos (GIRÃO, 2000, p. 295).

“Ao lado dos jogadores, os indefectíveis perus” (PINHEIRO, Irineu. *Juazeiro do Padre Cícero e Revolução de 1914*, p. 94).

Perua – s. f. Mulher de vida fácil, prostituta (CABRAL, 1972, p. 619).

“Desde que o povo começou a chamar de peruas às filhas de Eva que têm má fama...” (MOTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*, 2002, p. 73).

Apodo irreverente e insultuoso (CABRAL, 1972, p. 619).

“Esta perua pensa que é santa” (BEZERRA, João Clímaco. *Não Há Estrelas no Céu*, 1948, p. 166).

LDGL

77. PIABA – s. f. Pessoa, em geral criança, que nada bem e ligeiro (GIRÃO, 2000, p. 296).

Ex.: Desde os seis anos, Ana Maria é uma piaba, o que muito orgulha os seus pais.

LDGL

– Pegar piaba – Calça masculina mais curta do que o natural, à altura da canela. O mesmo que pegar marreco (Uso popular oral).

Ex.: A calça nova de Antônio Cruz está pegando piaba.

NFE

78. PIRÃO – s. m. – Ir ao pirão / Pegar o pirão – Dirigir-se ao espaço em que se fazem as refeições principais (SERAINÉ, 1959, p. 206).

“Ergue-se o fazendeiro e convidou-me: – Boas falas! Vamos aos pirões!” (MOTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*, 2002, p. 60).

LDL

79. PORCO – adj. Indivíduo sujo, nojento, que faz as coisas sem esmero, remendão (GIRÃO, 2000, p. 301).

Ex.: A mãe sempre reclamava a Natanael: Meu filho, você é muito porco!

Pessoa indecente (CABRAL, 1972, p. 633).

“Mas o namoro do amigo era porco” (MARTINS, Fran. *Mundo Perdido*, 1940, p. 40).

Mal feito, mal-acabado (CABRAL, 1972, p. 633).

“Culpou os moradores de haverem feito serviço porco” (MARTINS, Fran. *O Cruzeiro Tem Cinco Estrelas*, 1950, p. 169).

s. m. Porre, pileque (GIRÃO, 2000, p. 301).

Ex.: Na festa em comemoração aos seus quarenta anos, Almeida Júnior tomou um enorme porco.

LDGL

– Nó de porco – Espécie de nó muito seguro, que dificilmente escorrega ou se desfaz (GIRÃO, 2000, p. 301).

Ex.: Para a segurança de quem dormisse na rede, Sebastião a fixou com um nó de porco.

– Espírito de porco – Pessoa intragável, que atrapalha tudo, intolerável, perversa (GIRÃO, 2000, p. 301).

“Não me leve a mal, não me chame espírito de porco” GALIZA, Ribamar. *Que Duas Belas Crianças!*, 1948, p. 131).

Porqueira – s. m. Pessoa desclassificada, indesejável, abjeta (mais usado no masculino (CABRAL, 1972, p. 633-634).

“Como se a vida daquele porqueira valesse ao menos...” (MARTINS, Fran. *O Amigo da Infância*, 1959, p. 142).

LDL

80. PUDIM – s. m. – Pudim de cana – Personagem do humorista David Cunha.

“Seja de cara limpa (...) ou na pele de personagens queridos, como (...) Pudim de Cana, ele arrancava gargalhadas por onde passava” (Tribuna do Norte – 24/11/2016. “Dez anos sem a graça de Espanta” www.tribunadonorte.com.br/noticia/dez-anos-sem-a-graa-a-de-es-panta/364408).

NFE

81. QUEBRA-QUEIXO – adj. – Muito gelado (GIRÃO, 2000, p. 309).

Ex.: Traga uma cervejinha quebra-queixo.

LDL

82. RABADA – s. f. – Na rabada – O último lugar (GIRÃO, 2000, p. 312).

“A novilha escapuliu e fomos na rabada dela” (RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*, 1962, p. 28).

LDL

83. RAPADURA – s. f. – Coração de rapadura – Pessoa delicada, de bons sentimentos (GIRÃO, 2000, p. 315).

Ex.: Nilda parece geniosa, mas tem coração de rapadura.

LDL

84. SALGADO – adj. Caro, de alto custo (CABRAL, 1972, p. 693).

“Comprei o terreno por preço já bastante salgado” (CARVALHO, Jáder de. *Sua Majestade o Juiz*, 1962, p. 339).

LDGL

85. SARAPATEL – s. m. Barulho, confusão provocada por pessoa muito irritada (CABRAL, 1972, p. 696).

“Quando ele chegou e soube da história, o sarapatel não foi deste mundo. Enfim um sarapatel brabo” (RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*, 1962, p. 21).

LDGL

86. SOPA – s. f. Coisa muito fácil de ser feita ou resolvida (GIRÃO, 2000, p. 333).

Ex.: Foi uma sopa viajar de Fortaleza para Aracati, a fim de conhecer e praia de Canoa Quebrada.

LDGL

87. SUSPIRO – s. m. Pequeno orifício para saída de ar e da sobra de líquido (CABRAL, 1972, p. 712).

“... abriram vários suspiros de saída” (LANDIM, Mario. *Mãe d'água e caipora*, 1970, p. 78).

LDGL

– Botar o dedo no suspiro – Não deixar alternativa (CABRAL, 1972, p. 712).

Ex.: Na segunda hora da reunião sobre o orçamento da empresa para 2019, o presidente do conselho administrativo assegurou dois milhões e botou o dedo no suspiro.

LDL

88. TAPIOCA – adj. Indivíduo que se diz torcedor de um time, geralmente de futebol, e com frequência é visto torcendo por outro (Uso popular oral).

Ex.: No que se refere aos torcedores de Ceará e Fortaleza, o Aguinaldo Rocha é tapioca.

NFE

89. TATU – s. m. – Pegar tatu – Cair, levar tombo (SERAINÉ, 1959, p. 251).

Ex.: A emoção era tão intensa que o noivo, Raimundo Ferreira, pegou tatu no primeiro degrau para o altar.

– Tatu enfezado – Pessoa baixinha e agastadiça (SERAINÉ, 1959, p. 251).

Ex.: Alice Correia era um tatu enfezado, e isso dificultava a solidez em as suas relações pessoais.

LDL

90. TRAÍRA – s. f. – Pegar traíra – Cochilar, cabecear de sono, toscanejar (GIRÃO, 2000, p. 346).

Ex.: Nas festas de aniversário dos netos, com frequência se via dona Gertrudes de França pegar traíra.

LDL

adj. Indivíduo falso, desleal, traidor (Uso popular oral).

Ex.: No bairro onde Pedro Malagueta mora, todos dizem que ele é traíra.

NFE

91. TRIPA – s. f. – Pau de virar tripa / Chico Tripa – Pessoa muito fina e alta (GIRÃO, 2000, p. 348).

Ex.: Carlito Feitosa se descontrolava quando no mercado o chamavam de pau de virar tripa.

– Tripa gaiteira – O intestino grosso (GIRÃO, 2000, p. 348).

“Fura na tripa gaiteira” (ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*, 1928, p. 97).

– Tripa vazia – Fome, estar com fome (GIRÃO, 2000, p. 348).

Ex.: Antes do meio dia, os filhos de dona Amelinha já gritavam: Mamãe, estamos com as tripas vazias.

– Dor nas tripas – Cólica intestinal (GIRÃO, 2000, p. 348).

Ex.: Nos primeiros dias de nascido, Daniel Neto constantemente chorava com dor nas tripas.

– Nó na tripa – Volvo (CABRAL, 1972, p. 570).

“Morreu de um nó na tripa” (OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, 1903, p. 95).

– Fazer das tripas coração – Munir-se de coragem; dispor-se a enfrentar o perigo ou a adversidade, desprezando situações humilhantes ou repugnantes (CABRAL, 1972, p. 259).

“O melhor é gastar esse dinheiro, mesmo fazendo das tripas coração” (CARVALHO, Jáder de. *Sua Majestade o Juiz*, 1962, p. 164).

LDL

92. TUTANO – s. m. Força, coragem, disposição (CABRAL, 1972, p. 751).

“Cadê tutano pra derrubar o boi?” (MARIZ, Ignez. *A Barragem*, 1994, p. 247).

Competência, conhecimentos gerais, preparo intelectual (CABRAL, 1972, p. 751).

“Ainda me falta tutano. Vamos dar tempo ao tempo” (CARVALHO, Jáder de. *Sua Majestade o Juiz*, 1962, p. 203).

LDGL

Acerca das unidades lexicais (lexias ou palavras de entrada) e suas definições – estas todas em sentido conotativo – vê-se que, em maioria, foram extraídas de fontes secundárias: os dicionários de falares cearenses já descritos. As abonações seguem, tal sentido e vêm, em quantidade destacada, de fontes primárias: obras da literatura cearense e, em menor número, têm origem na oralidade popular cearense ou se encontram registradas em obras de autores de outros estados nordestinos que compartilham com o Ceará o uso de tais expressões, com o mesmo ou diferente significado.

Referente ainda às lexias de entrada, constata-se que a maioria delas se encontra registrada também em dicionário geral (Ferreira, 2010), no qual são identificadas como *brasileirismo*, conceito pouco preciso que, no caso das expressões analisadas nesta pesquisa, não revela as características culturais e linguísticas singulares que elas expressam. Para Isquerdo (2006), esse termo, no Brasil, possui um “conceito polêmico que tem povoado discussões acerca das marcas dialetais em dicionários gerais da língua nomeadamente nas várias edições do Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira” (Isquerdo, 2006, p. 15).

Câmara Jr. (1973) colabora com essa questão ao segmentar o conceito de brasileirismo, que define como

Qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O brasileirismo pode ser: a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro (Câmara Jr., 1973, p. 66).

É na concepção de regional proposta por esse autor em que se localiza o glossário acima, visto que na relação entre língua e cultura, ao tomar esta em sentido diferencial (Bauman, 2012), o referido glossário assume uma territorialidade, descrita por Nunes (2002) como uma das condições de produção do discurso contido em obras dicionarísticas, relacionada a certo contexto e em certo espaço-tempo. Para esse autor, “o saber linguístico toma formas específicas conforme o território em que aparece, estabelece-se e transforma-se”. Por sua vez, “A territorialidade se relaciona a um real que constantemente clama por sentidos, e cuja interpretação estabelece limites espaço-temporais nos quais se inserem os sujeitos (Nunes, 2002, p. 108).

Com relação a esse tema, nota-se na pesquisa que a ressemantização de unidades da língua portuguesa como apresentada no glossário de culturemas da gastronomia cearense atende a necessidades de nomeação de fatos culturais inerentes a um grupo social em seu espaço delimitado. Contudo não se pode garantir exclusividade cearense quanto à origem e/ou à circulação dos termos estudados, porque a língua, em função das interações e dinâmicas sociais, não cabe em “fôrmas” ou se escraviza a espaços únicos. Importa para este trabalho é que as expressões estudadas demonstram em suas ocorrências as condições fundamentais para existirem enquanto culturemas que caracterizam a fala e a cultura do Ceará, ao tempo em que contribuem para a fraseologia da língua portuguesa.

A ressemantização acima destacada é outro fato que confirma a relação entre língua e cultura e, com isso responde à questão de pesquisa proposta nesta investigação, a respeito de como a língua e a cultura se relacionam através do léxico. Aqui, tal relação se dá



através do emprego conotativo das lexias expostas no glossário de culturemas da gastronomia cearense, que em seus registros escritos ou orais revelam-se concepções, valores e crenças culturais do povo do Ceará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os culturemas são signos ideológicos que representam contextos sociais, históricos e culturais e que materializam, por meio do léxico, os costumes, as crenças e os hábitos compartilhados por uma comunidade linguística. Essa concepção parte do pressuposto de que língua e cultura são inseparáveis: aquela é parte desta, enquanto veículo que possibilita e permite a transmissão da cultura em todo ato comunicativo interacional entre membros de um grupo.

Como um dos componentes da cultura social, a língua, em sua naturalidade, materializa-se espontânea e diversamente na prática cotidiana dos seus usuários, “conforme quem fala seja de uma ou de outra região, de uma ou outra classe social, se comunique com um tipo de interlocutor, queira vender uma imagem ou outra” (Possenti, 1997, p. 49). Logo, é preciso reconhecer a língua como o conjunto das variedades heterônimas e diversas da mesma língua utilizadas por uma determinada comunidade.

Depreende-se, então, que a língua molda uma realidade social, revelando-a ao mundo exterior à comunidade, e incorpora a realidade cultural de maneira a dar-lhe significados compreensíveis aos grupos aos quais os indivíduos pertencem, pelos meios que estes escolhem para se comunicar. Além disso, a língua reflete e simboliza a realidade cultural na medida em que as pessoas identificam umas às outras por meio dela, por conseguinte se constitui como um sistema de signos com importante valor cultural, e essa socialização contribui para o desenvolvimento de identidades culturais. São esses os meios pelos quais a língua participa da formação sociocultural dos sujeitos.

Nesse sentido, quando se observa o léxico inscrito na gastronomia típica do Ceará, verifica-se que, submetido à metaforização, ele é significativamente representativo das formas de fala espontânea do povo desse Estado. Tal léxico é tratado nesta investigação como culturema, precisamente por reunir aspectos da língua e da cultura, na forma de significados conotativos, expressões idiomáticas (ou locuções) e unidades fraseológicas (ou enunciados fraseológicos), como contributos à fraseologia da língua portuguesa e como reveladoras de práticas linguísticas e culturais cotidianas que representam crenças, hábitos e costumes.



Essas constatações permitem a retomada dos objetivos da pesquisa, para confirmar a consecução de cada um deles.

1. Inventariar cultuemas da gastronomia cearense como potencializadores da criação/existência de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas como contributos para a língua portuguesa.

É confirmada nesta investigação a hipótese de que a gastronomia do Ceará contém expressões de valor cultural que atendem às condições para serem nomeadas como cultuemas: vitalidade, produtividade, frequência de aparecimento e complexidade estrutural e simbólica (Luque Nadal, 2009).

Verificou-se esse fato após coletar, em dicionários de expressões típicas do Ceará, obras literárias, livros sobre gastronomia local e diferentes gêneros textuais, palavras do segmento gastronômico que nomeiam alimentos e submetê-las ao recurso linguístico da metáforização. O resultado desse exercício foi a identificação de inúmeras expressões idiomáticas (na forma de locuções) e de consequentes unidades fraseológicas (na forma de enunciados) que nomeiam diferentes características da cultura popular cearense.

Com essas expressões linguísticas e a relação delas com a cultura, confirmou-se também a afirmação colocada na pesquisa de que o componente gastronômico da consumação, para além da necessidade biológica de alimentar as pessoas, caracteriza-se como um ato social, pois em torno dele se materializa intensa interação dialógica, na qual os hábitos, os costumes e as crenças do povo aparecem em conversas informais e espontâneas com usos diversos de palavras e expressões conotativas, cuja origem são termos literais da gastronomia cearense.

Por fim, tais provas construíram as bases para o inventário de cultuemas da gastronomia cearense, cujo léxico foi metaforizado e resultou, como se observa no capítulo 03 da pesquisa, em consideráveis contributos à fraseologia da língua portuguesa.

2. Revisar criteriosamente a literatura existente sobre cultuemas, metáfora, expressões idiomáticas e unidades fraseológicas.



Esse objetivo foi responsável pelas escolhas e pela organização do estado da arte, para consolidar teoricamente a investigação. Antes de apresentar o desenvolvimento conceitual dos temas acima, foram abordados a etimologia da palavra ‘cultura’ e os diversos conceitos que esse termo tem suscitado. Com essa exposição inicial, optou-se pela abordagem de cultura como conceito diferencial (Bauman, 2012), por entender que os culturemas da gastronomia cearense manifestam aspectos singulares da cultura do Ceará que a distinguem de outras culturas presentes no próprio Estado e/ou no Nordeste brasileiro.

A revisão dos temas indicados nesse objetivo foi responsável pela sistematização do estado da arte, pois demonstrou definições específicas a cada um deles e estratégias para articulá-los na pesquisa, de forma que esta se consolidasse em seus propósitos. Exemplo disso foi a submissão dos culturemas, ainda em sentido literal, ao processo de metáforização, responsável por revelar a potencialidade destes para a produção de expressões idiomáticas (ou locuções) e unidades fraseológicas (ou enunciados fraseológicos) que, através da língua, revelam comportamentos, crenças e práticas culturais do povo do Ceará.

Constatou-se, então, que o lastro teórico e o estado de desenvolvimento conceitual dos temas selecionados nele reuniam, de fato, as condições fundamentais para consolidar esta pesquisa.

3. Apresentar as relações estabelecidas entre língua e cultura, através do léxico.

A consulta a diferentes fontes (teses, artigos, livros, coletâneas) acerca do léxico e suas relações com a cultura possibilitou compreendê-lo como um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma comunidade, de uma região e até de um país. E isso reflete percepções e experiências do povo, transmitidas de geração em geração, como testemunho de suas diferentes práticas. Nesse sentido, a língua é parte de uma estrutura social, porque a palavra não pode ser dissociada do grupo a que pertence.

O léxico, portanto, é um fato social, pois fora da sociedade a língua não encontra expressão, por isso só faz sentido pensar-se sobre ela em conexão com outros fenômenos sociais. Para os propósitos desta investigação, as unidades lexicais representam e nomeiam diferentes aspectos da cultura de um grupo ao exprimir suas visões particulares de mundo. Desse modo, refletem a multiplicidade do real e se constituem como a reserva na qual os

sujeitos dispõem as palavras ao ritmo de suas necessidades. Em outras palavras, elas são o acervo do saber vocabular de um grupo linguístico, social e cultural.

4. Expor o maior número possível de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas oriundas de culturemas da gastronomia cearense, como contributos à língua portuguesa.

O emprego da metáfora sobre os culturemas possibilitou elencar considerável número de expressões idiomáticas (ou locuções) e de unidades fraseológicas (ou enunciados fraseológicos), disponíveis no capítulo 03. Contudo, acerca desse fenômeno da língua, não foram explorados, em essência, todos os seus aspectos, como, por exemplo, as relações com a semântica, pragmática e a cognição, o que pode ser considerado como um limite deste trabalho.

Optou-se por uma abordagem modesta, mas que desse conta do objetivo de metaforizar os culturemas, para obter expressões idiomáticas e com estas formar os enunciados fraseológicos. A metáfora foi concebida, então, como o uso não convencional da língua, em que o significado das palavras não é estanque. Nesse sentido, a metáfora toma duas palavras e as compara, para utilizar apenas um dos seus tantos significados possíveis.

Essa é a concepção segundo a qual a metáfora detém certa regularidade. Assim, no enunciado “Malaquias é um pau de virar tripa” fala-se de um atributo físico de Malaquias (ser uma pessoa excessivamente magra) e de um atributo da tripa (ser uma parte muito fina do intestino). É a isso que se denominou de certa regularidade, pois se exclui a possibilidade de dizer sobre Malaquias que ele é, por exemplo, a parte de um todo ou um canal de trânsito e absorção de alimentos.

Uma das estratégias escolhidas para a composição do quadro de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas foi listá-las independentemente dos registros em dicionários, obras literárias ou outras fontes, com o objetivo de demonstrar a vitalidade, a produtividade e a circularidade com que elas se fazem presentes nos falares do povo do Ceará.

Compreende-se que esse registro espontâneo contribuiu importante para a composição do glossário de culturemas, disponível no capítulo 04, no sentido de que estes existem na língua especialmente quando atendem às condições propostas por Luque Nadal (2009): vitalidade, produtividade, frequência de aparecimento e complexidade estrutural.



5. Elaborar um glossário de culturemas da gastronomia cearense, comprovando os contributos deles para a língua portuguesa, além do vínculo inseparável entre cultura e língua, através do léxico.

A realização deste objetivo decorreu das possibilidades proporcionadas pelos anteriores, visto que a composição do glossário se subordina às concepções de cultura, de léxico e de metáfora, que confirmaram o potencial dos culturemas da gastronomia cearense para a formação do referido inventário lexical.

Do ponto de vista estrutural, o glossário seguiu a proposta de Faulstich (2010), e as lexias ou palavras de entrada são os culturemas, na perspectiva do léxico como portador do acervo linguístico-cultural de uma comunidade, em concordância também com Marçalo (2009, p. 03), para quem “O léxico abrange o saber linguístico partilhado pelos falantes e existe na sua totalidade no grupo formado pelos falantes da comunidade linguística em causa”.

O glossário produzido nesta pesquisa é também uma ferramenta de resgate, organização e preservação de uma importante parcela da cultura linguística do povo cearense e pretende colaborar com a compreensão de que a gastronomia é um bem imaterial (ou intangível) que permite a interação em torno dos valores culturais de um dado grupo social, como crenças, hábitos e costumes nomeados pelos culturemas e transmitidos de geração em geração.

Nesse sentido, deve-se ler o glossário como um texto organizado “em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua” (Orlandi, 2000, p. 97). Tal compreensão revela um posicionamento centrado na ideia de que o glossário é um instrumento de representação da memória social, na qual se estabelece a relação entre a língua e a cultura.

Portanto, a língua portuguesa inscrita no domínio da gastronomia popular do Ceará revelou neste trabalho todos os pressupostos necessários à composição de um glossário que se caracteriza – em sentido amplo, na linguística, e em sentido particular, na lexicografia –



como um instrumento de construção da memória sociocultural e que posiciona os cultu-
remas como um campo de pesquisa necessário e suficientemente consolidado para revelar
matizes variados das relações entre sociedade, língua e cultura.

Nesta altura, conclui-se que a realização desses objetivos responde às questões de pes-
quisa propostas (1. Os cultuemas da gastronomia cearense contêm potencial linguístico
capaz de contribuir para a fraseologia da língua portuguesa? 2. Como a língua e a cultura
se relacionam através do léxico? 3. O que deve conter e qual é a relevância de um glos-
sário de cultuemas da gastronomia cearense?), pois se constatou que os cultuemas sele-
cionados produziram, em sentido conotativo, uma série de contributos à fraseologia da
língua portuguesa, na forma de expressões idiomáticas (ou locuções) e de unidades fra-
seológicas (ou enunciados fraseológicos). Tais contributos revelam comportamentos so-
cioculturais e práticas linguísticas comuns ao povo do Ceará. A partir deles, foi composto
o glossário de cultuemas da gastronomia cearense – objeto no qual são sistematizadas as
relações intensas da cultura com a língua, já comuns à interação cotidiana.

REFERÊNCIAS

- * ABADE, Celina Márcia de Souza (2006). O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria C. Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges (Orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto.
- * AHUMADA LARA, Ignacio (2007). Panorama de la lexicografía regional del español. *Káñina, Rev. Artes y Letras, Univ. Costa Rica*. XXXI, p. 101-115.
- * ANDRÉ, Marli (2005). *Etnografia na prática escolar*. Campinas, SP: Papiros.
- * ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (2000). Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. *Revista do GELNE*, vol. 2, nº 1, p. 53-59.
- * ARANTES, Antônio Augusto (1990). *O que é cultura popular*. 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 36.
- * ARISTÓTELES (1996). *Poética*. Tradução: Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo.
- * BAKHTIN, Mikhail (1997). *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- * BARBOSA, Mara Aparecida (2001). Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT. Caderno de Terminologia, 1. p. 23-46.
- * BARROSO, Oswald (1996). *Reis do Congo*. Fortaleza: Museu da Imagem e do Som.
- * BARROSO, Parsifal (1969). *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora.
- * BAUMAN, Zygmunt (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução autorizada da segunda edição inglesa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Edição digital.

* BEVILACQUA, Cleci Regina (2004). *Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar*. Tese de Doutorado. Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA), Barcelona.

* _____ (2005). Unidades fraseológicas especializadas: estado da questão em relação à sua definição, denominação e critérios de seleção. Revista *TRADTERM*, 11, p. 237-253.

* BEZERRA, Analúcia Sulina (2003). Negros no Ceará: quando a memória questiona a história. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.

* BEZERRA, Antônio (2009). *Algumas origens do Ceará*. Edição Fac-Similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara.

* BHABHA, Homi (2003). *O local da cultura*. 2ª reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

* BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1978). *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

* _____ (1981). A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo.

* _____ (2000). Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 27-55.

* _____ (2001). Terminologia e Lexicografia. Revista *TRADTERM*. FFLCH – USP. São Paulo, v. 7, p. 153-181.

* _____ (2001). Introdução: As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.

* _____ (2001). Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.).

As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.

* BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação.* Porto: Porto Editora.

* BORBA, Francisco da Silva (2003). *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia.* São Paulo: Editora UNESP.

* BOSI, Alfredo (1995). *Dialética da colonização.* 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

* BRASIL. *Constituição Federal de 1988.* www2.camara.leg.br. Acesso Dezembro 12, 2018, em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>

* BRILLAT-SAVARIN, Jean (2001). *A fisiologia do gosto.* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.

* BURKE, Peter (2010). *A Cultura Popular na Idade Moderna.* Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras.

* CABRAL, Tomé (1972). *Dicionário de Termos e Expressões Populares.* Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará.

* CÂMARA CASCUDO, Luís da (2011). *História da Alimentação no Brasil.* 4ª ed. São Paulo: Global.

* CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1972). Língua e cultura. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (sel. e introdução). *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

* _____ (1973). *Dicionário de filologia e gramática.* 5ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon.

* CANCLINI, Nestor (1983). *As culturas populares no capitalismo.* Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense.

-
- * _____ (1989). *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- * CANESQUI, Ana Maria; DIEZ GARCIA, Rosa Wanda (Orgs.). (2005). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- * CARVALHO, Gilmar de (1994). *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Maltese.
- * CASARES, Julio (1992). *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: C.S.I.C.
- * CAVALCANTE, Sandra; FERREIRA, Luciane Corrêa; GUALDA, Ricardo (2016). Metáfora: diferentes perspectivas. *SCRIPTA*: Belo Horizonte, MG, v. 20, n. 40, 2º sem., p. 8-17.
- * CEARÁ. Lei nº 13.427 de 30 de dezembro de 2003. Institui, no âmbito da administração pública estadual, as formas de registros de bens culturais de natureza imaterial ou intangível que constituem patrimônio cultural do Ceará. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres (2008). *Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais*. Brasília: UNESCO/Educarte, p.158-159.
- * CHARTIER, Roger (1995). Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, p. 179-192.
- * CORPAS PASTOR, Glória (1996). *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.
- * COSERIU, Eugênio (1979). *Teoria da linguagem e linguística geral*. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. (Original publicado em 1962).
- * _____ (1990). Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: MELLO, Linalda de Arruda (Org.). *Sociedade, Cultura e Língua – Ensaios de Sócio e Etnolinguística*. CCHLA. FUNAPE. UFPB. João Pessoa.
- * CRIDA ÁLVAREZ, Carlos Alberto (2012). Fraseoparemiología e interculturalidad. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, vol. 1.

-
- * CUCHE, Denys (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC.
- * DIEZ GARCIA, Rosa Wanda (1999). *A comida, a dieta, o gosto: mudança na cultura alimentar urbana*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- * DURANTI, Alessandro (2000). *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press.
- * FAULSTICH, Enilde (2010). Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo *et al* (Org.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão*. São Luís, MA: EDUFMA, p. 166-185.
- * FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5ª ed. Curitiba: Positivo.
- * FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Dir.) (1998). *História da Alimentação*. Trad. Luciano Vieira Machado e Guilherme João de Freitas Teixeira. 6ª ed. São Paulo: Estação Liberdade.
- * FLICK, Uwe (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- * FUNES, Eurípedes Antônio (2007). Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- * GALENO, Alberto (2003). *A cozinha dos cabeças-chatas*. Fortaleza: RBS.
- * GARCIA, Hamílcar de (Org.) (1978). *Dicionário Moderno da Língua Portuguesa*. São Paulo: Rideel Ltda.
- * GERALDI, João Wanderley (1981). Tópico – comentário e orientação argumentativa. In: *Sobre a estruturação do discurso*. Campinas, SP: IEL/Unicamp, p. 63-90.
- * _____ (2011). Linguagem e identidade: breve nota sobre uma relação constitutiva. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 49, p. 9-19, jan./jun.

-
- * GIRÃO, Raimundo (2000). *Vocabulário Popular Cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- * GIRÃO, Valdelice Carneiro (1995). As charqueadas. In: SOUZA, Simone de (Org.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.
- * HALL, Edward (1976). *Beyond Culture*. New York: Anchor Press.
- * HAENSCH, Günther *et al* (1982). *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos.
- * HERNÁNDEZ, Humberto (1989). Los diccionários de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolíngue española. *Tübingen*: Max Niemeyer Verlag.
- * HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- * ISQUERDO, Aparecida Negri (2001). Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- * _____ (2006). Achegas sobre a discussão de regionalismos no português do Brasil. In: *Alfa*, São Paulo, 50 (2), p. 09-24.
- * _____; KRIEGER, Maria da Graça (2004). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- * KLARE, Johannes (1986). Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: *Revista de Filologia Românica*, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense.
- * KRIEGER, Maria da Graça (2010). Lexicologia, lexicografia e terminologia: aspectos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- * LAKOFF, George; JOHNSON, Mark (2002). *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). São Paulo: EDUC.

-
- * LEMENHE, Maria Auxiliadora (1991). *As razões de uma cidade: Conflito de hegemonias*. Fortaleza: Stylus Comunicações.
- * LIMA, Nonato (2003). Os dicionários do Ceará. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- * LIMA-HERNANDES, Maria Célia (2009). Análise do léxico em perspectiva funcionalista. In: ALVES, Ieda Maria *et al.* (Orgs.). *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH.
- * LUQUE NADAL, Lucia (2009). Los culturemas: unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Design* 11, p. 93-120.
- * _____ (2010). Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales. Relaciones entre fraseología y culturología. *Granada Lingvistica*.
- * MACHADO, Maria Clara Tomaz (2002). Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). *História e cultura: espaços plurais*. Uberlândia, MG: Aspectus, p. 335-345.
- * MARÇALO, Maria João (1992). *Introdução à linguística funcional*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- * _____ (2009). *Léxico*. Acesso Novembro 28, 2018, em www.edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/lexico
- * MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- * _____ (2015). *Metodologia do Trabalho Científico*. 7ª ed. - 10 reimp. - São Paulo: Atlas.
- * MARCUSCHI, Luiz Antônio (2004). O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto.
- * MARÍN HERNANDEZ, David (2005). La esencialización de la cultura y sus consecuencias en los estudios de traducción. *Trans*. Nº 9, p. 73-84.

-
- * MARONEZE, Bruno Oliveira (2008). As concepções saussurianas de formação de palavras. *ReVEL*. Edição Especial n. 2.
- * MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.) (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- * MIRA MATEUS, Maria Helena (2005). *A mudança da língua no tempo e no espaço*. ILTEC/FLUL. Acesso Janeiro 05, 2019, em www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_lingua.pdf
- * MOLINA MARTINEZ, Lucía (2001). *Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español*. Tesis doctoral. Universitat Autònoma de Barcelona.
- * _____ (2006). *El otoño del pinguino: análisis descriptivo de la traducción de los culturemas*. Castellón de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I.
- * MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma (2011). Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique (Orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- * _____ (2014). *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Vol. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- * MOTA, Leonardo (1987). *Adagiário Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- * NEWMARK, Peter (1995). *Manual de traducción*, Madrid, Cátedra.
- * NIDA, Eugene (1975). Linguistic and Ethnology in Translation Problems. *Word*, p. 194-208.
- * NORD, Christiane (2009). El funcionalismo en la enseñanza de traducción. *Mutatis Mutandis*, Colômbia, v. 2, n. 2, p. 209-243.
- * NUNES, José Horta (2006). Sobre a noção de “dicionário popular”. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 1028-1032.
- * _____ (2002). Dicionarização no Brasil: condições e processos. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes.

-
- * ORLANDI, Eni Puccinelli (2000). Lexicografia discursiva. *Alfa*, São Paulo, 44: 97-114.
- * _____ (2002). *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- * ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (2000). *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- * PAMIES BERTRÁN, Antonio (2007). El lenguaje de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural. In: LUQUE DURAN, Juan de Dios; PAMIES BERTRAN, Antonio (eds.). *Interculturalidad y lenguaje: El significado como corolario cultural*. Granada: Granada Lingvistica/Metodo, vol. 1.
- * _____ (2008). Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural. *Paremia* 17, p. 41-57.
- * _____ (2011). Motivación cultural y botanismos gastronómicos. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique (Orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- * _____ (2012). O projeto “Dicionários Culturais”. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, vol. 1.
- * PINHEIRO, Francisco José (2007). Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone de. *Uma nova história do Ceará*. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- * PINKER, Steven (1994). *The language instinct*. New York.
- * PONTES, Antônio Luciano (2009). *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: Ed. UECE.

-
- * PORDEUS JR. Ismael de Andrade (2003). Cearensidade. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- * POSSENTI, Sírio (1997). Gramática e Política. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.
- * POTTIER, Bernard (1978). *Linguística geral – Teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/Universidade Santa Úrsula.
- * RIVA, Huéinton Cassiano (2012). O levantamento de neologismos fraseológicos. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores vol. 1.
- * ROCHA, Delfina (2003). *Sabores e saberes do Ceará*. Fortaleza: Ed. do Autor.
- * RODRIGUES, Alexandra Soares (2015). *A Gramática do Léxico – Morfologia Derivacional e o Léxico Mental*. LINCOM GmbH. Linguistics Edition 104.
- * SAPIR, Edward (1980). *A Linguagem*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Editora Perspectiva.
- * SENAC. DN (1998). Maria Leonor de Macedo Soares Leal. *A História da Gastronomia*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional.
- * SERAINE, Florival (1959). *Dicionário de Termos Populares* (Registrados no Ceará). Rio de Janeiro: Organização Simões Editora.
- * TRIGUEIRO, Carlos; LEAL, Wills (2006). *Gastronomia Como Produto Turístico: Sabor Nordeste*. João Pessoa: Ideia.
- * UNESCO (2003). Tradução: Ministério das Relações Exteriores, Brasília. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* (Tit. Original: Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage). Paris.
- * VILELA, Mário (1997). O léxico do português: perspectiva geral. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 1, p. 31-50.
- * _____ (2002). *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.



* WELKER, Herbert Andreas (2004). *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus.

* XATARA, Claudia Maria (1998 a). O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.): 147-159.

* _____ (1998 b). Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, 42: 169-176.